



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
Instituto de Economia

**A SITUAÇÃO DO MERCADO DE TRABALHO E O FUTURO  
DOS SINDICATOS NUMA ECONOMIA GLOBALIZADA:  
O CASO DA TANZÂNIA**

**Shikunzi John Msanganzila**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Economia da UNICAMP para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Econômico – área de concentração: Economia Social e do Trabalho, sob a orientação da Profa. Dra. Adriana Nunes Ferreira.

*Este exemplar corresponde ao original da dissertação defendido por **Shikunzi John Msanganzila** em 18/09/2009 e orientado pela Profa. Dra. Adriana Nunes Ferreira.*

CPG, 18/09/2009

A handwritten signature in blue ink, reading "Adriana Nunes Ferreira", is written over a horizontal line.

Campinas, 2009

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca  
do Instituto de Economia/UNICAMP**

M879s	Msanganzila, Shikunzi John A situação do mercado de trabalho e o futuro dos sindicatos numa economia globalizada: o caso da Tanzânia / Shikunzi John Msanganzila. – Campinas, SP: [s.n.], 2009.  Orientador : Adriana Nunes Ferreira. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia.  1. Sindicatos. 2. Mercado de trabalho – Tanzânia. 3. Globalização. I. Ferreira, Adriana Nunes. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Economia. III. Título.
	09-031-BIE

**Título em Inglês:** Labour market situation and the future of trade unions in a globalized world economy: the case of Tanzania

**Keywords:** Trade unions ; Labour market – Tanzania ; Globalization

**Area de Concentração :** Economia Social e do Trabalho

**Titulação:** Mestre em Desenvolvimento Economico

**Banca examinadora:** Profa. Dra. Adriana Nunes Ferreira

Prof. Dr. Anselmo Luis dos Santos

Profa. Dra. Ângela Maria Carneiro Araujo

**Data da defesa:** 18-09-2009

**Programa de Pós-Graduação:** *Desenvolvimento Economico*

Dissertação de Mestrado

Aluno: SHIKUNZI JOHN MSANGANZILA

**“A Situação do Mercado de Trabalho e o Futuro dos Sindicatos numa  
Economia Globalizada: O caso da Tanzânia”**

Defendida em 18 / 09 / 2009

## COMISSÃO JULGADORA



**Profa. Dra. ADRIANA NUNES FERREIRA**  
Orientadora – IE / UNICAMP



**Prof. Dr. ANSELMO LUIS DOS SANTOS**  
IE / UNICAMP



**Profa. Dra. ÂNGELA MARIA CARNEIRO ARAÚJO**  
IFCH/UNICAMP

## **Agradecimentos**

Sou grato a várias pessoas que me ajudaram no desenvolvimento desta tese. Entre elas, minha supervisora Adriana Nunes Ferreira, que, desde o início me ajudou com sugestões construtivas e conselhos, e a Davii Antunes, que me ajudou nos estágios iniciais desta tese, ao sugerir-me um número de leituras relevantes sobre o assunto.

Sou profundamente grato a todos os professores e trabalhadores do Centro de Estudos do sindicalismo e do Trabalho (CESIT) e ao Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), juntamente a outros professores do programa da Global Labour University (GLU). Sem a sua hospitalidade e assistência notáveis este trabalho ainda poderia ser um cisco no olho de seu autor.

Ao longo deste trabalho, tenho sido capaz de receber a colaboração de meus amigos, Noel J. Alute, da Universidade de Santo Agostinho e Mng'ong'o Fredrick, da Universidade de Dar es Salaam, juntamente com os trabalhadores de todos os sindicatos na Tanzânia, que têm sido úteis no fornecimento de informações que vêm sendo úteis para a escrita desta tese.

Muitos agradecimentos ao secretário-geral e aos trabalhadores da União dos trabalhadores da Indústria e do Comércio da Tanzânia (TUICO) por me incentivar a terminar o trabalho e por me darem tempo suficiente para fazer isso. Não menos importante, agradeço aos meus pais e parentes que dedicaram todos os seus esforços, desde a minha infância, para se certificarem de que eu tivesse sucesso em meus estudos.

## **Resumo**

Esta tese analisa a situação do mercado de trabalho e do funcionamento dos Sindicatos do Comércio da Tanzânia nesta era da economia mundial globalizada. Ela começa discutindo a respeito do debate da globalização, antes de traçar a trajetória histórica da economia da Tanzânia e vinculá-la à natureza do movimento trabalhista que existia no curso do. Então, a tese analisa o funcionamento da economia na Tanzânia durante a era de reformas econômicas e examina a relação entre o desempenho econômico, o desenvolvimento social, a situação do mercado de trabalho e o funcionamento dos sindicatos na Tanzânia. Finalmente, a tese traz algumas recomendações sobre como os sindicatos do Comércio da Tanzânia podem agir nesta época de globalização.

## **Abstract**

This thesis analyses the labour market situation and the functioning of Tanzanian Trade Unions in this era of globalized world economy. It starts by discussing the debate on globalization before tracing the historical background of Tanzanian economy and link it with the nature of Labour movement that existed in the duo course. Then the thesis analyses the functioning of Tanzanian economy during the era of economic reform and examine the relationship between economic performance, social development, labour market situation and the functioning of Trade Unions in Tanzania. Finally the thesis come out with some recommendations on how Tanzanian Trade Unions can perform in this globalization epoch.

## CONTEÚDO

<b>CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO.</b>	<b>1</b>
1.1 Antecedentes do estudo	1
1.2 Objetivo Geral do Estudo	1
1.3 Metodologia	2
1.4 Revisão da Literatura	3
1.4.1 Debate da Globalização	3
1.4.2 Globalização e Sindicatos	6
1.5 História do Movimento Trabalhista na Tanzânia.	10
1.5.1 Sindicatos da Tanzânia no período Pré-Socialista	10
1.5.2 Sindicatos da Tanzânia no período Socialista e na crise	12
1.5.3 Sindicatos da Tanzânia na Era das Reformas Econômicas	14
1.5.4 Estrutura Organizacional dos Sindicatos da Tanzânia	16
<b>CAPÍTULO 2: GLOBALIZAÇÃO E ECONOMIA DA TANZÂNIA.</b>	<b>17</b>
2.1 Antecedentes históricos da Economia da Tanzânia	17
2.1.1 O período Pré-Socialista (1961-1967)	18
2.1.2 O período Socialista.(1968-1978)	23
2.1.3 O período da Crise (1979-1985).	27
2.2 Atuação Econômica após as Reformas	31
2.2.1 O Processo da Reforma	32
2.2.2 Desempenho do PIB	33
2.2.3 Tendências Inflacionárias na Tanzânia	34
2.2.4 Investimento Direto Estrangeiro (IDE)	36
2.2.5 Competitividade Econômica da Tanzânia	38
2.3 A ligação entre Desempenho Econômico e Desenvolvimnto Social	39
2.3.1 Estabilização e Políticas de Ajuste	41
2.3.2 A Agricultura como a espinha dorsal da economia	45
2.3.3 O desempenho do Setor de Mineração	47
2.3.4 O fraco desempenho das Fábricas	49
2.3.5 O Setor Bancário	51
2.3.6 Déficit Fiscal	52
2.3.7 O desempenho das exportações	54
<b>CAPÍTULO 3: A SITUAÇÃO DO MERCADO DE TRABALHO E O FUTURO DOS SINDICATOS</b>	<b>57</b>
3.1 Situação do Mercado de Trabalho	57
3.1.1 Distribuição da população em idade ativa	58
3.1.2 Desemprego.	60
3.1.3 Condição de trabalho	62
3.1.4 O emprego por setores	64
3.1.5 A relação entre o crescimento econômico e a elasticidade do emprego	65

3.1.6	A produtividade de trabalho e os retornos econômicos para os trabalhadores	68
3.1.7	Trabalho Infantil	69
3.1.9	Políticas do Mercado de trabalho	69
3.2	A situação econômica e suas implicações para o movimento trabalhista da Tanzânia	72
3.2.1	Leis de Trabalho na Tanzânia	75
3.2.2	Queda de associações	79
3.2.3	Falta de recursos humanos e financeiros	82
3.2.4	Conflitos internos e inter-sindicais	83
4	CONCLUSÃO E RECOMENDAÇÕES	85
4.1	Conclusão	85
4.2	Recomendações	87
4.2.1	Atraindo novos membros	87
4.2.2	Lobbying e Advocacia	89
4.2.3	Treinando dirigentes sindicais	90
4.2.4	Aliança com outros parceiros	91
4.2.5	Cooperação Internacional	92
	Bibliografia	93
	Apêndice	101

## LISTA DE FIGURAS

Fig.1 Fontes de ajuda para a Tanzânia	25
Fig.2 Crescimento Real do PIB (1993-2006)	34
Fig 3. Tendência Inflacionárias na Tanzânia	35
Fig 4.Relação entre manchete, inflação alimentícia e não alimentícia	36
Fig 5: A incidência da pobreza na Tanzânia de 1991 a 2007	40
Fig 6.O crescimento do PIB na Tanzânia por setores (2000-2006)	45
Fig 7:A contribuição Setorial para o PIB	46
Fig 8 Taxas Médias de Juros Nominais (2002-2006)	52
Fig 9.Tendências das receitas e despesas do Governo	53
Fig 10 Balança Comercial e reserve de moeda estrangeira (2000-2006)	55
Fig 11. Desemprego da população acima de 15 anos por sexo e faixa etária (2006)	60
Fig 12. Condição de trabalho (2006)	63
Fig 13. Relação entre crescimento econômico e elasticidade do emprego	66

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Comparativo da produção de culturas de Tanganyika para 1963 e 1964	20
Tabela 2: Fluxos do IDE por região anfitriã e economia (1987-1998)	37
Tabela 3: Fluxos do IDE por região anfitriã e economia (1990-2000)	38
Tabela 4: Distribuição percentual das despesas do governo (1965-1979)	42
Tabela 5: Investimentos de projetos TIC e o emprego por setores.	48
Tabela 6: Atuação do setor de fábricas da Tanzânia	50
Tabela 7: Orçamento do governo e fonte de recursos	54
Tabela 8: Grau de participação da força de trabalho na Tanzânia	59
Tabela 9:Elasticidade setorial do emprego na Tanzânia	67
Tabela 10: Número de trabalhadores que deixaram seus empregos e suas razões (1992-1998)	81

# **``A SITUAÇÃO DO MERCADO DE TRABALHO E O FUTURO DOS SINDICATOS EM UMA ECONOMIA MUNDIAL GLOBALIZADA, O CASO DA TANZÂNIA``**

## **CAPÍTULO UM INTRODUÇÃO**

### **1.1 Antecedentes ao estudo**

Historicamente, trabalhadores em economias controladas pelo estado procuraram os governos e sindicatos para protegerem seus interesses e corrigirem eventuais desequilíbrios de poder entre capital e trabalho. Com o início das chamadas políticas neoliberais em 1980, este papel por parte do estado foi revertida após 1980 na maioria dos países, incluindo a República Unida da Tanzânia. O neoliberalismo consiste em uma ampla gama de fenômenos sociais, econômicos e políticos, em diferentes níveis de complexidade, mas a característica mais básica do neoliberalismo é o uso sistemático do poder do Estado para impor (financeiramente) imperativos do mercado em um processo interno que é replicado internacionalmente pela ``Globalização`` (Saad-Filho e Johnston, 2005).

O maior problema que deu início ao estudo é o fato de que os sindicatos na Tanzânia parecem ser organizações fracas, com muitas contradições internas. O estudo analisa os fatores subjacentes à natureza dos sindicatos na Tanzânia e uma verifica a sua relação com o processo de globalização neoliberal.

### **1.2 O objetivo geral do estudo**

A globalização, como um processo a longo prazo se tornou o centro da discussão em quase todos os fóruns sócio-econômicos no mundo, milhares de livros foram escritos para explicar os fenômenos. Contudo, não é a intenção deste trabalho examinar o altamente controverso debate sobre a globalização. Ao

enfrentar o simpósio sobre a Região dos Grandes Lagos, o ex-presidente da República Unida da Tanzânia, Exmo. W. Benjamin Mkapa, comentou que “ *A globalização é uma realidade crescente e generalizada. Notáveis evoluções tecnológicas, particularmente nos campos das comunicações e informações, estão transformando a produção, o consumo e o investimento a nível mundial. Estas mudanças sem precedentes afetam as estruturas econômicas, as atitudes sociais e a natureza do trabalho e das empresas*”. (Benjamin Mkapa, 2004)<sup>1</sup>

O objetivo importante deste estudo é, portanto, avaliar os desafios aos sindicatos trazidos pela globalização, com referência ao movimento operário da Tanzânia. Ele irá analisar a situação da economia em geral, e a saúde do mercado de trabalho, e, ao fazer isso, traz recomendações sobre como os sindicatos do Comércio da Tanzânia podem operar na economia mundial globalizada.

### **1.3 Metodologia**

Ao realizar este estudo, vários métodos de coleta de informações ou de coleta de dados foram aplicados. Os métodos incluem revisões intensivas de literatura, entrevistas, discussões em grupos focais e questionários.

A literatura revisada inclui estudos sobre a globalização e o trabalho na Tanzânia e no mundo em geral, trabalhos apresentados em diversos seminários e congressos. O estudo também foi possível graças à utilização de bases de dados online, como os indicadores da OIT sobre o mercado de trabalho (KILM) e uma série de mecanismos de pesquisa.

As entrevistas foram realizadas com pessoas que, de uma forma ou de outra, estão ligadas ao mercado de trabalho da Tanzânia. Isso inclui representantes do governo, líderes de sindicatos, mediadores e árbitros, comissários de trabalho e empregadores. Um total de 27 entrevistas foram realizadas.

---

<sup>1</sup> W. Benjamin Mkapa é também co-presidente da Comissão Mundial sobre as Dimensões Sociais da Globalização. A Comissão, iniciada por Juan Somavia, da Organização Internacional do Trabalho (OIT). O outro Presidente é presidente da Finlândia, Tarja Halonen.

Além de informações recolhidas a partir de revisão bibliográfica e entrevistas, 22 debates em grupo foram conduzidos dentro de um amplo espectro de trabalhadores, e os questionários foram aplicados aos responsáveis dos sindicatos, ao Congresso dos Sindicatos da Tanzânia (TUCTA), à Associação dos Empregados da Tanzânia (ATE) e ao Ministério do Trabalho.

## **1.4 Revisão da Literatura**

### **1.4.1 Debate sobre a Globalização**

Há um grande número de definições para a globalização que já foram lançados, e muitas ainda são produzidas. Todo o mundo parece dar uma definição segundo a sua postura ideológica ou profissão. A definição do geógrafo para globalização é diferente de um historiador ou de um economista. Em seu livro "Geographies of Globalization", Warwick Murray dá um exemplo onde os alunos em uma competição de classe executada em 2004 foram orientados a definir o termo globalização (Veja Murray, 2006). Inúmeras definições do termo surgiram, mas todas elas diferem umas das outras. Esta diferença de opiniões dos alunos pode mostrar uma imagem do quão complexo é o debate quando se trata de intelectuais de várias áreas de estudo.

Luke Martell classificou os contribuintes do debate sobre a globalização em três categorias, que são: os globalistas, os céticos e os transformacionistas, ou pós-céticos (Martell, 2007). Segundo ele, a visão dos globalistas, que são muitas vezes são chamados de economicistas, é que a globalização é onde a mobilidade do capital, as corporações multinacionais e a interdependência econômica têm feito as economias nacionais se tornarem menos significativas, ou mesmo se tornassem inexistentes. Diz-se, portanto, que a economia mundial foi aberta, integrada e incluiu a maior parte do mundo. Essa postura tem sido o pilar de muitos teóricos neoliberais. Os neoliberais são guiados em grande parte pelas neo-teorias clássicas da economia, que consideram um ser humano como racional na natureza, ganancioso, cuja ambição, sempre, é maximizar o lazer e minimizar os sofrimentos. Para eles, a economia é uma ciência e porque eles consideram os seres humanos como indivíduos, afirmam que a economia começa com o micro e então com o macro e o motivo de um sistema econômico é o

de libertar os indivíduos através da criação de instituições capazes de lhes permitir o exercício da liberdade.

Nesta categoria podem ser incluídos Thomas Friedman, que em seu livro intitulado ``O mundo é plano `` explicou como economias do mundo e das sociedades foram integradas. Peter Dicken dispõe uma conclusão muito interessante de que o global é, portanto, uma ordem natural das coisas no mundo de hoje, impulsionado pela tecnologia, no qual o tempo-espaço foi comprimido, o fim da geografia chegou e todo lugar está se tornando o mesmo (Dicken, 1997). Isto significa que a globalização é uma boa causa para os papéis do mercado, o mundo vai ficar em equilíbrio e todos serão beneficiados.

Os céticos, por sua vez, argumentam contra os globalistas dizendo que seus argumentos são de natureza abstrata, afirmando que os processos de globalização afetam todas as áreas do mundo de forma uniforme e com as mesmas respostas. Eles alegam que a economia mundial está internacionalizada e triádica, em vez de global, e que a sua internacionalização não é sem precedentes nos últimos anos, na realidade, o mundo pode ter sido internacionalizado há cem anos do que é agora (Martel, 2007). Para os céticos, em vez de estar integrado, o mundo está desintegrado com uma diferença clara consolidada entre o centro e a periferia. Um bom número de exemplos foram dados pelos céticos de como alguns Estados-Nação mantiveram o seu poder e até mesmo da forma como a globalização cultural é um mito. Para os céticos, que são por vezes chamados como direitistas da globalização direitistas, isso não é nada além de um sistema de exploração dos fracos.

O outro grupo, que é dos transformacionistas, concorda com os cépticos sobre as suas evidências que mostram que a economia mundial não é globalizada, mas internacionalizada. No entanto, este grupo de teóricos deixa claro que há algumas mudanças que estão ocorrendo. Nesta conjuntura, há uma certa contradição, porque, com suas explicações eles parecem concordar com os pontos dos cépticos. Por exemplo, eles não concordam com os globalistas em sua noção de que a globalização varreu todas as coisas, e, ao invés disso, eles se baseiam na noção de que as coisas são mais complexas do que sempre se pensou. Eles concordam com os cépticos de que

há uma desigualdade global perpetuada pela globalização, mas, que essa desigualdade não está simplesmente no centro e na periferia. Em vez disso, acreditam que a desigualdade é mais complexa com o surgimento do grupo do meio e, portanto, têm uma natureza de três níveis. Isso parece ser o reverso do que aconteceu na integração precoce, como foi apontado pelo economista alemão Gustav Schmoller de que a sociedade, em 1872, era como uma escada com os degraus meio podres. A sociedade estava polarizada entre ricos e pobres e as nações de renda média tendiam a desaparecer (Ver Reinert, 2007).

Examinando os argumentos de todos os três grupos, pode-se perceber que todos eles concordam que há algumas mudanças que estão ocorrendo no mundo e onde eles diferem é a respeito das origens e sobre as consequências dessas alterações. Os globalistas vêem as mudanças como algo natural e que têm um término definido, como explicado por John Kenneth Gilbert em sua noção de «totemismo de mercado» de que todo mundo iria ficar mais rico enquanto o mercado tivesse um reino livre (Veja Reinert 2007). Os papéis do mercado são de mercantilização de produtos, determinação de preços, alocação de recursos, o racionamento, a prestação de informações e a falta de compensação e de excedentes. O mercado aqui é, portanto, uma força natural que conduz a alterações. Esta força tem sido referida pelo economista como uma mão invisível, que no final leva a situação a um novo equilíbrio.

Por outro lado, enquanto o transformacionistas concordam com os cépticos que as mudanças não são iguais em todas as partes do mundo, eles argumentam que o futuro da globalização é incerto e indefinido. Ele pode assumir diferentes formas ou mesmo uma forma reversa em vez de dar origem a crescente globalização. Aqui eles nos dão um ponto de partida especial para compreender a natureza e o funcionamento da globalização, porque com o reconhecimento da incerteza vem também o reconhecimento da importância da agência em decidir o que acontece no contexto da globalização, em vez de uma suposição de que ela seja pré-determinada ou inevitável, como sugerido por globalistas (Holton, 2005)

### 1.4.2 Globalização e Sindicatos

Hoje em dia há um debate entre os sindicalistas e outros estudiosos em geral sobre se as reformas do trabalho em curso na África, alimentadas pela globalização, oferecem uma oportunidade para a sustentabilidade das organizações sindicais ou não e sobre as ações a serem tomadas. Alguns estudiosos afirmam que os sindicatos nas economias pós-socialistas, como na Tanzânia, tem que envolver a adoção de funções e práticas inteiramente novas e desconhecidas. Simon Clarke, em sua análise de sindicatos Pós-socialistas da China e da Rússia argumentam que:

*“ A transição teve implicações radicais para o papel dos sindicatos. Os sindicatos tinham sido parte integrante do sistema de estado socialista, e não como representantes dos interesses dos trabalhadores em oposição à sua entidade patronal, o Estado, mas como meio de integração dos trabalhadores no sistema de estado socialista, executando funções do Estado no local de trabalho e além.” (Clarke, 2005: 9)*

O colapso do sistema estado-socialista, de acordo com ele, removeu a base sobre a qual os “sindicatos” do estado socialista desempenhavam suas funções tradicionais, mas a sua transformação em organizações que poderiam representar os seus membros e participar na regulação da relação de trabalho teria que envolver muito mais do que os seus esforços para estabelecer a independência do Partido-Estado. Escritores nessa categoria vêem que a principal estratégia de sobrevivência dos sindicatos no mar revolto da globalização é formular uma estrutura e objetivos completamente diferentes dos de seu passado. Porque as velhas estratégias eram compatíveis com o então vigente sistema sócio-econômico, então são necessárias novas estratégias que possam combinar com o conjunto sócio-econômico atual trazido pela globalização.

Ao discutir a transformação dos Sindicatos nas economias pós-socialistas, há outro grupo de estudiosos que defende que o desenvolvimento dos sindicatos pós-socialistas não foi simplesmente uma questão de suas próprias decisões estratégicas, mas foi fortemente restringida pelas prioridades dos empregadores e do Estado. Para os empregadores, os sindicatos que desempenham o seu papel tradicional continuam a

ser muito agradáveis, enquanto os sindicatos que buscam conter as ambições gerenciais são vistos como uma ameaça a ser evitada. Para o Estado, os sindicatos podem exercer funções administrativas úteis, bem como funções importantes de estabilizar e legitimar, em um período de crescente tensão social, desde que se comprometam a amenizar a tensão, em vez de explorar queixas. Tanto os empregadores quanto o Estado têm bastões muito poderosos para persuadir os sindicatos a permanecer dentro de seus papéis tradicionais, os quais eles não hesitam em usar, enquanto os sindicatos não têm tradição de mobilização e de seus membros não procuram os sindicatos para a sua proteção.

Entre os estudiosos com essa visão está Issa Shivji, que criticou as novas Leis do Trabalho na Tanzânia (Emprego e Relações do Trabalho Lei n.º 6, de 2004, e Instituições do Trabalho Lei n.º 7, 2004) ainda que um dos objetivos dessas novas leis fosse: *“ Promover o desenvolvimento econômico através da eficiência econômica, a produtividade e a justiça social..... fornecer um ambiente jurídico para as relações de emprego eficazes e justas e as padrões mínimos relacionados às condições de trabalho. Em geral para dar efeito às principais convenções da Organização Internacional do Trabalho, bem como outras convenções ratificadas.”* (p. 6)

Segundo Shivji estas duas leis não são nada além do esforço do governo e dos empregadores em acomodar os trabalhadores e os sindicatos na economia capitalista exploradora. Ele argumenta que essas leis dão o direito dos trabalhadores com uma mão e os tira com outra (Makoye, 2005). Os sindicatos, portanto, devem resistir e tomar atitudes contra o governo e as manobras dos empregadores. Shivji sugere que no mundo globalizado, de modo a atingir os seus objetivos, os sindicatos têm que alargar a sua rede de trabalho e sua influência empregando uma estratégia de trabalhar com a estreita colaboração de outras associações da sociedade civil, como Organizações Não Governamentais (ONG`s), organizações de base comunitária (CBO`s) e outros movimentos sociais.

Existem também alguns estudiosos como Andrew Herodes, que acreditam que os trabalhadores e os sindicatos têm se adaptado com sucesso aos desafios da globalização, porque como o capital se tornou global, os trabalhadores e os sindicatos

também se tornaram globais. Em seu ensaio intitulado "O Trabalho como agente da globalização e como um agente global" (Herold, 1997: 173) Herodes apontou que, ao invés de serem, necessariamente, vítimas da globalização, os trabalhadores têm muitas vezes desafiado, com êxito, em escala global, as ações das corporações Transnacionais. Ele reforça o seu argumento de que os trabalhadores, através dos seus sindicatos, têm desenvolvido uma cooperação Internacional no Trabalho (Sindicatos Globais), como a Federação Internacional dos Trabalhadores Metalúrgicos (IMF), a Federação Internacional da União dos trabalhadores Químicos, de Minas e Energia e gerais (ICEM), da União Internacional de Alimentação, Agricultura, Hotéis, Restaurantes, Catering, Tabaco e da Associação dos trabalhadores aliados (IUF), da União da Rede de Trabalho Internacional (UNI), Serviços Públicos Internacionais (PSI) e muitos outros. Muitos sindicatos na Tanzânia são afiliados a esses sindicatos globais. A União Tanzânia de trabalhadores da indústria e do comércio (TUICO), por exemplo, é afiliada à UNI, IUF, FMI, PSI, ICEM International Street e net.

Os escritores na categoria acima, portanto, vêem que a rede internacional é a principal estratégia dos sindicatos na era da globalização. Nesse grupo, há também Harvie Ramsay, que afirma que atividades como a coleta de informações e as campanhas de trocas solidárias como boicotes ou greves simultâneas e pressões políticas, tenderam a serem vistas como empecilhos para este objetivo.

A questão da globalização e da evolução do papel dos sindicatos também têm sido considerados de alguma forma patriótica por alguns autores que estão escrevendo contra as multinacionais e que propõem que os sindicatos devem ter estratégias para afastá-las. Esses autores consideram as multinacionais e as Empresas Transnacionais como as principais impulsionadoras da globalização. Greider, por exemplo, reclama que os trabalhadores em países como a China, onde os sindicatos são limitados e onde há proliferação das multinacionais, ganham muito menos do que o salário recebido pelos trabalhadores das instalações semelhantes em países de alta renda, mesmo que essas plantas possam operar simplesmente tão eficientemente lá. Ele explica o papel dos sindicatos como o de limitar a capacidade dos empregadores em explorar o poder de negociação dos trabalhadores. Portanto, escritores com este tipo

de explicação vêem que na situação atual todas as estratégias dos sindicatos devem estar focadas na luta contra as multinacionais.

Kjeld Jakobsen (Jakobsen, 2006), ao explicar o comportamento das empresas multinacionais no Brasil, salientou que o poder tremendo de MNC's, as desigualdades existentes e impunidades em um país como o Brasil, bem como a elevada taxa de desemprego e da informalidade poderiam sugerir que seja muito difícil desenvolver qualquer sindicalismo autêntico nessas empresas. Em parte é tudo verdade, mas aprenderam no Observatório Social que muitas coisas podem ser feitas. Como estratégia de fortalecimento dos Sindicatos no Brasil, portanto, segundo ele, foi a decisão da Central Única dos Trabalhadores (CUT) formar o Instituto Observatório Social, que surgiu em 1997. Os escritores que propõem a estratégia da luta para equilibrar o poder das multinacionais, adotando estratégias que tornarão os sindicatos fortes são desafiados por Martin Wolf que, em seu livro, intitulado "Por quê a globalização funciona", comenta que os sindicatos fortes na era da globalização vão elevar o custo do trabalho e só criar uma ilha de privilégios em um oceano de miséria (Wolf, 2005). Neste ponto Wolf escreve baseando-se nas idéias do famoso economista polonês Mikael Kalecki, que ao explicar o processo de fixação de preços por parte da empresa argumenta que a existência de sindicatos fortes em uma economia competitiva tenderá a reduzir as margens de lucro das empresas que irão manter baixo o grau de monopólio e, portanto, as margens de lucro. Segundo Wolf, portanto, para atingir um crescimento econômico que assegure o pleno emprego na era da globalização, os sindicatos têm de colaborar com os empregadores e com o Estado através da adoção de estratégias mais passivas, que permitirão a globalização para o trabalho em vez de perseguir políticas radicais que diminuem os lucros para os empregadores, causam demissões, e, assim, reduzem a adesão aos sindicatos e da força e, eventualmente, provocam a sua queda. É interessante notar que mesmo as Leis de trabalho da Tanzânia parecem criar um ambiente suave para os investidores, de modo a atrair investimentos estrangeiros.

## **1.5 História do movimento trabalhista na Tanzânia**

### **1.5.1 Sindicatos da Tanzânia no período Pré-Socialista (1961-1967)**

As sociedades civis como os sindicatos em um determinado conjunto econômico podem encontrar-se numa situação em que eles estão fazendo funções iguais ou diferentes mas com a finalidade de perpetuar o sistema, caso contrário eles podem encontrar-se antagônicos ao funcionamento do sistema, desafiando a sua autenticidade, enquanto o outro grupo trabalha apoiando o sistema. Durante o período colonial na Tanzânia, a relação entre o Estado colonial e sindicatos foi a de natureza que o Estado queria continuar com o sistema de dominação e os sindicatos lutavam contra o sistema. As opiniões eram diferentes e é por isso que os sindicatos se uniram para formar Federação do Trabalho Tanganyika (TFL), em 1957 e trabalhou em conjunto com a União Nacional Africana Tanganica (TANU) no movimento nacionalista para exigir a independência, na esperança de que após a independência, o novo governo iria trabalhar em conjunto com sindicatos para formar uma sociedade justa e progressiva. Os sindicatos, que eram afiliados à TFL, foram: --

- União Geral dos trabalhadores do transporte
- Sindicato dos Funcionários Públicos de Tanganyika (TUPE)
- Sindicato dos trabalhadores do governo local de Tanganyika (TLGWU)
- Sindicato dos Plantadores
- Sindicato dos trabalhadores domésticos e de hotéis
- Sindicato dos ferroviários africanos de Tanganyika (TRAU)
- Sindicato dos trabalhadores das docas e estivadores
- Sindicato Nacional dos correios e das telecomunicações (NUPTE)
- Sindicato dos costumes africanos de Tanganyika
- Sindicato dos trabalhadores de minas de Tanganyika (TMWU)
- Sindicato dos trabalhadores das docas de Tanganyika
- Somente um sindicato não se afiliou a TFL, no entanto ele trabalhou em colaboração com a Federação e ele é o sindicato Nacional dos professores de Tanganyika (TNUT)

No entanto, na Tanzânia, como em outras partes da África, a existência de sindicatos e de outras sociedades civis após a independência foi difícil devido à natureza dos estados que se formaram. Os que existiam não tinham ideologias diferentes das do estado e os que eram contra o estado eram banidos. Logo os sindicatos independentes desapareceram do mapa político africano ou foram postos no chão. De acordo com a economia Marxista, na economia do livre mercado o principal objetivo dos capitalistas que são os donos do capital é o acúmulo capital de capital e ganhos capitais. Sob essa economia, todos os recursos que são expropriados e o trabalho estão sendo explorados sob o mecanismo de mercado explicado pela teoria da alienação de Marx<sup>2</sup>. Ao escolher seguir o conselho do Banco Mundial e do FMI em práticas de políticas de desenvolvimento, o novo governo de Tanganyika, portanto, se viu cara a cara com uma colisão com seu velho inimigo, o sindicato sob a T.F.L.

Além de exigir mais rápida africanização de várias estruturas, os trabalhadores continuaram na exigência por salários mais altos após a independência. Esta fricção entre a TANU e os sindicatos começou quando a independência estava se aproximando e os Sindicatos se tornaram os maiores opositores. No total, foram 203 conflitos laborais, em 1960, que envolveram 89.000 trabalhadores, 101 litígios, em 1961, envolvendo 29.000 trabalhadores e 153 litígios, em 1962, envolvendo 48.000 trabalhadores (Guruli, 1976). O conflito foi iniciado pela TANU na tentativa de controlar os sindicatos, quando em 1960 o então Secretário-Geral TFL Sr. Michael Kamaliza propôs a centralização da organização financeira dos sindicatos. Esta proposta enfrentou forte oposição e provocou uma cisão fatal dentro da TFL. Um grupo apoiou a TANU e os Ferroviários, os Correios e o Sindicato dos servidores públicos. Ele fez isso e todos eles estavam perto do CISL. Trabalhadores gerais e dos Transportes fizeram o outro grupo, que se opunha à TANU.

---

<sup>2</sup>A teoria da alienação de Marx é baseada em sua observação de que a produção industrial em países emergentes, sob o capitalismo, os trabalhadores, inevitavelmente, perdem o controle de suas vidas e em si mesmos, para não ter nenhum controle de seu trabalho. Os trabalhadores nunca se tornam autônomos, auto-realizados como seres humanos em qualquer sentido significativo, exceto pela maneira como o burguês deseja que seja. A alienação nas sociedades capitalistas ocorre porque o trabalho de cada um contribui para a riqueza comum, mas só pode expressar esse aspecto fundamentalmente social da individualidade através de um sistema de produção que não é público (social), mas privado, onde cada indivíduo funciona como um instrumento, não como um ser social.

O Movimento Sindical em Tanganyika, portanto, foi finalmente submetido ao controle do governo e os sindicatos tiveram que apoiar o sistema. Os políticos alegaram que isso foi feito em prol da criação de sindicatos fortes para o aperfeiçoamento dos trabalhadores e do país. Uma vez que ele fosse um país novo, não poderia controlar o caos causado pelas ações industriais. O golpe final veio em 1964, após o fracassado motim do Exército no qual os sindicatos foram condenados por terem se envolvido. Por isso o governo assumiu o controle total da TFL, tornando-a um sindicato único e mudou seu nome para União Nacional dos trabalhadores de Tanganyika (NUTA ).

### **1.5.2 Os sindicatos da Tanzânia nos períodos da crise e socialista (1968-1989)**

O NUTA continuou a ser o único sindicato da Tanzânia e de Zanzibar. Não houve outros Sindicatos durante a era socialista. Mas, em 1977, na sequência de uma fusão de Tanganica com Zanzibar para formar a República Unida da Tanzânia, em 1964, uma decisão política foi tomada para mesclar o partido no poder em Zanzibar, o partido Afro-Shirazi (ASP), e o partido no poder no continente, o TANU, para formar um único partido político Chamado cha Mapinduzi (CCM).<sup>3</sup>

Na Constituição CCM, Sec. 87, estipula-se que, para além do partido, haveria cinco partidos na forma de organizações de massas. Estas asas incluíam os trabalhadores (JUWATA), as Associação de Pais, a ala jovem, as Cooperativas e as mulheres. Os trabalhadores (JUWATA) tinham responsabilidades além das de um sindicato, a de propagar a política do partido do socialismo e da auto-suficiência. Portanto, o sindicato do Trabalho existia formalmente, mas o governo o controlava.

Nos mercados de trabalho, a situação na Tanzânia foi a mesma que foi nos países comunistas do Leste Europeu e das ex-repúblicas soviéticas. Nesses países, os salários foram fixados administrativamente, os incentivos financeiros de pagamento (para trabalhar horas extras e sobre o cumprimento da norma do plano) foram

---

<sup>3</sup> Chama Cha Mapinduzi (Partido Revolucionário) foi o partido no poder na Tanzânia desde 1977 até hoje. Foi o único partido legal, até 1 de julho de 1992, quando emendas à Constituição nacional e uma série de leis de licenciamento e regulação da formação e as operações de mais de um partido político foram promulgadas pela Assembléia Nacional. Originalmente um campeão do Socialismo Africano, defensor do sistema de agricultura coletivizada e firmemente orientado pela esquerda, o CCM, hoje defende uma abordagem mais pragmática. Ele concebe a modernização econômica e as políticas de livre mercado como forma de elevar os padrões de vida dos cidadãos da Tanzânia,

relativamente pequenos e limitados aos empregados regulares, e incentivos não-financeiros eram muito mais importantes e tomou a forma de benefícios e de promoção de gestão de nível médio (ver Adelman e Vujovic, 1998). Demissões e contratações estavam sob a influência dominante do governo, através de JUWATA controlada, e as demissões se limitaram a relativamente poucos casos de trabalhadores politicamente incorretos e / ou dissidentes.

O papel da gestão das empresas também foi como em qualquer país socialista, muito reduzido devido ao planejamento central, e provou-se ser muito difícil desenvolver a consciência da produtividade, na sua gestão ou para os trabalhadores (Markey, 1998). Dado um grande número de empresas públicas durante aquele período na Tanzânia, o desemprego não ocorreu em pequenas parcelas, e uma coisa boa para os trabalhadores é que a administração não tinha o recurso da disciplina do mercado de trabalho por causa do bem-estar do estado extenso e do emprego virtualmente garantido.

Ambos NUTA e JUWATA usufruíram de uma alta adesão devido ao apoio do governo, mas como consequência funcionavam para promover políticas do estado e do partido no poder e as metas da empresa, por um lado e por outro, para oferecer serviços de bens sociais aos funcionários e representá-los em uma base individual com o funcionário. No entanto, essa dependência política acima e a integração com o partido apoiando o estado, juntamente à sua subordinação e desejo de liderança, não permitiu uma representação autônoma dos interesses dos funcionários, nem mesmo conflitos abertos com a gerência.

Portanto, NUTA e JUWATA não apoiaram nenhuma greve dos funcionários. O papel dos sindicatos era na verdade administrativo, mais do que representativo, cobrindo atividades como trabalho ideológico, mobilizações em apoio a campanhas políticas, promoção de objetivos econômicos de empresas, supervisão da alocação de benefícios de bens sociais (ex. moradia) e alguma responsabilidade por treinamentos. Na verdade eles eram como carimbos da gerência, mas por muitas vezes eram muito eficientes na promoção do bem estar dos trabalhadores com a empresa. Por exemplo, NUTA cuidou de formar a Corporação de desenvolvimento dos trabalhadores, mas isso

só ocorreu porque foram capazes de coletar uma grande quantia de dinheiro dos trabalhadores enquanto seus gastos eram baixos, comparados aos da TFL. Devido a isso, ela se assegurou de contratar peritos qualificados.

### **1.5.3 Os sindicatos na Tanzânia na era das reformas econômicas**

No início dos anos noventa, a Tanzânia adotou multi-partidos políticos com a primeira eleição geral em 1995. Com as mudanças que estavam acontecendo no âmbito político estava uma pressão crescente dos membros dos sindicatos por uma maior autonomia dos sindicatos. Portanto, com a introdução do sistema multi-partidário na Tanzânia em 1992, o conselho geral de JUWATA decidiu dissolver JUWATA e criou a Organização dos Sindicatos da Tanzânia (OTTU) visando a conquista da autonomia e visando se tornar independente do partido no poder. A decisão foi aprovada pelo governo e foi ratificada por um ato no parlamento, OTTU Ato No.20 de 1991. OTTU – como JUWATA antes dela – era o único sindicato para os trabalhadores. A única diferença era que a OTTU existia como uma organização ápice com sindicatos setoriais sob seu comando (Assens e Jensen, 2003). Durante a época da JUWATA, os sindicatos setoriais não existiam.

Em agosto de 1995, em seu primeiro congresso nacional, a Federação dos Sindicatos Livres (TFTU) surgiu com os 11 sindicatos como membros fundadores. Os sindicatos nacionais ainda eram registrados como afiliados a OTTU. A TFTU não possuía um estado legal não tinha autorização para negociar. As negociações aconteciam entre os respectivos sindicatos da indústria e os empregadores ou sua associação. Quando um acordo era registrado no Tribunal da Indústria, os sindicatos tinham que se nomear da "OTTU". O centro, na época, tinha alguns problemas internos e conflitos com seus afiliados.

O ato dos sindicatos No. 10 de 1998 foi promulgada para acomodar a demanda por sindicatos independentes. Com a Lei do sindicato, a qual se tornou operacional em 1 de Julho de 2000, esses desenvolvimentos dos sindicatos ganharam uma base legal. Com o ato no centro nacional, a TFTU, foi tecnicamente dissolvida, e os sindicatos das

indústrias que existiam tiveram que se registrarem outra vez. Apesar de algumas disputas internas, as secretarias gerais dos 11 sindicatos deram apoio ao novo ato em um acordo geral, embora criticassem partes dele, uma vez que ele possuía diversas restrições aos direitos dos sindicatos. As secretarias gerais descobriram que “... uma oportunidade surgiu ao se estabelecer uma federação livre e independente cuja liderança será eleita por trabalhadores e por isso, se tornará mais responsável por eles.”<sup>4</sup>. A formação do congresso dos sindicatos da Tanzânia (TUCTA) como uma nova organização protetora em Abril de 2001 marcou o fim preliminar da reconstituição.

A estrutura da TUCTA é muito parecida com a da TFTU/OTTU com uma única grande diferença: a TUCTA apenas cobre a Tanzânia central e por isso, não tem um secretário-Geral adjunto de Zanzibar. Os sindicatos atuais que são afiliados à TUCTA são:-

1. Sindicato dos Trabalhadores da Indústria e do Comércio da Tanzânia, TUICO.
2. Sindicato dos trabalhadores agrícolas e das plantações da Tanzânia, TPAWU.
3. Sindicato dos trabalhadores dos transportes e telecomunicações, COTWU (T)
4. Sindicato dos professores da Tanzânia, TTU/CWT.
5. Sindicato da Conservação, do Hotel, dos domésticos & Trabalhadores aliados, CHODAWU.
6. Sindicato dos trabalhadores do governo local da Tanzânia, TALGWU.
7. Sindicato dos marinheiros da Tanzânia, TASU.
8. Sindicato dos trabalhadores da construção e das minas da Tanzânia, TAMICO.
9. Sindicato dos trabalhadores ferroviários da Tanzânia, TRAWU.
10. Sindicato dos pesquisadores, acadêmicos e trabalhadores aliados, RAAWU.
11. Governo da Tanzânia e funcionários da saúde, TUGHE.
12. Sindicato dos jornalistas da Tanzânia, TUJ
13. Sindicato dos trabalhadores das telecomunicações da Tanzânia, TEWUTA.
14. Sindicato dos trabalhadores das Docas da Tanzânia, DOWUTA.

---

<sup>4</sup> TFTU:Publicação da Imprensa, 19 de Julho de 2000. Comitê geral das secretarias.

#### 1.5.4 Estrutura Organizacional do movimento sindical da Tanzânia

A estrutura do movimento sindical começa em nível federal onde há a TUCTA com quatro departamentos, que são:-

- ❖ Educação, Treinamento e participação dos trabalhadores.
- ❖ Desenvolvimento dos jovens e da mulher.
- ❖ Saúde ocupacional e segurança, meio ambiente e AIDS.
- ❖ Economia e pesquisa.

A TUCTA elegeu presidente e secretário-geral que ocuparam os cargos por cinco anos. O secretário-geral é o principal líder para as atividades do dia-a-dia da Federação com assistência por parte dos chefes de departamento. A TUCTA tem três órgãos principais, que são o comitê executivo, o conselho geral e o congresso.

Por parte dos sindicatos afiliados à TUCTA, as estruturas se assemelham com poucas exceções, especialmente quando se trata de distribuição de zonas e da natureza das hierarquias de base até o nível nacional (Chambua, 2002). Em geral, a maioria dos sindicatos tem três a quatro níveis em suas estruturas organizacionais, como mostrado no quadro abaixo.

<b>Níveis/Estágios</b>	<b>Sindicatos</b>
Filial, Distrito, Regional e Nacional	CWT / TTU
Filial, Distrito, Regional e Nacional	CHODAWU, TUICO
Filial, Distrito, Zonal e Nacional	TAMICO
Filial, Regional e Nacional	TALGWU, TUGHE
Filial, Zonal e Nacional	COTWU(T), RAAWU, TRAWU,TPAWU,TASU

Nota: Exceto por TALGWU e CWT/TTU uma região/distrito de um sindicato não coincide com a região/distrito político/administrativo.

## CAPÍTULO DOIS

### GLOBALIZAÇÃO E ECONOMIA DA TANZÂNIA

#### 2.1 Antecedentes históricos da economia da Tanzânia

Esse capítulo rastreia os antecedentes históricos da economia da Tanzânia dos anos iniciais da independência até o presente. Ele divide essa história em duas fases, que são as fases pré-reforma e a era das reformas, que começou nos anos oitenta. A segunda guerra mundial teve efeitos adversos não só para o mundo desenvolvido mas também para os países em desenvolvimento. A criação das Nações Unidas, a emergência do movimento pan-africano e a emergência da Guerra fria aceleraram os movimentos nacionalistas em muitas colônias. Tanganyika, que era um território tutelado pela Inglaterra, se tornou independente em 9 de Dezembro de 1961, sob a liderança de Julius Nyerere.<sup>5</sup> Nyerere serviu como primeiro-ministro por seis semanas após a independência de Tanganyika, e renunciou para estar com o povo e construir o partido que serviria seus interesses. Ele foi eleito presidente em 1962, quando o país se tornou uma república.

Como muitas colônias, Tanganyika foi integrada na economia mundial sob um modelo central e periférico através do qual ele dependia das exportações de matéria-prima agrícola e importação de bens manufaturados. As principais safras exportadas incluíam sisal, algodão e café. Com a expansão do comércio mundial durante a era de ouro as exportações capitalistas das colônias também expandiram. Embora ela não estivesse diretamente envolvida na segunda Guerra mundial, Tanganyika forneceu entre 80.000 e 100.000 tropas para as forças aliadas e se beneficiou bastante economicamente, uma vez que o país em si não viu nenhum combate. Com uma produção de comida

---

<sup>5</sup> Julius Kambarage Nyerere (13 de Abril de 1922 – 14 de Outubro de 1999) serviu como o primeiro presidente da Tanzânia e previamente de Tanganyika, da fundação do país em 1961 até sua aposentadoria em 1985. Nyerere que é citado como um socialista africano que tinha uma profunda fé no povo rural africano e em seus valores e formas de vida. Ele acreditava que a vida deveria ser estruturada ao redor da ujamaa, ou família estendida encontrada na África tradicional. Ele acreditava que nessa vilas tradicionais, o estado de ujamaa existiu antes da chegada dos colonizadores.

imperturbável e o crescimento dos preços internacionais da comida, o comércio de Tanganyika aumentou seis vezes entre 1939 e 1949. (Veja Adelman, 1998 e Coulson 1982). Mas durante o período de transição até a independência em Tanganyika, a maioria dos investidores estrangeiros não tinha fé no governo seguinte então eles decidiram retirar algumas somas enormes de capital para evitar riscos (veja Coulson 1982 e Potts, 2006) e a situação piorou pela escassez de chuvas que assolou o país.

### **2.1.1 O período pré-socialista (1961-1967)**

Esse é o período no qual o novo governo herdou a economia colonial. A estrutura da economia colonial foi baseada basicamente na agricultura e muito pouca atenção foi dada a outros setores, como o da manufatura. Por exemplo, entre 1961 e 1965 aproximadamente 60 por cento dos ganhos com exportações vinham da agricultura primária (Amani et al, 2003). O mecanismo de compra e venda ocorreu através de cooperativas autônomas de fazendeiros. Essas cooperativas se estabeleceram durante o período colonial britânico como sociedades civis para exigir preços melhores nas colheitas e distribuição justa de terras, e, posteriormente, se tornaram instituições de compra e venda agrícola. Mas o governo pós colonial as reformulou do início e deu a elas o trabalho de compra e venda.

Algumas das cooperativas importantes eram a Buhaya Coffee Planters Association, a Kilimanjaro Native Coffee Planters Association, a Usambara Native Coffee Planters Association e a Nyanza cooperative Union. Em 1963 havia mais de 800 sociedades com associações acima de 300.000 e em 1962 centenas de cooperativas e sindicatos se uniram para formar a União Cooperativa de Tanganyika. Essa multidão de sociedades estava diretamente ligada à Capital Nacional através do ministério de cooperativas e desenvolvimento da comunidade (Burke, 1964). As Cooperativas controlavam as vendas por atacado, varejo e negócio importador através das lojas e atacados da cadeia da Associação Cooperativa de fornecimento de Tanganyika (COSATA). O trabalho das cooperativas foi possível devido às sugestões e assistência técnica de Israel. As cooperativas também estabeleceram um Banco Cooperativo de Tanganyika em 1962 e a companhia de seguros nacional em 1963. Nas áreas onde as

cooperativas não operavam, o trabalho foi dado aos empresários privados que em sua maioria eram de origem Asiática.

O governo durante esse período impôs o plano de três anos para o desenvolvimento de Tanganyika (1961-1964), baseando-se na transformação e modernização. O plano visava o desenvolvimento da agricultura e da pecuária com seu trabalho de desenvolvimento subsidiário do fornecimento de água e irrigação; aperfeiçoamento e desenvolvimento das comunicações; desenvolvimento de educação colegial e técnica. De acordo com essa estimativa de exigências, foi proposto consignar 28.8 por cento das despesas públicas nas comunicações, energia e trabalhos, 20 por cento na agricultura e 13.7 por cento na educação, enquanto proporções menores eram alocadas para projetos voltados para terras e pesquisas, governo local, comércio e indústria, e saúde e problemas de trabalho (Che-Mponda, 1986).

O plano atingiu muitos de seus objetivos de acordo com o serviço de informações Britânico da Divisão de bibliotecas; As exportações foram reportadas num total de £48.3 milhões de Janeiro a Setembro de 1964, comparadas a £42.2 milhões para o período correspondente em 1963. Posteriormente, sob o plano de desenvolvimento de três anos, a produção de leite desnatado cresceu em 100 %; Fazendeiros africanos, especialmente nas regiões de Arusha e Kilimanjaro adquiriram mais de 300 cabeças de Jerseys e Borans, que são raças melhoradas de gado; Deu-se início a uma agricultura mecanizada, o governo importou 384 tratores em 1964 e havia 100,000 arados de bois em atividade em Tanganyika (Tanzânia central) em 1964 (Veja Che-Mponda, 1986). Essa melhora foi refletida na produção agrícola, como mostrado na tabela 1, a qual compara as produções em 1963 e 1964.

**Tabela 1:**

**Produção comparativa de safras de Tanganyika para 1963 e 1964 (Em Ton.).**

<b>Colheita</b>	<b>1963</b>	<b>1964</b>
1. Sisal.	214,000	239,000
2. Algodão	47,800	51,700
3. Café.	26,000	29,000
4. Chá.	4,900	5,700
5. Copra.	11,000	16,000
6. Piretro.	2,200	2,800
7. Tabaco.	2,300	2,000
8. Castanha de caju.	56,000	60,000
9. Açúcar.	49,000	59,000
<b>Total.</b>	<b>413,200</b>	<b>465,200</b>

Fonte: Adaptado de Che-Mponda A.H (1986), Fonte: *The Nationalist* (Quarta-Feira,9 de Dezembro, 1964), p. 13.

O sucesso do plano de desenvolvimento de três anos deu coragem ao governo, e assim, ele decidiu dar um passo adiante anunciando o plano econômico dos primeiros cinco anos para o desenvolvimento social e econômico (1964-1969). O alvo principal era elevar os padrões de vida e de educação. Serviços sociais estavam para serem expandidos. A modernização estava para ser acelerada. A agricultura estava para ser aprimorada ainda mais. Para atingir tais objetivos, o governo de Tanganyika encorajou o investimento estrangeiro na agricultura e na indústria do país, e recebeu de braços abertos a ajuda estrangeira direta.

Oportunidades de investimento foram abertas para interessados estrangeiros, o que incluía tanto empresas privadas quanto organizações estatutárias como a Corporação de Desenvolvimento do Bem Comum, que no começo do plano já havia investido em onze projetos que variavam da plantação de açúcar até a mineração de ouro.

Em 1964 Tanganyika se uniu à ilha de Zanzibar para formar a República Unida da Tanzânia<sup>6</sup>. A economia continuou a ser bastante aberta com uma mínima intervenção do governo, e, em 1965 surgiu a Corporação de Desenvolvimento Nacional, que amalgamou a Corporação de Desenvolvimento em formação de Tanganyika, e a Corporação Agrícola de Tanganyika foi formada. A N.D.C. pretendia ajudar a “estimular os interesses em oportunidades de investimento através da República” (Serviço de Informações Britânico, 1965).

Embora o presidente Nyerere e seu governo fossem muito ambiciosos, no plano de desenvolvimento de cinco anos os resultados não eram muito estimulantes. Em suas próprias palavras Nyerere afirmou:

“ A quantidade de investimento privado, que aconteceu durante o ultimo ano, é francamente uma decepção pra nós. Nós temos concessões de juros especiais para encorajar novos investimentos, nós temos garantias de investimentos para trazeremos capital para o país e temos muitos regimes destinados a encorajar o investimento privado de características básicas, o que servirá a nossa nação. Ainda, o nível de investimento privado não parece ser tão ótimo quanto o previsto no plano” (Nyerere, 1968)<sup>7</sup>.

Muitas razões são dadas para a falha do plano, mas a maioria delas parecem se basear nas visões que são na maioria das vezes advogadas pelas instituições internacionais, como descrito por Stiglitz que “quando quer que você falhe, o FMI corre

---

<sup>6</sup>Tanganyika se tornou um estado soberano em 9 de Dezembro de 1961 e se tornou uma república no ano seguinte. Zanzibar se tornou independente em 10 de Dezembro de 1963 e a república do povo de Zanzibar se estabeleceu depois da revolução de 12 de Janeiro de 1964. As duas repúblicas soberanas formaram a República Unida da Tanzânia em 26 de Abril de 1964. No entanto, o governo da República Unida da Tanzânia é uma república unitária que consiste do governo da União e do governo revolucionário de Zanzibar.

<sup>7</sup> Discurso do presidente na Assembleia Nacional em 8 de Junho de 1965.

em dizer que você não seguiu bem as instruções<sup>8</sup> e, sim, Tanzânia foi acusada de não seguir bem as prescrições. Nos primeiros cinco anos do plano de desenvolvimento, a Tanzânia toda a capacidade interna e tinha vantagens com a unidade nacional, que faltava com muitos países. O principal problema para a falha do plano foi o sistema mundial sócio-econômico ao qual a Tanzânia e outros países pobres estavam sujeitos durante o colonialismo e após a independência.

Esse modelo patrão-cliente, no qual a Tanzânia estava arraigada para dividir o mundo em centro e periferia, faz os países em desenvolvimento dependerem da ajuda e empréstimos dos países desenvolvidos. Por exemplo, no plano de desenvolvimento de cinco anos da Tanzânia, as fontes de finanças para o plano eram de aproximadamente £103 milhões para virem do governo central da seguinte maneira: £22 milhões de economias domésticas, e £80 milhões de programas estrangeiros de ajuda multilaterais e bilaterais. Era para o setor privado levantar £116 milhões, enquanto aproximadamente £31 milhões eram para estarem na forma de uma rede de influxo de capital durante o período dos cinco anos (Che-Mponda, 1986). Sob essa circunstância estava mais da metade do orçamento para o desenvolvimento, que depende das fontes estrangeiras. Assim, a nação pode ter três escolhas, que são: aceitar todas as instruções dos doadores ou adotar uma submissão seletiva e ganhar assistência financeira ou, de outra forma, decidir ter uma total rejeição ao desafiar ordens das grandes potências e, assim, sacrificar ajudas financeiras. A Tanzânia, sob o comando de Nyerere, optou pela Terceira alternativa, e os resultados tiveram efeitos de longo alcance.

O mal-entendido entre a Tanzânia e os países doadores começou em 1964 após a união entre Tanganyika e Zanzibar, quando a República Unida da Tanzânia decidiu reconhecer a Alemanha do Leste Europeu, que tinha relações com Zanzibar. Seguindo essa disputa diplomática, a Alemanha do Oeste, que estava entre os importantes

---

<sup>8</sup>Vencedor do prêmio Nobel, o economista Joseph Stiglitz, ao falar sobre seu livro, "Fazendo a globalização funcionar." Em 13 de outubro, 2006, no Google's Mountain View, CA, headquarters, <http://www.youtube.com/watch?v=UzhD7KVs-R4>.

doadores, deixou de ajudar a Tanzânia. Então, em 1965 a relação da Tanzânia com os Estados Unidos foi enfraquecida por causa das acusações da Tanzânia de que os EUA conspiravam com a queda do governo de Nyerere, e, no mesmo ano, houve um mal-entendido com a Britânica Rodésia do Sul (Atual Zimbábue), depois que a Inglaterra falhou em parar a declaração de Independência da Rodésia do Sul, sob o comando de Ian Smith. A Tanzânia rompeu sua relação com a Inglaterra, e como retaliação a Grã-Bretanha congelou seu auxílio econômico à Tanzânia e retirou seus peritos técnicos também. O efeito dos mal acontecimentos combinados equivaleriam ao suicídio econômico da Tanzânia. (Veja, Che-Mponda, 1986).

### **2.1.2 O período socialista (1968-1978)**

A falha do plano de desenvolvimento de cinco anos foi uma boa lição para a Tanzânia de que uma dependência externa excessiva não é desejável para o desenvolvimento econômico e, assim, houve uma necessidade de uma nova estratégia, o que permitiria a criação de uma economia internamente integrada. (Veja, Bigsten e Danielson, 2001). A nova estratégia era se basear nas transformações estruturais, que põem o estado sob o controle dos altos comandos da economia. Esse é o período quando a Tanzânia se tornou um país socialista, baseando-se no socialismo africano. Houve vários modelos de socialismo, que floresceram no mundo durante a Guerra fria, especialmente no Leste Europeu, sob a União Soviética e o Sudoeste da Ásia, especialmente da China.

A política socialista, que foi perseguida pela Tanzânia, foi declarada pelo governo em Arusha em 1967 e se tornou bem conhecida como a declaração de Arusha. A declaração, que foi o manifesto econômico, afirmava os princípios do socialismo e a auto-confiança como a base do desenvolvimento da Tanzânia. Esse tipo de socialismo na Tanzânia foi chamado de Ujamaa e foi baseado na vida comum com igualdade social baseados no controle comum da propriedade, o respeito mútuo e a obrigação dos capazes de trabalhar para trabalharem. (Rene Dumont, 1969). O desenvolvimento rural tinha que ser alcançados através da auto-confiança através da mobilização das

pessoas e dos recursos domésticos sem depender de ajuda estrangeira (Nyerere, 1967). No final deste documento.

No início dos anos 70 o governo havia consolidado sua influência em quase todas as atividades econômicas formais. O setor bancário e uma grande parte do setor industrial foi nacionalizado e o volume de comércio internacional e comércio privado de varejo tinham sido confinados em agências estatais. No caso dos preços, o mercado de preços foi substituído por preços administrados. Em 1974 a comissão Nacional de preços estabeleceu que no fim dos anos 70 estaria estabelecendo preços de 200 bens (Bigsten e Danielson, 2001). Durante a metade dos anos 70, também a maioria da população rural estava vivendo em vilarejos de Ujamaa, e as margens de compra e venda do governo substituíram as cooperativas de fazendeiros. A Tanzânia, que antes da independência não tinha relações com o leste começou a cooperar com ele, mas muito cuidadosamente, como pode ser revelado pelas próprias palavras de Nyerere quando ele disse:

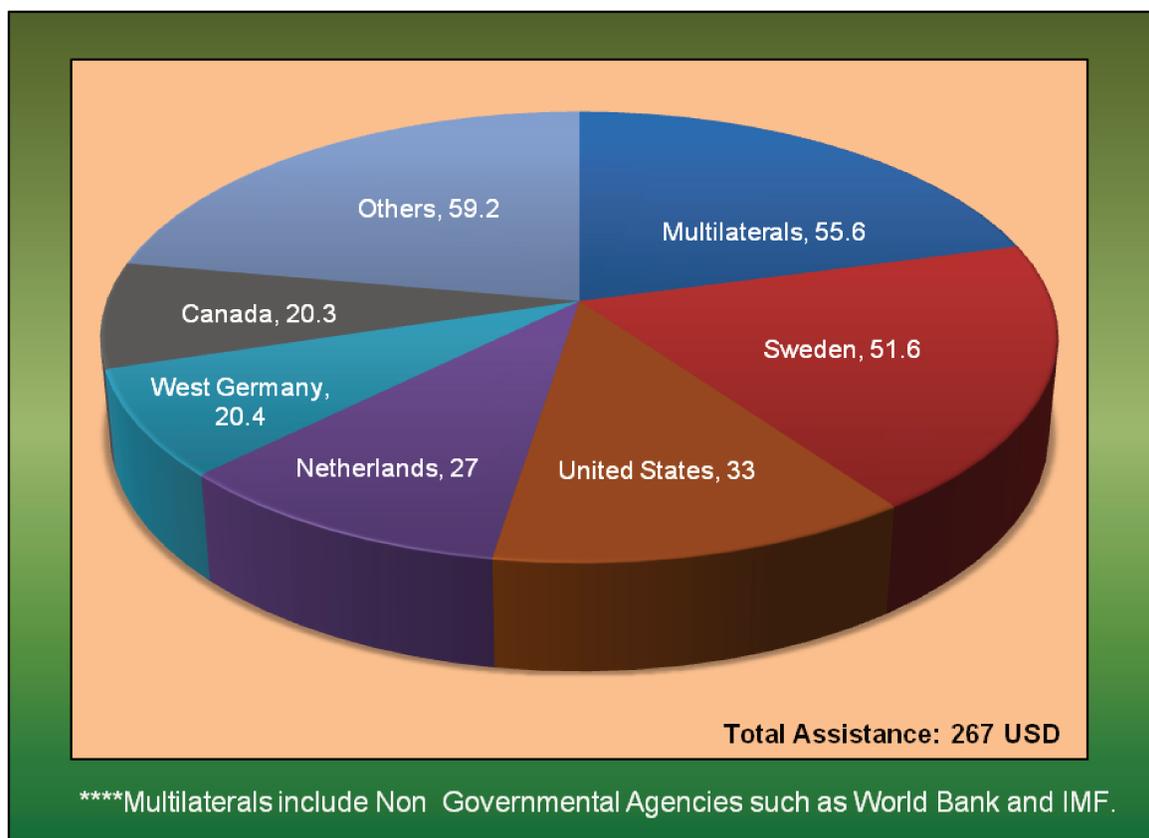
``Nós desejamos uma amizade com essas nações que não são do Oeste, tanto quanto com as nações do Oeste, na mesma base de não-interferência mútua com assuntos internos. Nós não devemos permitir que nenhum de nossos amigos seja exclusivo. Nós não devemos permitir que ninguém escolha nenhum de nossos amigos ou inimigos por nós`` (Nyerere, 1968).

Essa posição de não aliança da Tanzânia funcionou, porque os chineses vieram pra assistir a Tanzânia em vários projetos, sendo o primeiro deles a construção da Ferrovia Tanzânia-Zâmbia (TAZARA), ligando a Tanzânia com a terra produtora de cobre, a Zâmbia. A ferrovia foi aberta em 1976. Esse movimento pelos chineses durante a era da Guerra Fria alarmou os EUA, e portanto, reativaram seu programa de ajuda auxiliando na construção da Ferrovia Tanzânia-Zâmbia (TANZAM). A Tanzânia também começou a receber ajudas financeiras dos países sócio-democratas, especialmente os países escandinavos. Assim, quando o governo renovou a estratégia básica das indústrias, em 1975 a maioria dos investimentos eram apoiados por doadores. A figura 1 abaixo mostra os maiores doadores da Tanzânia em 1976.

A figura abaixo revela o fato que, embora a Tanzânia tenha anunciado o socialismo, o governo ainda dependia de recursos estrangeiros para a sua receita de desenvolvimento e, assim, havia uma necessidade de criação de políticas que fomentassem a economia interna orientada. Então emergiram algumas discordâncias entre os doadores nos anos setenta sobre a Tanzânia, onde diversos doadores a apoiavam, e o FMI se tornou mais e mais crítico com relação aos preços domésticos da agricultura, uma estrutura industrial básica e a taxa cambial (Collier, 1991). Mas Nyerere ficou atento e tornou bastante rígido com as instituições financeiras internacionais.

**Figura1:**

**Fontes de ajuda para a Tanzânia em 1976 (Em milhões de Dólares Americanos)**



Fonte: Organização de desenvolvimento econômico, Quadro de dados de herança.

O período socialista na Tanzânia registrou um crescimento de renda de 0.7 por cento. Esse crescimento foi gerado pelo setor de administração pública, com uma considerável contribuição da agricultura e da manufatura (Bigsten e Danilson, 2001). No entanto, a declaração de Arusha trouxe diversas transformações para a Tanzânia. Por exemplo, um lucro líquido no valor de 557.7 milhões de xelins da Tanzânia foi retido pelo Banco Nacional do Comércio entre 1967 e 1976 (Nyerere, 1977). A industrialização começou nas fábricas de trabalho intensivo que estavam produzindo baterias (Matsushita Electric Co), implementos agrícolas, pneus, vigas, rádios, açúcar e chá, refinarias, etc. Algumas das fábricas nacionalizadas, ex.: fábricas de calçados e tabaco se expandiram bastante.

Tecelagens se proliferaram em diversas partes do país para consumir a matéria prima local. Por volta de 1975 havia oito tecelagens com capacidade de produzir 84 milhões de metros quadrados de tecido. Em 1977 a Tecelagem Urafiki, em Dar-es-Salaam, estava produzindo 35 milhões de metros quadrados de tecido por ano. Essa foi uma expansão acima da produção de 26 milhões de metros de 1975 (Kamisa et al, 1977). A SUNGURATEX aumentou sua produção durante o mesmo período, de 12.6 milhões de metros para 22 milhões de metros por ano. Da mesma forma, MWATEX em Mwanza dobrou de 22.7 milhões para 45.4 milhões de metros anualmente. Além disso, uma fábrica de carpete de sisal foi construída em Kilosa, juntamente com novas fábricas de cimento estabelecidas em Tanga e Mbeya.

Além dos sucessos acima, nesse período os apoiadores das reformas econômicas trazem um número de deficiências as quais eles dizem estarem atribuídas a suas falhas. Em primeiro lugar, a gerência das empresas públicas era ineficiente, já que os gerentes eram escolhidos sem base nas suas habilidades, mas se baseando em suas situações e posições no partido. Outro problema no campo dos peritos foi a crença de que as dificuldades econômicas resultaram de uma deficiência de habilidades, ou seja, que o problema era quantitativo, assim, uma dependência do governo por um planejamento de mão de obra. Isso não significa que houve uma deficiência de mão-de-obra qualificada mais do que as qualificações e habilidades eram em muitas situações inapropriadas para as demandas do mercado. Na realidade, o problema

parece ser qualitativo, uma falha ao fornecer novos recrutas e estabelecia os funcionários com o conhecimento requisitado e habilidades para eficientemente e efetivamente satisfazer os deveres associados a um cargo em particular. Um exemplo disso era a política de um lugar garantido para concluintes do ensino médio e formandos da função pública e paraestatais. Isso resultou em uma situação a qual a prática levou a níveis sempre crescentes de ineficiência.

Além disso a qualidade de produtos era muito pobre, porque os trabalhadores estavam visando atingir alvos, que eram estabelecidos, e assim, os produtos não eram competitivos. Outro problema era o então conselheiro econômico do presidente Nyerere, professor Simon Mbilinyi, uma vez foi comentado que eles formavam muitas empresas estatais em um período muito curto, tornando difícil a gerência delas. O número de empresas do setor público (paraestatais) e de funcionários cresceu rapidamente, de 42 paraestatais de 1967 a 425 em 1984, um crescimento de dez vezes (Malima 1992).

Essa expansão exigiu um quadro de administradores instruídos e outros trabalhadores habilidosos, alimentados principalmente por diplomados e formandos colegiais. O governo, de acordo com a OIT, prestou pouca atenção nos trabalhadores produtivos, mais do que isso, 'a preocupação não era com os ganhos ou serviços de produção, mas com os 'serviços de despesas' (OIT 1981).

### **2.1.3 O período da Crise Econômica (1979-1985)**

O período da crise na Tanzânia foi o período no qual a economia experimentou uma queda. As elites a favor do FMI e do Banco Mundial puseram todas as falhas econômicas desse período como culpa das políticas socialistas ineficientes. No entanto não é segredo que esse é o período no qual as economias de todos os países, com poucas exceções dos países do Leste Asiático, estavam em recessão.

A origem da crise de 1980 se dá, em grande parte, devido aos eventos dos anos setenta. Nos anos 70, os países importadores de óleo foram desafiados por uma

grande balança de déficits comerciais, acompanhando o aumento do preço do óleo de 1973-74. Mas a essa altura havia uma liquidez financeira abundante no mundo, resultante da balança líquida construída pelos produtores de óleo. Bancos comerciais emprestaram para países em déficit, com pouca hesitação ou com uma avaliação cautelosa, em grandes quantidades e juros baixos. Esse processo causou o crescimento de uma dívida estrangeira enorme, que parecia sustentável enquanto os juros eram baixos, os preços das comodidades eram flutuantes e os bancos comerciais estavam dispostos a continuar emprestando, pelo menos para rolar a dívida antiga (Stewart, 1995). Contudo, no final da década, a situação se tornou oposta, quando o início da era do monetarismo foi marcado por juros realmente altos e por uma relutância dos Bancos Comerciais em continuar emprestando para os países em desenvolvimento.

Na Tanzânia a situação piorou devido ao fato de que em 1978 a Tanzânia entrou na Guerra contra a vizinha Uganda e gastou uma alta quantia em dinheiro para financiar essa guerra. O valor de gastos com defesa, no total das despesas públicas, por exemplo, aumentou de 12.3% em 1976/77 para 24.4% em 1978 (Kjell.Havnevik\_Finn Kjaerby at.al 1988). Devido a isso, o governo teve que apertar ainda mais o regime de controle, conforme se esforçava para financiar o aumento das despesas e, ao mesmo tempo, manter a estratégia de importação intensiva das indústrias básicas, enquanto as exportações estavam caindo. O efeito cumulativo foi um aumento na conta de importações da Tanzânia, de US \$748 milhões em 1977 para US \$1,219 milhões em 1980, enquanto os ganhos com exportações caíram de US \$543 para US \$506 no mesmo período. O resultado geral foi uma balança acumulada de déficit de pagamento de aproximadamente US \$530 em 1978-81. Isso corroeu as reservas cambiais estrangeiras, que haviam sido formadas em 1976- 77. Enquanto isso, a Tanzânia começou a acumular atrasos de pagamentos. A situação piorou mais tarde devido a uma péssima gestão das empresas estatais, que deveriam ter um papel importante na economia de Ujamaa (Meena, 2008). Depois da guerra de Uganda, era óbvio que a economia estava caindo em alta velocidade, mas a Tanzânia sob o comando de Nyerere não estava pronta para mudar suas políticas macro-econômicas. Isso fez o país entrar em conflito com os doadores mais uma vez.

O FMI propôs que o governo da Tanzânia tinha que tomar diversas medidas de estabilização e ajuste, incluindo uma desvalorização de 15 por cento. Mwalimu, como Nyerere, que era famosamente conhecido (Segundo o professor), vetou as sugestões e assim, o diálogo com o FMI foi rompido em 1978-79 (Bigsten e Danilson, 2001). Ao contrário, o governo da Tanzânia decidiu implementar seu próprio plano doméstico de desenvolvimento, o Programa Nacional de Sobrevivência Econômica (NESP) em 1981-82. No entanto, as reformas no NESP foram limitadas e mal-sucedidas. O NESP pretendia resistir à abordagem imposta do Banco Mundial, que incluía a minimização do papel do estado na economia, a remoção da proteção dos produtores domésticos e a promoção da privatização, a desvalorização da moeda local e a eliminação dos subsídios, tais como aqueles fornecidos aos fertilizantes e comida (Meena, 2008).

Como parte da reforma, o governo reviu o setor da saúde, que havia sido seriamente afetado pelas restrições de recursos. Na revisão do programa de Saúde Pública em 1984, foi sugerido que o Ministro da Saúde tinha que ser mais agressivo para aumentar sua participação no orçamento do Governo. A revisão recomendava mais tarde que as comunidades locais deveriam começar a contribuir com seus próprios serviços de saúde, através de esquemas cooperativos desenvolvidos por conselheiros das vilas. Ela sugeria que muito dos custos com saúde pública poderiam ser transferidos para a comunidade, particularmente em pagamentos em espécie para a manutenção das facilidades, e através do uso de trabalhadores da saúde que morassem nas comunidades. Além disso, a saúde deveria obter uma parte dos recursos do governo (URT 1984).

O NESP também falhou, e sua falha contribuiu bastante para a retirada dos fundos dos doadores destinados ao financiamento da economia da Tanzânia. O governo surgiu com outro programa em 1983, que foi o Programa de Ajuste Estrutural. Esse programa veio mais tarde, mas não conseguiu as bênçãos dos doadores, desde que eles afirmaram que não abordariam a questão da super-valorização dos juros cambiais e a liberalização da compra e venda agrícola. Os doadores do Oeste e IFI eram fortes e

influentes em suas decisões desde esse era o período onde o bloco soviético estava em queda e a China já tinha começado a liberalizar sua economia. Isso significa que não havia mais medo de uma revolução comunista pelo capitalismo neo-liberal.

Em tal ordem econômica mundial, foi dito aos países em desenvolvimento que eles não tinham escolha além de aceitar as prescrições oferecidas pelo FMI, pelo Banco Mundial e pela OMC, sob a proteção da Globalização econômica. Aqui pode-se provar, sem nenhuma dúvida, a observação de Joseph Stiglitz's de que apenas os grandes países industrializados como os EUA são capazes de rejeitar as políticas do IFI quando descobrem que estão errados, mas para um país pobre como o Malawi, a decisão de rejeitar os conselhos do IFI será tomada num ato de irresponsabilidade e ansiosa com as políticas macro-econômicas (Stiglitz, 2002). Esse país pobre irá, portanto, enfrentar a punição de ter fundos negados pelo IFI e ter outros doadores persuadidos pelo IFI. Para um país como a Tanzânia, que depende bastante de fundos externos, isso será como uma pena de morte.

Não há diferença entre uma situação na qual um medico força um paciente a tomar um certo tipo de remédio por adores de cabeça e quando o paciente se recusa e ao invés disso sugere um outro remédio. O médico, irritado, conta aos seus colegas e pede a eles que não tratem aquele paciente por dor de cabeça ou por outro tipo de doença que ele possa ter. O resultado para isso é que o paciente tem que voltar e se desculpar com o médico ou aceitar a morte. A situação na Tanzânia cresceu com tensão enquanto a economia estagnou e a inflação aumentou. Durante o período da crise, a renda per capita caiu para 1.5 por cento por ano, de acordo com estatísticas oficiais. Mas as estatísticas são particularmente incertas para esse período porque o sistema de preços estava em desarranjo e muitas das atividades econômicas haviam se movido para a economia paralela (Bigsten e Danilson, 2001). Estatísticas por Bevan et al (1988) baseadas em pesquisas de orçamentos domésticos baseados no Mercado negro sugerem declínios de renda mais significativos. A administração pública ainda estava crescendo, embora a taxa de crescimento havia caído apenas menos de 4 por cento.

Esse período de crise foi caracterizado por debates políticos internos sobre mudar ou não as políticas de macro-economia (Veja Bigsten, Mutalemwa, Tsikala e Wangwe, 2001). A Tanzânia tentou negociar com o Banco Mundial e com o FMI para empréstimos para amenizar a situação. Mas essas instituições se recusaram a emprestar para o país, a menos que mudanças fossem feitas nas direções políticas, implementando programas de ajustes estruturais. Essas instituições exigiram que a Tanzânia desvalorizasse sua moeda significativamente, congelasse aumentos de salários, aumentos de juros, descontrolasse preços, removesse subsídios nas entradas agrícolas e nos produtos alimentícios, relaxasse os controles das importações, encorajasse investimentos privados e reduzisse os gastos públicos, cortando o orçamento dos serviços sociais. Enquanto alguns setores dos economistas, planejadores e políticos apoiados pelos SAP; alguns advogados e cientistas sociais se opuseram a eles pelas tendências anti-igualitárias e contra o bem social (Chachage. 2003). No entanto, em 1984 o governo finalmente fez seu primeiro grande movimento em direção à liberalização ao adotar um esquema de fundos próprios que permitiu que os importadores obtivessem licenças sem declarar suas fontes de renda.

## **2.2 Desempenho econômico após as reformas (1985-2005)**

Devido à crise econômica a Tanzânia não tinha nada a fazer além de aceitar as prescrições do FMI e do Banco Mundial de políticas de estabilização e de ajustes estruturais. Os cinco principais objetivos das políticas de ajustes estruturais (SAPs) podem ser resumidos no quadro 2 abaixo.

### **Quadro 2. Objetivos das políticas de ajustes estruturais.**

- ❖ Aperfeiçoamento da balança externa entre importações e exportações. Essa meta é perseguida através da redução de gastos, da depreciação das taxas cambiais supervalorizadas e mudanças dos gastos para bens e serviços domesticamente produzidos.
- ❖ Racionalização do setor público e cortes nos gastos públicos, em particular os gastos com perdas de produção das empresas públicas.
- ❖ Ajustes estruturais na estrutura de produção visando uma alocação mais eficiente de fatores produtivos, uma maior flexibilidade e crescimento sustentável.
- ❖ Incentivos estáveis para empresas privadas, liberalização da economia e reforço do mecanismo de mercado.
- ❖ Abertura da economia para a competição internacional.

#### **2.2.1 Processo da reforma**

As reformas na Tanzânia foram propagandas em duas fases. Na primeira fase, que durou aproximadamente uma década, de 1986 a 1995, o monopólio do governo sobre o comércio externo foi afrouxado e as taxas cambiais foram ajustadas. Entre 1986 e 1989 o Xelin da Tanzânia foi depreciado em 73% em termos de dólares nominais e (taxa cambial média usual) em 52% em termos reais (Ndulu, 1993). Os preços também foram ajustados e estavam próximos dos níveis de Mercado, as exceções sendo baseadas nas necessidades como energia e algumas entradas estratégicas. Nesse período as restrições nas atividades econômicas também foram gradualmente levantadas (Nord et al, 2009).

A partir de 1995, com o novo governo de Benjamin Mkapa, a economia estava completamente liberalizada, na qual o setor privado estava autorizado a comercializar livremente. O setor financeiro foi reestruturado e permitiu diversos bancos estrangeiros, também a compra e venda e a distribuição das safras foram destinadas ao setor privado. O sistema de taxas também foi revisto através do estabelecimento de uma autoridade para a receita da Tanzânia (TRA). Defensores da SAP argumentam que a nova política fiscal resultou das reformas e assim, tornou possível devotar um maior recurso para as prioridades do governo, beneficiando em especial a educação, a saúde e a infra-estrutura (Nord et al, 2009).

Devido a essa decisão de liberalização, ajudas começaram a fluir na Tanzânia desde que o país havia sido citado pelo FMI e pelo Banco Mundial como um bom aluno da liberalização e posto entre os países da África Sub-Saahara com um crescimento econômico impressionante. Em 8 de novembro de 1996 o FMI aprovou US\$240 milhões como um empréstimo para as facilidades de ajustes estruturais (ESAF) para a Tanzânia, com o qual pôde continuar o programa de ajustes. Como retorno, o governo concordou em demitir mais de 20.000 servidores civis, impor alvos de gastos governamentais mais rígidos, reduzir o fornecimento de dinheiro, derrubar a inflação em dez por cento, impor um imposto sobre valor agregado e acelerar o programa de privatização. Aproximadamente US\$1.2 bilhões em ajudas bilaterais pendentes foram relacionados à aprovação do empréstimo ESAF (Hammond, 1998), além disso, o governo, sob a pressão do FMI, concordou em liberalizar os preços de varejo do petróleo.

### **2.2.2 Desempenho do PIB**

Dados disponíveis mostram que o PIB per capita em 2005 foi de aproximadamente 36 por cento acima do de 1986, dado um crescimento real na renda per capita de 1.6% por ano sobre um período de 19 anos de reformas. Isso mostra alguma melhora, mas longe de ser um sucesso espetacular, uma vez que todo esse crescimento havia sido alcançado nos últimos dez anos (Potts, 2008). A estratégia nacional de crescimento e redução da pobreza da Tanzânia 2005-2010 indica que para reduzir a pobreza o nível de crescimento deve ser entre 6% e 8%. Para os anos de 2000-2006 o nível de crescimento foi incentivado e dentro dessas margens. A figura 2 abaixo mostra a tendência de crescimento do PIB na Tanzânia.

Fig: 2

Crescimento real do PIB na Tanzânia 1993-2005 (1992 Preços constantes)



Fonte: Autor baseando-se na PHDR, República Unida da Tanzânia (URT), Pesquisas econômicas, vários anos

### 2.2.3 Tendências Inflacionárias na Tanzânia

Nos primeiros anos das reformas (1985-96) as políticas de ajuste eram inconsistentes para derrubar a inflação, um de seus objetivos primários. Após uma queda inicial nos primeiros anos do programa, a inflação começou a crescer outra vez, atingindo 33 por cento em 1994 e 29.8 por cento em 1995 (quase o mesmo que no tão chamado “anos da crise” de 1982-1985). Mesmo essas figuras seriamente sub-estimaram os aumentos atuais dos preços. Na Tanzânia, a comida equivalia a 64 por cento do peso dos índices de preços de consumo durante os anos 90. Entre novembro de 1990 e Novembro de 1991, o preço da comida no Mercado aberto subiu em 75 por cento, embora os índices de inflação oficiais eram de apenas 22 por cento. Isso implica que, durante o mesmo período os componentes não alimentares do IPC caiu em 75 por cento (Hammond,

1998). O quadro real da inflação na Tanzânia durante os primeiros anos da reforma pode ser exibido na figura 3 abaixo.

No entanto, com o novo governo e uma maior liberalização, a Tanzânia começou um bom desempenho com a queda da inflação uma vez que ela caiu de 21% em 1996 para 3.5% em 2003 antes de aumentar levemente para 8% em 2006. A principal contribuição da inflação na Tanzânia é a inflação dos alimentos (55.9%), e assim, quando há falta de comida, a inflação dela sobe e inflação geral também tende a subir, exceto por 2002, quando a inflação não-alimentícia foi maior, como mostrado na figura 4 abaixo. A Tanzânia está entre bons desempenhos de políticas inflacionárias dos países sub-Saara. Outros com bom desempenho são o Malawi, a Botswana e Ilhas Maurício.

**Fig 3:**

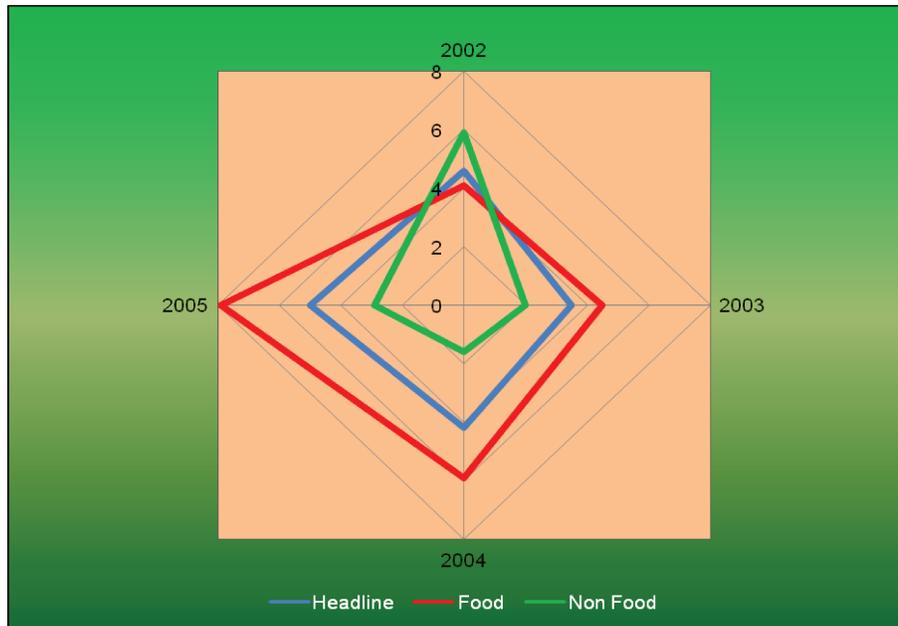
**Tendências inflacionárias na Tanzânia (Porcentagem por ano)**



Fonte: Autor baseado no: Boletim econômico (várias questões) do Banco da Tanzânia (BOT) : pesquisas econômicas (Várias) e Banco Mundial (1996)

**Fig: 4**

**Relação entre Inflação alimentícia, Não-alimentícia e geral (2002-2005)**



Fonte: Autor Baseado no boletim econômico da Tanzânia vários assuntos.

### **2.2.4 Investimento Estrangeiro Direto (FDI)**

Devido às políticas de ajuste houve uma mudança dramática na natureza dos fluxos capitais para muitos países em desenvolvimento. Mtatifikolo F.P (2006) notou que `` Transferências de recursos para o setor público foram repostas por fluxos de capitais para o setor privado: ajudas foram deslocadas de projetos de desenvolvimento em direção a ajuda humanitária e o investimento privado foi deslocado do crédito bancário para o capital de risco``. Esse movimento, portanto, significa que políticas de desenvolvimento econômico em muitos países em desenvolvimento, incluindo a Tanzânia, agora são baseados na necessidade de atrair os investimentos estrangeiros diretos. Hoje em dia, é normal encontrar planejadores e economistas em profundas discussões sobre um desenvolvimento econômico sustentável de médio e longo prazos com referência ao grau que o país é capaz de atrair um capital de investimento privado, especialmente o estrangeiro (O jargão do FDI e a febre).

De acordo com o relatório anual de investimento mundial UNCTAD o qual tem seus dados em uma escala global, a comparação do país na quantidade de fluxo de investimentos estrangeiros diretos mostra uma grande diferença entre os países desenvolvidos e em desenvolvimento, como pode ser mostrado abaixo na tabela 2.

**Tabela 2:**

**Entradas de FDI, por região anfitriã e economia, 1987-1998 (Milhões de dólares americanos)**

<b>Região anfitriã/Economia</b>	<b>1987-1992 (Média anual)</b>	<b>1993</b>	<b>1994</b>	<b>1995</b>	<b>1996</b>	<b>1997</b>	<b>1998</b>
Mundo	173 ,530	219,421	353,506	328,862	358 ,869	464 ,341	643, 879
Países desenvolvidos	136 ,628	133 ,850	146 ,379	208 ,372	211 ,120	273, 276	460 ,431
Países em desenvolvimento (LDC's)	35 ,326	78 ,813	101 ,196	106 ,224	135 ,343	172 ,533	165 ,936
África	3,010	3,469	5,313	4,145	5,907	7,657	7,931
Parcela dos LDCs no total dos FDI	20.4	35.9	28.6	32.3	37.7	37.2	25.8
Parcela da Africa nos FDI para os LDCs	8.5	4.4	5.3	3.9	4.4	4.4	4.8
Parcela da Africa no FDI total Fluxos para Leste da Africa	1.7	1.6	1.5	1.3	1.6	1.6	1.2
<b>Quênia</b>	31	2	4	32	13	40	42
<b>Uganda</b>	-	55	88	125	120	175	210
<b>Tanzânia</b>	<b>3</b>	<b>20</b>	<b>50</b>	<b>120</b>	<b>150</b>	<b>158</b>	<b>172</b>

De acordo com a tabela acima, a África estava atrás de todos os outros continentes na participação dos fluxos de investimento estrangeiro direto, a mesma tendência prevalece hoje, como pode ser visto na tabela 3. A competitividade do continente caiu nessa era de globalização econômica, onde os investimentos estrangeiros diretos são um componente importante do desempenho econômico. Contudo, para o caso da Tanzânia, a tendência sugere um desempenho incentivador onde a média anual de FDI

aumentou de 3 milhões durante 1987-1992 e subiu para 172 milhões de dólares americanos em 1998. Comparada com outros países do Leste Africano, a Tanzânia estava abaixo de Uganda, mas o momento no qual o FDI aumenta na Tanzânia é tão impressionante que chegou ao pico de 522 milhões de dólares americanos em 2006, deixando para trás todos os países do Leste Africano, e atingiu 600 milhões de dólares em 2007. (Veja Tabela: 3)

**Tabela 3:**

**Fluxos de FDI, por região anfitriã e economia, 1990- 2000 (Milhões de dólares americanos)**

<b>Região anfitriã/Economia</b>	<b>1990-2000 (Média anual)</b>	<b>2004</b>	<b>2005</b>	<b>2006</b>	<b>2007</b>
Mundo	492,605	717,695	958,697	1,411,018	1,833,324
Países desenvolvidos	257,219	403,687	611,283	940,861	1,247,635
Países em desenvolvimento (LDC's)	130,755	283,641	316,444	412,990	499,747
Africa	6,884	18,020	29,459	45,754	52,982
Parcela dos LDCs no total de FDI	26.54	39.52	33.01	29.27	27.26
Parcela da Africa no FDI para os LDCs	5.26	6.35	9.31	11.08	10.60
Parcela da Africa no total de FDI	1.39	3.07	3.07	3.24	2.89
Fluxos para o Leste da Africa					
<b>Quênia</b>	29	46	21	51	728
<b>Uganda</b>	82	295	380	400	368
<b>Tanzânia</b>	<b>158</b>	<b>331</b>	<b>568</b>	<b>522</b>	<b>600</b>

### **2.2.5 Competitividade Econômica da Tanzânia.**

Muitos estudos revelaram que a maioria dos países da Sub-Saara são economicamente não competitivos. O motivo para esse desempenho pobre dizem ser a percepção dos investidores a respeito de numerosos riscos nos negócios e incertezas, que retardam o crescimento do setor privado (Mtatifikolo, 2006: 116). Contudo, se

comparada a outros países africanos, diz-se que a Tanzânia subiu alguns degraus acima na competitividade econômica. Há vários métodos de comparação, mas o mais comum é o usado pelo Banco Mundial ao acessar os países. O critério do Banco Mundial é baseado no desempenho em relação ao critério ponderado, como mostra o quadro 2 abaixo.

<b>Quadro 2.0. Competitividade econômica do Banco Mundial baseada em critérios ponderados.</b>	
<b>CRITÉRIO</b>	<b>ITENS</b>
Gestão Econômica.	<ul style="list-style-type: none"> <li>❖ Gestão da inflação e conta atual.</li> <li>❖ Gestão da dívida estrangeira.</li> </ul>
<b>Políticas estruturais</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>❖ Política de comércio.</li> <li>❖ Regime de câmbio estrangeiro.</li> <li>❖ Estabilidade e profundidade financeira.</li> <li>❖ Eficiência do setor bancário e mobilização de recursos.</li> <li>❖ Fator e mercados de produtos.</li> <li>❖ Sustentabilidade do meio-ambiente.</li> </ul>
<b>Políticas para inclusão social.</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>❖ Igualdade de oportunidades econômicas.</li> <li>❖ Igualdade de uso dos recursos públicos.</li> <li>❖ Construindo os recursos humanos.</li> <li>❖ Redes de segurança.</li> <li>❖ Acompanhamento e análise da pobreza.</li> </ul>
<b>Gestão do setor público e instituições.</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>❖ Direitos de propriedades e regras baseadas no governo.</li> <li>❖ Qualidade da gestão orçamentária e financeira.</li> <li>❖ Eficiência da mobilização da receita.</li> <li>❖ Eficiência das despesas públicas.</li> <li>❖ Transparência, Contabilidade e corrupção.</li> </ul>

Baseada no método acima, a Tanzânia, em 1999 foi considerada a aluna nota B em todos os placares gerais, com um melhor desempenho em gestão econômica e inclusão social (Veja, Mtatifikolo, 2006). No leste da África somente a Uganda teve um melhor desempenho que a Tanzânia.

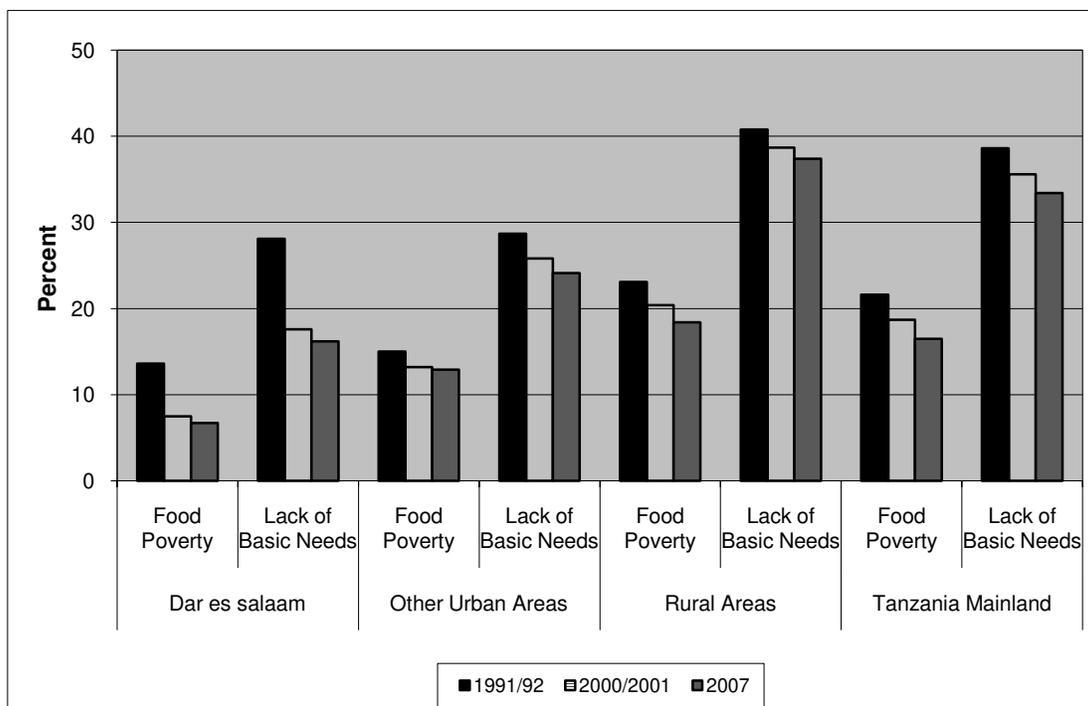
### **2.3 Os motivos para a falta de uma ligação entre desempenho econômico e desenvolvimento social.**

O programa de desenvolvimento das Nações Unidas (UNDP) define o desenvolvimento humano como ``um processo de expandir as escolhas das pessoas ao permitir que elas usufruam de vidas mais longas saudáveis e criativas`` (Kayenze Et al 2006).

O desempenho econômico na Tanzânia foi impressionante desde a introdução das reformas. Contudo, a Tanzânia está em 159 entre as nações do mundo no índice de desenvolvimento humano (IDH). O IDH fornece uma medida composta de três dimensões de desenvolvimento humano: Viver uma vida longa e saudável medida pela expectativa de vida; ser educado, medido pela literatura adulta e ser registrado no primeiro, segundo e terceiro grau; e ter um padrão de vida decente, medido pela paridade de poder aquisitivo (PPP). Em relação à renda, a Tanzânia está em 171 entre os 177 países de acordo com o relatório de desenvolvimento humano 2007/8, pelo Programa de Desenvolvimento das NU. O desenvolvimento Humano pode ser visto como o processo de alcançar um nível ótimo de saúde e bem-estar. Ele inclui componentes físicos, biológicos, mentais, emocionais, sociais, educacionais, econômicos e culturais. Somente alguns desses componentes são expressos no índice de desenvolvimento humano. A figura 5 mostra a incidência de pobreza na Tanzânia.

**Fig: 5**

**A incidência de pobreza na Tanzânia de 1991 a 2007**



**Fonte:** Autor baseado em dados do ministério das finanças, Fonte pesquisa de orçamento doméstico-

1991/92, 2000/2001 e 2007.

A figura mostra que todos os tipos de pobreza caíram levemente em todas as áreas, mas comparando os dados por Dar es salaam<sup>9</sup> e outras áreas onde há mais pobreza em áreas rurais onde mais de 70 por cento dos Tanzanianos vivem (37.4 por cento dos residentes têm falta de necessidades básicas)<sup>10</sup>

Por qualquer padrão global, a Tanzânia é conhecida como um país pobre. Isso significa que há uma ligação entre crescimento econômico e desenvolvimento social, mas para alguns países como a Tanzânia, essa ligação está faltando ou está perdida. Os motivos para a falta dessa ligação podem ser traçados no tempo pela imposição das reformas, como pode ser detalhado abaixo.

### **2.3.1 Políticas de ajuste e estabilização.**

A Tanzânia decidiu adotar as políticas de estabilização e ajuste como uma forma de sair da crise econômica dos anos 80. Mas pela natureza dos problemas que desafiaram pode-se concordar com os estruturalistas que argumentam que as condições para um funcionamento benéfico do mecanismo de Mercado estão ausentes nos países em desenvolvimento, porque há muitas restrições, estrangulamentos e imperfeições do mercado (Szirmai, 2005). Políticas socialistas na Tanzânia, baseadas na abordagem das necessidades básicas, que priorizava encontrar as necessidades básicas para todas as pessoas, inclusive a nutrição (Comida e água), e a previsão universal de serviços de educação e saúde. Essas necessidade também incluem abrigo, roupas e emprego decente. A Tanzânia estava gastando aproximadamente 50 por cento de seu orçamento no setor de necessidades básicas (Tabela 4). Para esse tipo de economia ela precisa de um estado forte e uma intervenção do governo extensiva na economia.

---

<sup>9</sup> Dar es salaam is the Commercial Capital of Tanzania and the largest City in the country.

<sup>10</sup> Basic needs include education, health services, water and other social services.

**Tabela 4:****Distribuição Percentual das despesas recorrentes do governo (1965 -1979)**

	1965/66	1970/71	1973/4	1977/78	1978/79
1.Serviços públicos gerais	33.4	26.6	23	14.4	13.6
2.Defesa	3.9	6.1	10.9	14.8	23.6
3.Educação	14.8	17.5	16.7	14.5	11.3
4.Saúde	6.8	8.3	9.5	7.3	5.4
5.Outros services sociais	7.3	5.0	5.5	3.2	3.2
6.Fornecimento de água	3.0	3.1	3.1	4.9	5.6
7.Agricultura	7.3	10	11.7	9.3	6.8
8.Outros services econômicos	10.3	8.4	8.7	22.5	20.8
9.Transferências financeiras	13.3	15	10.9	9.0	10.0
10.Necessidades básicas totais definidas como 3+4+5+6+7	39.3	43.9	46.5	39.2	32.3
11. TOTAL	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0

Fonte: Adaptado de Stewart 1985.

Na situação da Tanzânia, portanto, qualquer plano ou pacote de ajustes para recuperar a economia precisava ser expansionista. Isso porque o período da crise formou algum tipo de círculo vicioso, através do qual a falta de câmbio estrangeiro, causada pelo preço elevado do óleo e por um mundo deteriorado tornou extremamente difícil elevar as exportações, ambos industrialmente e agricolamente importantes para o país para ter sucesso em relaxar as restrições do câmbio estrangeiro por meios domésticos. Assim, a política foi necessária para aumentar a produção e também criar recursos adicionais e usar esses recursos adicionais para uma substituição da exportação e da importação. A abordagem deflacionária ortodoxa do FMI e do Banco Mundial não foi apropriada para a Tanzânia.

Políticas deflacionárias não poderiam funcionar, porque as importações já estavam lá e havia pouco escopo para restrições adicionais, e as restrições existentes já tinham alguns efeitos negativos na produção e na economia. Por exemplo, em 1980 as exportações eram de 4.4 bilhões de Xelins da Tanzânia (Tsh.), enquanto as importações eram de mais de 10 bilhões de Tsh: as importações financiaram apenas 43 por cento das exportações e abertura do mercado era de mais de 6 bilhões de Tsh

(Stewart, 1985). Também, qualquer acréscimo nas exportações deveria vir da agricultura, mas se a produção alimentícia tinha que ser mantida, então isso significa que exportações adicionais tinham que vir de uma produção agrícola melhorada e não apenas da mudança na produção de comida. As políticas de estabilização também impuseram um desafio porque um potencial limitado para a liberação de recursos para as exportações ao diminuir níveis de consumo, sem ferir os padrões de vida dos pobres no país. A política certa para a Tanzânia, portanto, era aquela que aumentaria a produção de safras de exportação sem afetar a produção de comida. As políticas necessárias eram aquelas que elevassem a produção agrícola em geral, e encorajar um maior esforço em safras de dinheiro (See Stewart, 1985).

Contudo, o FMI e o Banco Mundial alocaram muitos fundos intensivos de capital de projetos de larga escala (Toye, 1993), mas após completo, meios insuficientes estavam disponíveis para continuar os projetos. Por exemplo, a companhia de sapatos Morogoro deveria exportar sapatos mundialmente, mas no fim não satisfez as expectativas por causa dos custos correntes altos, especialmente de eletricidade, e foi construída usando placas de alumínio enquanto era situada em um ambiente quente. Esse é só um exemplo de muitos projetos que consumiam muitos fundos, mas falharam em alcançar. Países em desenvolvimento não precisavam tanto de um novo projeto de ajuda, mas mais de recursos adicionais para terminar, manter seus projetos existentes de infra-estrutura (Szirmai, 2005).

Para a Tanzânia, os recursos tinham que ser direcionados para os problemas que dificultavam a agricultura, tais como a disponibilidade de entradas agrícolas, transporte das colheitas, prazo de aquisição e pagamento de camponeses para trabalhar e a disponibilidade de bens de consumo em áreas rurais. É tão decepcionante perceber que hoje, 24 anos após as primeiras reformas, a Tanzânia ainda enfrenta os problemas acima mencionados. Contudo, sem considerar a natureza especial da Tanzânia, o FMI usou uma abordagem instruída ao impor à Tanzânia uma série de medidas que são usadas uniformemente em outros países, sem considerar suas diferenças e condições específicas (Veja Stiglitz, 2002).

Nas políticas de estabilização, que, de acordo com o FMI ajudaram a restaurar o equilíbrio externo na balança de pagamentos e a reduzir a inflação a curto prazo (Szirmai, 2005), a Tanzânia precisava restringir importados já restritos e encorajar as exportações e usar os fundos que antes eram usados para importações e dívidas de serviços. Outras medidas incluíam aumento das taxas, redução de despesas e déficits do governo, abolição de subsídios do governo, diminuição de salários e aumento dos preços para serviços do governo, aumento das taxas de juros e desvalorização da taxa cambial. Essas medidas tiveram um grande impacto no setor pobre da sociedade.

Por exemplo, na educação, embora o governo tenha construído muitas salas de aula, nenhum esforço foi feito para outros serviços educacionais, tais como o da disponibilidade de professores que fossem mais bem pagos. Isso também pode ser provado por um estudo da Comunidade de Desenvolvimento da África do Sul (SADC), que descreveu os impactos das SAPs na educação como:

*``...o impacto imediato das políticas de ajuste estruturais na educação....tem sido para reduzir o orçamento para a educação e intensificar problemas de capacidade. Como a parcela do orçamento para a educação caiu, acordos desvaneceram, a qualidade caiu e os objetivos de igualdade não foram cumpridos. Com fundos insuficientes para manter os prédios, pagar professores com um salário decente e fornecer materiais educativos significativos, a infra-estrutura se tornou dilapidada, a evasão escolar aumentou significativamente, os professores assumiram trabalhos adicionais para conseguirem fazer tudo dar certo, e aqueles mais habilitados em nível superior partiram para lugares com melhores condições`` (Chisholm et al, 1998: 9).*

Embora a infra-estrutura tenha melhorado, ainda há partes da Tanzânia que não são acessíveis. Por exemplo, fazendeiros entrevistados no vilarejo de Vunta, no mesmo distrito, que está apenas a 18km. Do mercado Hedaru, na então recém reformada rodovia Moshi-Dar es Salaam, as produções tinham que ser levadas a mão, devido ao pobre estado de sua rodovia e pela subsequente falta de transporte (Hammond, 1998). Outros serviços públicos também, tais como a saúde pública e o fornecimento de energia, foram afetados.

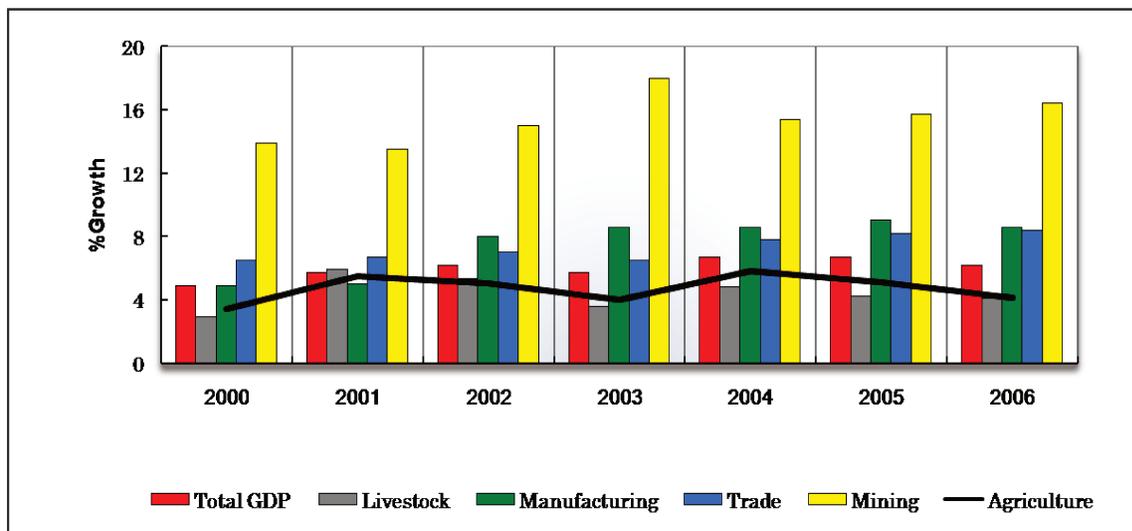
Os que apoiaram as reformas simplesmente olham para o índice do PIB e se esquecem que a liberalização tem uma tendência de expandir os buracos da receita, e, portanto, é possível que o impacto do crescimento do PIB dos Tanzanianos mais pobres tenha sido muito baixo ou mesmo negativo. Assim, antes de generalizar os impactos da liberalização na economia da Tanzânia e no bem estar das pessoas, é imperativo examinar outros aspectos da macro-economia.

### 2.3.2 A agricultura como a espinha-dorsal da economia

O FMI e o Banco Mundial ajudaram a melhorar o PIB da Tanzânia, mas a agricultura da Tanzânia não tem seu desempenho máximo. A agricultura, que contribui com um grande percentual do PIB e atuou como espinha-dorsal da economia da Tanzânia, está crescendo em passos lentos, como pode ser mostrado na figura 6.0. Isso significa que é difícil para a Tanzânia se desenvolver de uma forma que assegure seu crescimento..

Fig 6:

Crescimento do PIB na Tanzânia por setores (2000-2006)

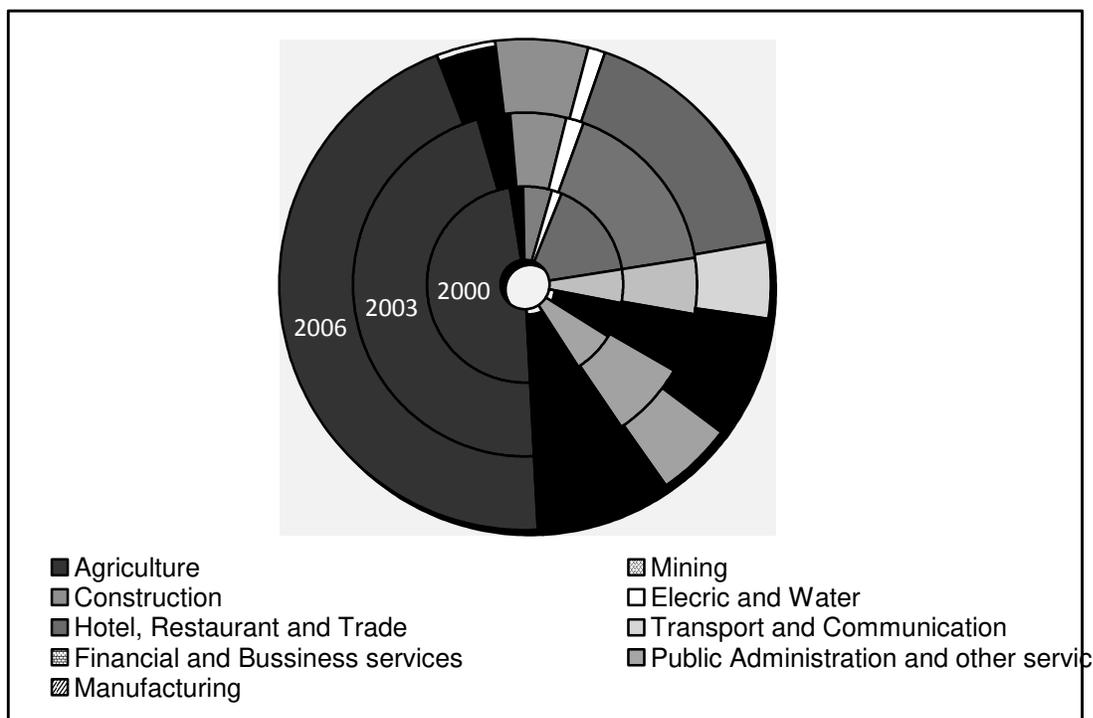


Fonte: Autor baseado em dados de pesquisas econômicas da Tanzânia, anos variados.

A agricultura deteriorou com a imposição das SAPs devido ao fato de que em conjunto com as medidas de liberalização do comércio do fim dos subsídios pelo FMI, a desvalorização aumentou dramaticamente os preços das entradas exigidos por ambas comida e safras de exportação. Além disso, a redução das despesas do governo causou uma deterioração dos serviços de extensão, e a disponibilidade de crédito diminuiu desde que o Banco de desenvolvimento rural e cooperativo (CRDB), que era responsável por avançar os créditos para as cooperativas, foi privatizado e agora está sendo operado comercialmente. A figura 7.0 mostra que a agricultura foi a maior contribuinte do PIB, enquanto seu crescimento setorial é baixo.<sup>11</sup> Hotéis, restaurantes e comércio são os segundos maiores contribuintes do PIB.

**Fig 7.0**

**Contribuição setorial para o PIB total em 2000, 2003 e 2006**



Fonte: Autor baseados em dados do ministério da agricultura.

<sup>11</sup> Compare essa figura com a figura 6, que mostra o crescimento do PIB na Tanzânia por setores.

A compra e venda agrícola também são fortemente afetadas pelas SAPs, como Hammond percebeu: "Enquanto a liberalização da compra e da venda das safras de alimentos tenha levado o FMI a declarar que a Tanzânia está se movendo em direção a uma "agricultura competitiva, livre e justa e um sistema de compra e venda para safras maiores," há pouca evidência disso. O Banco Mundial relata que enquanto "...fazendeiros ricos negociam preços de venda com comerciantes privados, os pobres vendem em menores quantidades e sob preços menores." Na melhor situação, pequenos fazendeiros agora se encontram a mercê dos comerciantes privados. Na pior, simplesmente não há compradores. Isso é especialmente verdade em áreas rurais remotas, onde uma maioria dos pequenos fazendeiros da Tanzânia mora (Hammond, 1998). Essa situação não é estimulante, vista a importância da agricultura tanto para o PIB quanto para o emprego.

### **2.3.3 Atuação no setor de mineração**

Como pode ser revelado na figura 6.0, a mineração tem sido um setor em crescimento. Isso porque um número de novas minas começou a operar. Contudo, a contribuição da mineração no PIB e no emprego ainda é muito pequena, como pode ser mostrado na tabela 5 abaixo. (Veja também a figura 7)

**Tabela 5:****Projetos TIC: Investimento (Investimento (Milhões de Xelins da Tanzânia) e Emprego (Emprego(Trabalhadores)) por Setores.**

Setor/Ano	1995		1997		2000	
	<i>Empr.</i>	<i>Invest.</i>	<i>Empr.</i>	<i>Invest.</i>	<i>Empr.</i>	<i>Invest.</i>
Agricultura.	1328	662	2077	16319	41935	273446
Recursos Naturais.	883	12876	12213	124108	24073	339517
Turismo	300	6671	3044	41049	21612	282619
Manufatura	6165	71463	13885	180614	112181	1238953
Produtos do Petróleo e mineração	0	0	2248	173353	9076	417600
Construção	1322	75901	684	20720	9040	1161529
Transporte	833	4783	237	12694	7057	140203
Serviços	315	1234	2093	32249	12970	129368
Computador	0	0	0	0	81	1393
Finanças	35	685	20	1536	1315	349436
Comunicações	123	6554	0	0	1410	483532
Recursos Humanos	0	0	0	0	410	41888
Energia	0	0	0	0	90	97800
Total	11304	186829	602642	241250	241250	4957288

Fonte: Adaptado de Mtatifikolo, 2006.

A figura mostrada na tabela acima é que em 1995 a construção gerou um valor total de investimento seguido pela manufatura e então, recursos naturais. Em termos de emprego, a manufatura veio primeiro, seguida pela agricultura e pecuária, e então pela construção. Em 2000 a manufatura liderou em ambos valor total e emprego. A agricultura foi a segunda no emprego e recursos naturais. Assim, embora a mineração esteja crescendo, ela não contribui para o desenvolvimento sustentável e para o crescimento, porque a mineração na Tanzânia praticamente se tornou independente da cadeia de fornecimento local, que gera oportunidades de emprego.

De acordo com a UNCTAD (2002), as minas de ouro Barrick Gold Corporation já tinham ajudado a colocar a Tanzânia no mapa mundial de mineração. A mina

Bulyanhulu é vislumbrada como um eixo para expandir as atividades mineradoras na região, contribuindo para o desenvolvimento de uma das regiões de ouro em maior do mundo. Diz-se que a mina contribui aproximadamente \$13 milhões por ano em royalties e impostos com a economia da Tanzânia.

No entanto, quando alguém olha o outro lado da moeda, essa MNC traz muito pouco capital, que pode beneficiar a posição da Tanzânia no câmbio estrangeiro, mas a principal importação de capital consiste em maquinaria, conhecimento, patentes e assim por diante. Há uma grande dúvida que, essas coisas vindo como parte do “pacote” podem ser superfaturadas. Para provar isso, toda essa maquinaria pesada teve que ser importada, há agora um número de depósitos de distribuição em Mwanza (a cidade mais próxima da mina) para fornecedores, tais como Caterpillar e Goodyear. Não é segredo que a questão dos contratos pobres de mineração tem sido a carga para o partido no poder, o Chama cha Mapinduzi (Partido Revolucionário) e sempre levantou fortes debates no parlamento, o mais famoso aquele sobre o contrato das minas de Buzwagi e Meremeta.

O relatório publicado recentemente pelo Conselho Cristão da Tanzânia (CCT), Conselho Nacional dos Muçulmanos da Tanzânia (BAKWATA) e a conferência Episcopal da Tanzânia (TEC), financiados pela ajuda da Igreja Norueguesa e pela Ajuda Cristã, revelaram que “a mina de ouro é o setor de maior crescimento da economia da Tanzânia”. Minérios agora contam como aproximadamente metade das exportações do país, e a Tanzânia é o terceiro maior produtor de ouro da África. Ainda Tanzanianos comuns não estão se beneficiando dessa explosão, porque as leis de impostos são extremamente favoráveis para empresas multinacionais, e por causa das práticas dessas empresas. “A Tanzânia está sendo saqueada de seus recursos naturais e riquezas.” (*This Day*, Domingo, 9 de março de 2008)

### **2.3.4 Desempenho pobre na manufatura.**

Baseando-se no fato de que a Tanzânia é dotada de recursos naturais, há um potencial para o setor de manufatura crescer em índices maiores, mas também enfrenta muitos

obstáculos iniciados pelas SAPs. A liberalização do comércio fez os produtos da Tanzânia competirem com produtos importados baratos de um sub-padrão, e porque os custos de produção para os produtores da Tanzânia são altos, mais altos que produtos importados, eles normalmente falham em competir e assim sofrem uma queda e assim sofrem uma queda ou perdem para os estrangeiros. Por exemplo, no início dos anos 80, no auge de sua operação havia 35 filmes têxteis, que caíram para apenas 2 em 1996 (Mkenda, 2005). Outros problemas que entravam a industrialização incluem altos custos de energia, desde que o governo parou de controlar o preço. A Tanzânia também tem uma escassez de mão-de-obra qualificada, e isso se tornou pior pela decisão do governo de parar o financiamento de educação superior. A tabela 6 abaixo mostra o desempenho do setor de manufatura da Tanzânia. Embora as exportações industriais tenham crescido, a contribuição do setor no PIB ainda é baixa.

**Table 6:**

**Performance in Tanzania Manufacturing Sector.**

Year	%Contribution in GDP (2001 Prices)	%Growth of the Sector (2001 Prices)	%Contribution in Exports	% Contribution in Non Traditional Exports	%Increase in Industrial Exports
1998	8.37	5.5	6.1	15.4	
1999	8.47	6.04	5.5	12.4	-15.7
2000	8.46	4.8	6.5	11.71	44.2
2001	8.38	4.96	7.23	9.05	29.4
2002	8.4	7.45	7.4	8.52	17.3
2003	8.57	9.01	6.79	8.42	27.2
2004	8.69	9.41	8.28	9.37	31.4
2005	8.87	9.62	9.31	11.81	41.8
2006	7.8	8.5	11.24	13.33	25.4
2007	7.8	8.73	14.5	18.01	57.9
2008	7.8	9.9	13.6	29.2	113.8

Source: Ministry of Finance.

### **2.3.5 Setor Bancário.**

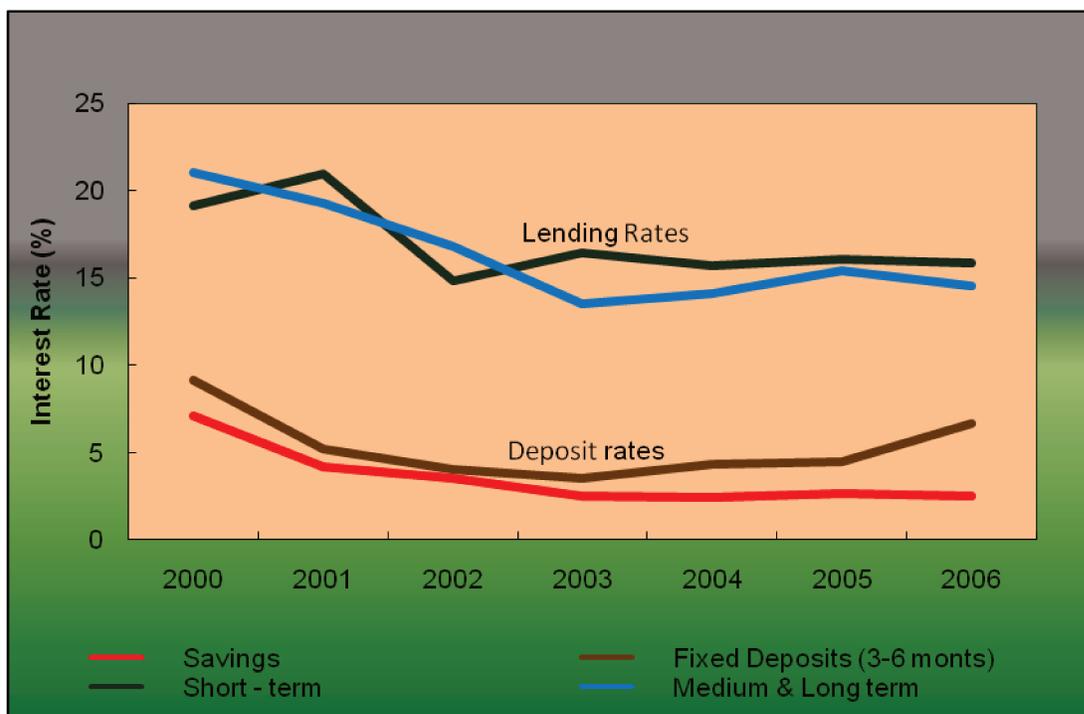
Na época da globalização, os banqueiros se tornaram aristocratas do mundo capitalista, então, em outro sentido, eles estão realmente em primeiro plano. Em 2000, o Banco Nacional do Comércio (NBC) foi vendido para os Bancos Amalgamados da África do Sul (ABSA). O argumento contra o estatal NBC foi de que ele era grande demais, pesado e ineficiente. Portanto, ele foi dividido em três porque ele criava um monopólio estatal e na falta de competição, levado à ineficiente e a altos preços. A privatização e a competição levariam à eficiência e a preços melhores, que beneficiariam o consumidor ao fornecerem serviços eficientes e mais baratos (Shivji, 2008).

A experiência em todo lugar, inclusive na Tanzânia, significou que uma privatização muito rápida e o livre Mercado na verdade levam a um aumento de preços e exclui os pobres dos benefícios de quaisquer serviços. Os camponeses, que compõem aproximadamente 80 por cento dos Tanzanianos ou dos trabalhadores, não têm acesso a empréstimos bancários porque não têm “seguridades” ou ‘colateral’. Bancos e financeiras apenas negociam com outros capitalistas que pudessem provar aos banqueiros que seja o que der errado, o banco irá recuperar seu dinheiro e lucrar com isso. Durante o período colonial os banco desempenharam os mesmos deveres e registraram um retorno de capital ainda maior do que as empresas mineradoras, e cada novo investimento direto que eles fizeram uma alienação posterior dos frutos do trabalho africano. Além disso, todo o investimento nas colônias foi para envolver os grandes monopólios financeiros, desde que a menor companhia de comércio estivesse definitivamente ligada por um grande banqueiro (Rodney, 1963).

Embora pareça que os créditos mantêm um crescimento, os créditos estão limitados a poucas empresas nas áreas urbanas. Os juros também são muito altos, como mostra a figura 8.0 e isso reduz os incentivos para o investimento, devido ao alto custo de se emprestar dos bancos comerciais. Bancos comerciais mostraram uma crescente aversão a riscos dos empréstimos, preferindo segurar uma grande proporção de sua liquidez em seguridades livres de riscos do governo. O governo agora está encorajando

a criação de sociedades cooperativas de economias e créditos (SACCO`s). ``Enquanto as SACCOs são capazes de enfrentar o desafio de empréstimos de curto prazo, elas não conseguem enfrentar pedidos de empréstimos de longo prazo``(Mahuwi, T.J 2006: 330).

**Fig, 8:**  
**Juros médios e nominais (2000 -2006)**



Fonte: Autor baseados no Boletim econômico do Banco da Tanzânia, questões variadas issues.

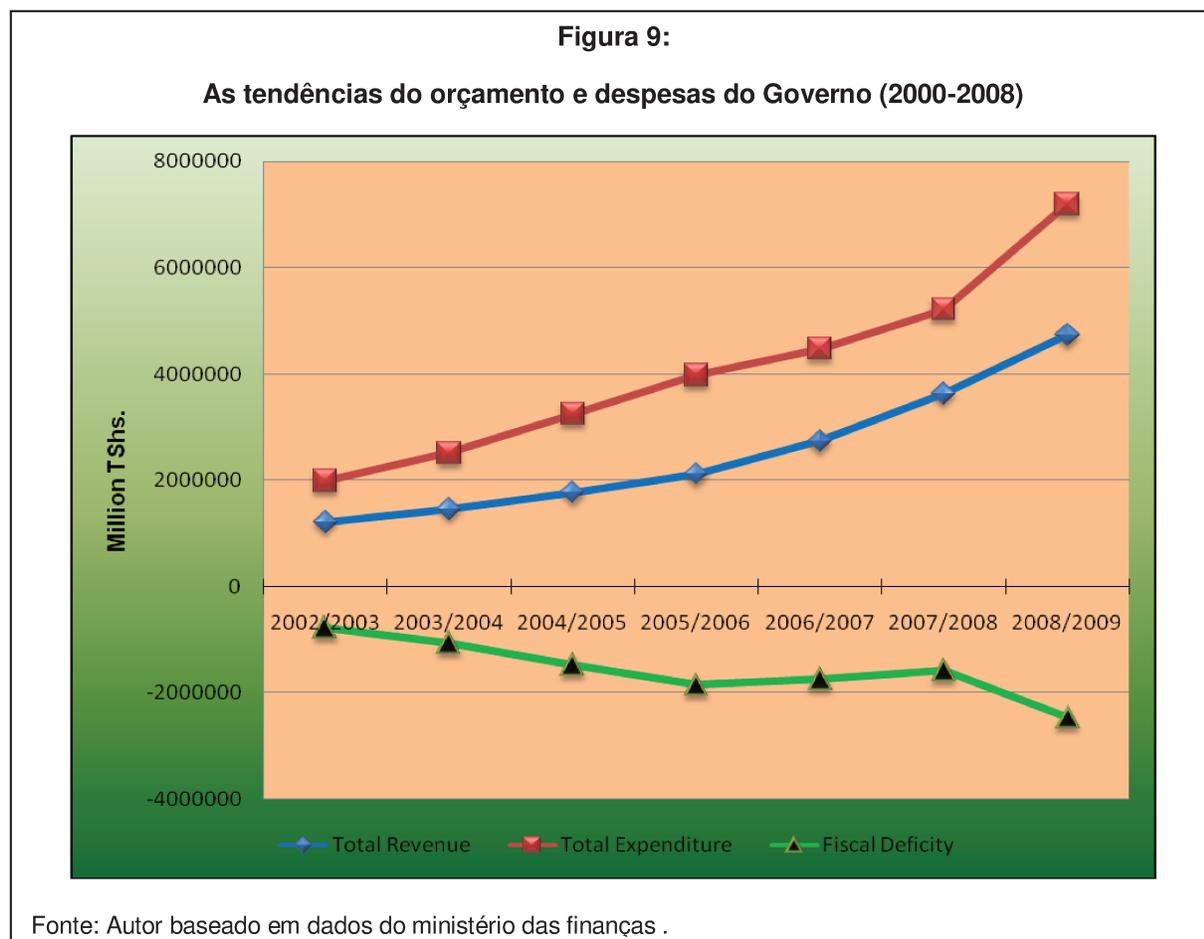
### 2.3.6 Déficit Fiscal.

Entre os principais problemas que precisavam de reformas econômicas na Tanzânia estava o déficit fiscal<sup>12</sup> Como já foi mencionado anteriormente, um dos objetivos das SAPs era resolver esse problema através de um aumento na receita e também medidas de cortes de gastos. Depois do fracasso das SAPs em vários dos países africanos, o relatório patrocinado do Banco Mundial em 1992 afirmaram que a culpa

<sup>12</sup> Government Budget deficit explained as the excess of spending over revenue.

peelo fracasso deveria ir para os próprios governos (por não terem implementado as políticas de ajuste do Banco Mundial/FMI apropriadamente), ele argumentava que apenas seis países tiveram seus fundamentais da macro-economia quase certos (Gana, Tanzânia, Gâmbia, Burkina Faso, Nigéria e Zimbabue). Esse relatório afirmava que o melhor desempenho desses países resultaram em competitividade de exportação restaurada com baixa inflação e balança fiscal melhorada (Veja Hoogvert, 2000).

No entanto, examinando o desempenho da Tanzânia nos registros da balança de pagamentos, pode-se sem dúvida questionar a validade das afirmações do relatório, que sendo um bom estudo das SAPs, mostra que a Tanzânia melhorou sua balança fiscal. De acordo com o relatório de desenvolvimento humano e da Pobreza de 2007 (PHDR), o déficit fiscal, como porcentagem do PIB (após subsídios) ampliou de -1.1% em 2001/02 para -5.5% em 2005/06. A figura 9 mostra o desempenho fiscal da Tanzânia.



De acordo com o ministério das finanças, a razão para esse déficit fiscal é que enquanto receitas mais altas tenham sido coletadas, as despesas públicas como proporção do PIB também cresceram. A Tanzânia ainda depende de ajuda financeira para compensar esse déficit fiscal ao invés de usar as tão chamadas ajudas de desenvolvimento e seus propósitos-alvo. O país está aleijado com a dependência de ajudas, ao ponto de depender em mais de 75 por cento de seu orçamento de fontes externas e mais de 25 por cento de seu orçamento total são compostos de fundos externos. (Veja Tabela 7 abaixo)

**Tabela 7:**  
**Orçamento do Governo e fontes de fundos. (Milhões de Xelins da Tanz.)**

<b>Ano</b>	<b>2000/2003</b>	<b>2003/2004</b>	<b>2004/2005</b>	<b>2005/2006</b>	<b>2006/2007</b>	<b>2007/2008</b>
Orçamento Total	1989538	2516943	3248352	3972608	4474680	5208996
Orçamento de desenvolvimento	500897	736828	1230862	1310745	1337211	1810972
Fontes internas de fundos do orçamento do desenvolvimento	95662	133041	239651	296100	503291	567421
Fontes externas de fundos do orçamento do desenvolvimento	405235	603787	991211	1014645	833920	1243551
% de fontes externas do orçamento de desenvolvimento	80.90	81.94	80.53	77.41	62.36	68.67
% de fontes externas no orçamento total	20.37	23.99	30.51	25.54	18.64	23.87

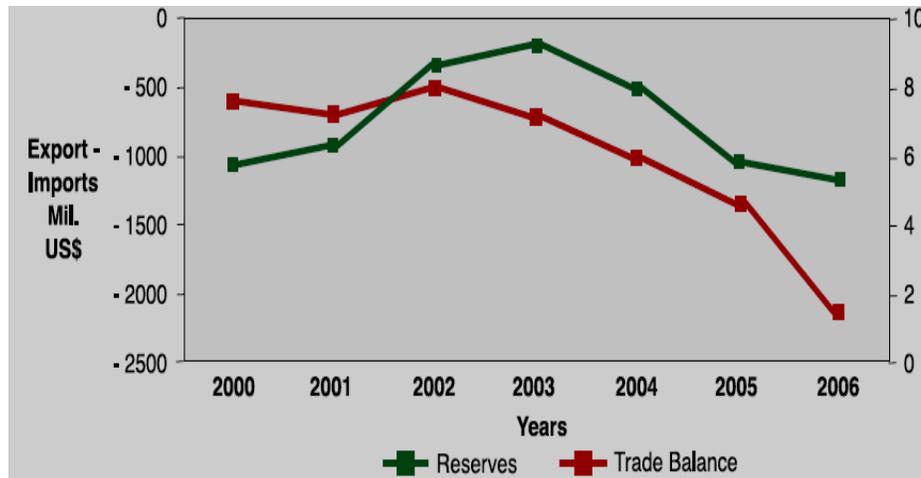
Fonte: Ministério das finanças.

### **2.3.7 Export Performance**

Quanto ao desempenho nas exportações, a situação também não é muito estimulante. Há um aumento significativo nas exportações não tradicionais, particularmente na exploração de recursos naturais de peixes e ouro, que também fomentaram grandes importações de bens capitais e equipamento.

Figura 10:

Balança comercial e reservas de moeda estrangeira 2000 – 2006



Fonte: Adaptado do PHDR, 2007, Fonte: Boletim econômico do Banco da Tanzânia (BOT) para o último trimestre de março 2007

No entanto, o total de exportações de produtos agrícolas caiu (PHDR, 2007). Essa situação impõe um desafio, porque a agricultura contribui com mais de 40 por cento do PIB e, portanto, sua estagnação significa que toda a economia está com problemas. A situação piorou com o fato de que o aumento das exportações foram ofuscadas por um aumento das importações, causando déficits comerciais e o resultado foi uma queda nas reservas de moeda estrangeira, de 9.2 meses de importações em 2003 para 5.3 meses em 2006 (Veja Figura 10). As reformas econômicas na Tanzânia portanto, embora tenha sido prometido um paraíso saudável, como mostram dois slogans famosos do partido do governo: `` Uma vida melhor para todos os Tanzanianos em 2010`` e ``Tanzânia, que é abençoada, é possível``, se tornaram uma difícil jornada, num caminho que está cheio de caldeirões. O próximo capítulo irá destacar a implicação dessas reformas econômicas no Mercado de trabalho e conclui com uma análise do funcionamento dos sindicatos em tal cenário econômico.



## **CAPÍTULO 3:**

### **A SITUAÇÃO DO MERCADO DE TRABALHO E O FUTURO DOS SINDICATOS NA TANZÂNIA**

#### **3.1 A situação do Mercado de Trabalho**

Devido às políticas neoliberais apoiadas pela noção de globalização econômica, a situação sócio-econômica no mundo é diferente daquela que prevalecia há duas décadas. Não apenas o buraco entre os países desenvolvidos e aqueles menos desenvolvidos cresceu até a extensão mencionada anteriormente, como também o buraco entre os países ricos e pobres também cresceu. Enquanto isso, o mundo está atualmente mais interligado ao comércio internacional ampliado, caracterizado pela livre movimentação de capital e o crescimento à proeminência das instituições financeiras locais e internacionais ao controlarem a economia.

Com essa situação, à qual a economia capitalista do livre Mercado levou o mundo, também emergiram alguns novos problemas, que têm ser conciliados com as sociedades do mundo. Enquanto os países desenvolvidos agora estão brigando para sair da crise financeira, os países em desenvolvimento ainda estão nas brigas difíceis, tentando atingir os objetivos de desenvolvimento do milênio, que geralmente visam a redução da pobreza e o aprimoramento da condição de vida das pessoas. Contudo, ao tentar atingir esses objetivos de desenvolvimento do milênio (MDGs), a maioria dos governos e dos elaboradores de políticas tenderam a esquecer um aspecto importante, que é vital para o desenvolvimento, e esse é o aspecto da situação do mercado de trabalho. Tendo em mente a importância do trabalho no desenvolvimento, esse capítulo analisa a situação do mercado de trabalho. Ao analisar o Mercado de trabalho, deve-se ser cauteloso com a verdade escancarada de que ao fazer isso, há uma necessidade de combinar a análise de quantos indicadores do Mercado de trabalho forem possíveis, porque se basear em apenas um indicador pode gerar um quadro confuso da saúde do mercado de trabalho (OIT, KILM Apêndice F).<sup>13</sup>

---

<sup>13</sup> Os indicadores-chave do Mercado de trabalho (KILM) está publicado pela OIT ano sim ano não (a quinta edição foi lançada em setembro de 2007). Os KILM tornam as informações e análises do Mercado de trabalho facilmente acessíveis e facilitam a

A evidência internacional sugere que as reformas macro, comerciais e estruturais podem envolver a realocação de recursos, inclusive firmas trabalhistas, setores e localizações, frequentemente com efeitos adversos nos mercados de trabalho (Rowlands e Rodriguez, 2006).

### **3.1.1 Distribuição da população ativa.**

A primeira coisa a considerar é como a população ativa é distribuída na Tanzânia. A idade a qual está sendo referida é a idade ativa para o trabalho, de 15 anos para cima. Em 2006, quando a pesquisa da Força Integrada do Trabalho foi conduzida pela última vez na Tanzânia, o bom número de Tanzanianos que eram capazes de trabalhar estava empregado. O índice de participação da força de trabalho era de 88%, enquanto a parcela de emprego era de 83.6% e o índice de participação para homens era de 90%, enquanto para as mulheres era de 86.1% (tabela dos KILM 1c e 2). Se comparado com outros países, pode ser revelado que o índice na Tanzânia era bastante alto. Os índices excederam até o índice mundial naquela época, que era de 65.7%, e o índice da África Sub-Saara era de 74.2% (manuscrito dos KILM, quadro 2).

De acordo com os dados fornecidos pela pesquisa da Força integrada do trabalho (ILFS) em 2006, a parcela de população ativa que era economicamente inativa era de 16.4%. O índice de inatividade masculina era de 15.5% e o feminino um pouco mais alto, de 18.3% (Tabela dos KILM 2). Contudo, essa baixa inatividade não pinta um retrato real, porque ela tende a ser mais alta em centros urbanos, comparada a áreas rurais (Garcia e Jean, 2008). O principal motivo para a inatividade na Tanzânia é a escolaridade, que soma 73.3% da inatividade, seguida por outras razões, tais como deveres domésticos, idade excessiva, doenças e outros.

---

comparação de elemento-chave dos mercados nacionais de trabalho. Há 20 indicadores do Mercado de trabalho que cobrem vários aspectos dos déficits do trabalho decente ao redor do mundo.

O índice de participação na força de trabalho para as mulheres também está entre os mais altos no leste da África, com um índice de participação das mulheres de 86%, que a torna o Segundo país no leste da África, enquanto Burundi lidera com uma participação feminina de 92%. (Tabela KILM 1). Os dados mostram que a participação feminina na Tanzânia era sutilmente maior do que a masculina nas idades entre 15 e 24 anos, como a tabela 8 abaixo mostra.

**Tabela 8:**

**Índice de participação de força de trabalho na Tanzânia (2006)**

<b>Idade</b>	<b>Total%</b>	<b>Homens%</b>	<b>Mulheres%</b>
15-24	80.4	80.3	80.5
25-54	96.0	97.6	94.4

*Fonte: Tabela KILM 1.*

Esse número alto de participação feminina, no entanto, é contribuído pelo fato de que as mulheres tem tido uma pequena probabilidade de permanecerem na escola após seus 15 anos, e assim, elas entram no Mercado de trabalho antes do sexo oposto (Garcia e Jean, 2008). Aqui, uma análise profunda é necessária para descobrir que tipo de trabalhos estão disponíveis para essas jovens que entram no mercado de trabalho.

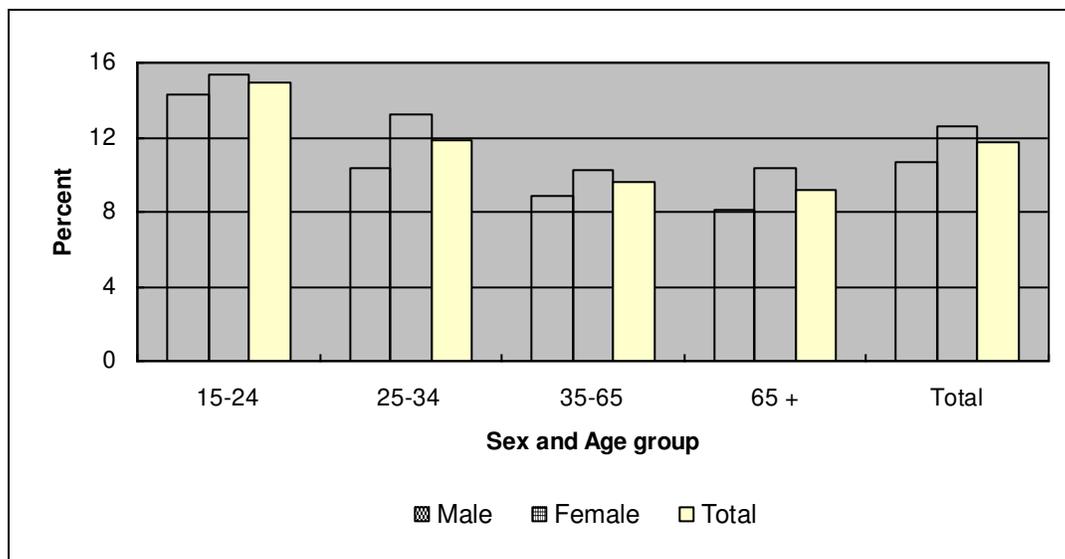
A maioria das mulheres nas áreas rurais estão participando de trabalhos familiares não remunerados, devido a gravidez precoce, e nas áreas urbanas elas estão mais propícias a trabalhar como auxiliares domésticas ou faxineiras. Esses trabalhos as sujeitam a longas horas de trabalho sem nenhuma segurança, e o pior é que elas dificilmente serão sindicalizadas. Portanto, embora a participação feminina seja alta, as mulheres estão participando de trabalhos que tem salários baixos ou inexistentes. Por exemplo, um salário médio de uma faxineira em Dar es Salaam é de aproximadamente 10,5 US\$, e o salário mínimo para empregadas domésticas é de aproximadamente 25 US\$. Assim, além de considerar a distribuição da força de trabalho, temos que nos voltarmos para outros indicadores para obter a realidade a respeito da saúde do mercado de trabalho da Tanzânia.

### 3.1.2 Desemprego

A análise do desemprego, na definição internacional, que inclui apenas pessoas que não têm trabalho e que estão disponíveis para trabalhar e estão procurando por oportunidades de emprego, revela que o índice era realmente baixo, de 4.3%, em 2006 (ILFS). Isso significa que houve uma queda de 0.8% em um período de cinco anos desde que em 2000/01 ele era de 5.1% (Tabela KILM 8a). No entanto, os dados da pesquisa integrada da força de trabalho mostra que as mulheres na Tanzânia central experimentam um índice de desemprego maior, comparado com os homens em todos os grupos de idade, como mostra a figura 9 abaixo. Contudo, essas figuras são baseadas na definição nacional que inclui até mesmo pessoas com alguma ligação ao emprego como desempregadas. Isso significa que a pessoa está extremamente incerta sobre seu emprego no dia seguinte, com relação a sua disponibilidade e capacidade de satisfação com o salário (Resumo das descobertas ILSF 2006).

Fig 11:

Desemprego da população a partir de 15 anos por sexo e idade em 2006.



Fonte: Autor Baseado na ILSF, Tabela 8.5

O alto índice de desemprego feminino pode ser atribuído a alguns fatores tais como a divisão culturalmente determinada do trabalho, o baixo nível e acesso de educação e

falta de representação em tomadas de decisões. Mas a principal causa do desemprego feminino pode ser ligada à decisão do governo da Tanzânia de adotar políticas fiscais severas como um resultado dos programas de ajustes estruturais. Porque com essas políticas o governo reduziu os gastos sociais, e isso significa uma demanda ampliada por trabalhos cuidadosos não remunerados (Veja, Seeraj Mohamed, 2006).

Floro e Dymski (2000) e Singh e Zammit (2000), ao considerar os efeitos da liberalização financeira e a instabilidade resultante nos mercados financeiros das mulheres descobre que as mulheres são responsáveis por uma parcela maior dos custos quando um país liberaliza, uma vez que, normalmente, são as primeiras a perderem os empregos.

A figura 11 também mostra que o desemprego para os jovens entre 15 e 25 é o maior, em 14.9%, comparado a 10.4% do índice de desemprego dos adultos e 11.7% para o índice total de desemprego (definição nacional). A parcela de desemprego dos jovens até os adultos era de 1.4, e assim tinha permanecido estático desde 2000/01. No entanto, mundialmente, o desemprego dos jovens tende a ser o maior de todos os grupos etários, e o índice de desemprego de jovens e adultos na Tanzânia central está entre os menores dos países africanos. Outros países com índices baixos incluem Lesoto, com 1.3 (1997) e Ruanda, com 1.4 (1996). Na maioria das regiões, os jovens tendem três vezes mais a ficarem desempregados do que os adultos (Elder e Schmidt, 2006).

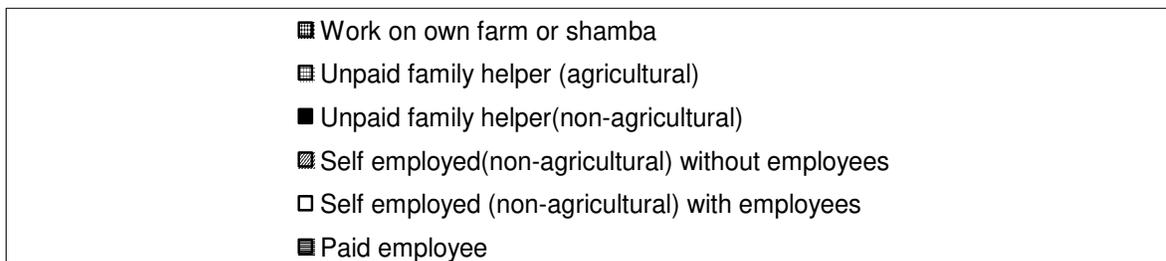
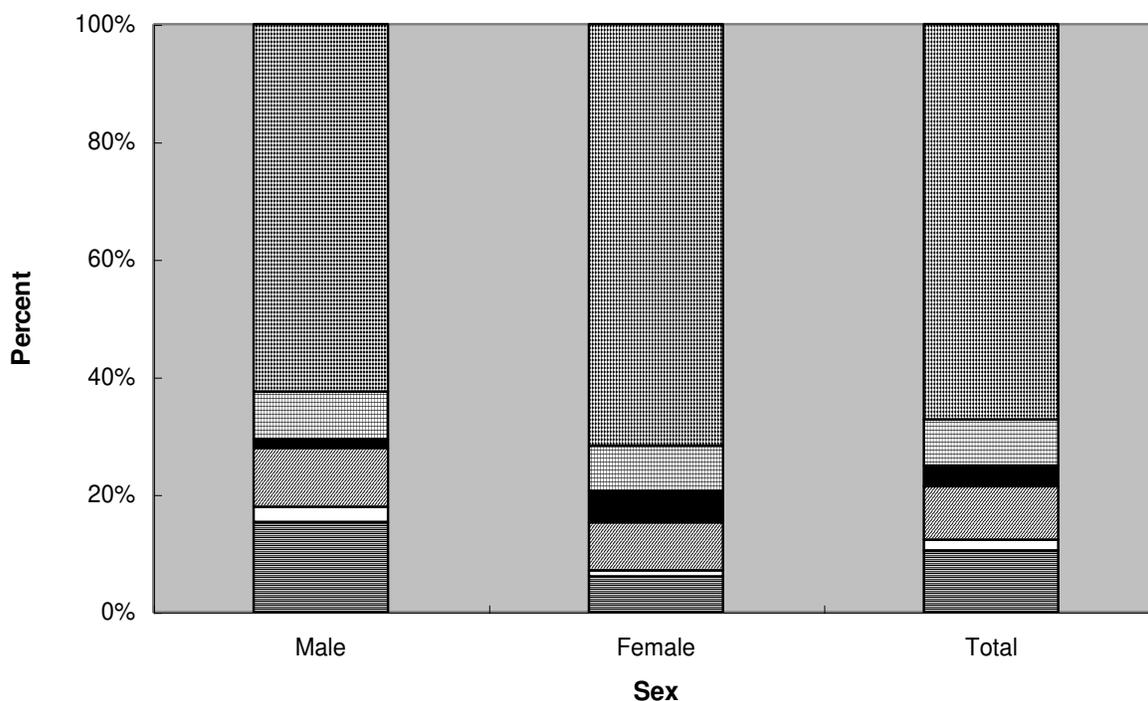
Em um encontro breve dos dados acima, uma pessoa pode concluir que o desemprego não é um grande problema na Tanzânia. Contudo, o quadro real é que há uma grande disparidade nos padrões de desemprego entre as zonas rural e urbana. O desemprego é maior nas áreas urbanas do que nas áreas rurais. Por exemplo, em Dar es salaam (Capital comercial) o índice de desemprego é de 31.3%, enquanto em outros centros urbanos é de 16.3% e nas zonas rurais é baixo, em 7.1% (ILFS, 2006). Isso impõe um desafio porque aproximadamente metade da população de desempregados vive em zonas urbanas, e as zonas urbanas somam apenas 27.4% da população total. O quadro revelado por essa observação é o de que as políticas neoliberais aumentaram a

dicotomia rural-urbana, que causou uma migração em massa das zonas rurais para a urbana e causam pressão no mercado de trabalho urbano.

### **3.1.3 Situação do emprego.**

Para analisar se os trabalhadores da Tanzânia estão usufruindo de boas condições de trabalho, é imperativo olhar para os indicadores ligados ao emprego. Em 2006, de acordo com a pesquisa da força integrada de trabalho, apenas 10.5 por cento da população empregada total estavam empregados em um trabalho pelo qual recebiam um salário. 1.8 por cento eram autônomos e tinham seus próprios empregos, 9.1 por cento eram autônomos e trabalhavam sozinhos (por conta própria) e 11.4 por cento estavam contribuindo (não remunerados) trabalhadores da família (Agrícola e não-agrícola). A maioria da força de trabalho da Tanzânia estava trabalhando em fazendas próprias que tinham 67.2 por cento. Essas descobertas estão simplificadas pela figura 12 abaixo.

**Fig:12**  
**Employed persons by status in employment and sex, 2006**



**Fonte:** Autor baseado na ILFS, Tabela 5.7

A figura também mostra claramente que no maior grupo de força de trabalho que trabalha em fazendas próprias, as mulheres tendem mais a estar nessa situação (71.7%). Ao contrário, mais homens estão em empregos remunerados (15.3%), enquanto nessa área a porcentagem de mulheres é de apenas 6.1%. Geralmente os homens tendem mais que as mulheres a estarem em todas as situações de categorias de emprego, exceto na de trabalhadores não remunerados da família e na daqueles que trabalham em suas próprias fazendas.

### 3.1.4 O emprego por setores

Olhando para o emprego por setores, a agricultura também liderava por empregar 75.1% em 2006 (ELFS, 2006). Conforme a tabela 4 a dos KILM, em 2001 a agricultura empregou 82%, com mais mulheres (84%) do que homens, que compunham 82.4%. Serviços empregaram 15%, dos quais os homens dominaram (15.7%) e as mulheres eram 14.8%. A indústria em 2001 empregou apenas 2.6% da força de trabalho, dos quais os homens também eram maioria (4%), contra 1.2% das mulheres. Portanto, a queda no emprego na agricultura de 7.3% de 2001 até 2006 pode indicar um aumento nos setores de serviços e da indústria. No entanto, nessas dimensões pode ainda ser considerada um país agrícola. Embora muitas pessoas estejam empregadas na agricultura, foi revelado que domicílios com salários do setor formal tendem a ser menos pobres, e aqueles que se envolvem na agricultura são mais pobres. Ainda pior é o fato de as mulheres que trabalham na agricultura e nas zonas rurais, pois são as mais pobres (ILFS, 2006). Isso mostra retornos pobres que os trabalhadores recebem da agricultura.

É muito difícil analisar o emprego na economia informal, devido a um número de definições variadas que foi produzido para propósitos diferentes por diferentes estudiosos e nem mesmo a disponibilidade de dados, uma vez que a maioria dos dados são das zonas urbanas apenas. Contudo, o aspecto do autônomo sem funcionários parece ser dominante pelas definições. Muitos Tanzanianos são forçados a se unir à economia informal todos os dias. Se referindo a várias pesquisas que foram conduzidas tais como "O mapa rodoviário em direção do setor informal na Tanzânia (OIT, UNIDO e UNDP, 2006), pesquisa de força do trabalho (2006), Política de empresas médias e pequenas (SME's 2003) Trabalhadores da construção informal da Tanzânia (2005) e a pesquisa do orçamento doméstico (2006), descobriu-se que o setor informal é muito importante para a geração de salários, redução da pobreza, criação de empregos e para o PIB do país, porque o setor informal contribui com 35 ou 40 por cento do PIB.

As estatísticas dessas pesquisas também mostram que todos os anos o Mercado de trabalho recebe 600.000 novos ingressantes de escolas e faculdades e deixam

sozinhos aqueles restringidos de companhias públicas e privadas. Entre eles estão somente 40.000 pessoas que dão um jeito de entrar em um lugar do setor privado e assim, forçam 540.000 pessoas a se juntarem à economia informal. Até mesmo no manifesto eleitoral de 2005, o partido governista (C.C.M) promete criar um milhão de empregos, mas entre eles, um grande percentual é alvo do setor informal.

Embora o setor informal seja muito importante para o país com um crescimento populacional alto como a Tanzânia, esse setor na Tanzânia não é bem desenvolvido. As pessoas nesse setor são desafiadas com muitos problemas como a falta de proteção social, baixa renda, pouco segurança no trabalho e horas insuficientes. O setor informal da Tanzânia também está ligado à pobreza. Por exemplo, Dar es salaam tem milhares de vendedores de rua e a maioria faz pouca ou nenhuma venda por dia, tornando os ganhos suficientes para o aluguel e outras utilidades. Ainda pior, muitos anos antes as escolas primárias produziam mais de 700.000 formandos por ano, distribuindo todos principalmente em Dar es salaam (Ngotezi Alfred, 2008). A prova de que o setor informal na Tanzânia era também o único com o índice Gini de 3.4 em 2006 e o índice de pobreza per capita, na linha da pobreza, era de 36 por cento da população (Banco Mundial, 2007), isso mostra que a maioria das pessoas são pobres, o que significa que os trabalhadores do setor informal falham em se sustentar suficientemente.

### **3.1.5 Relação entre crescimento econômico e elasticidade do emprego**

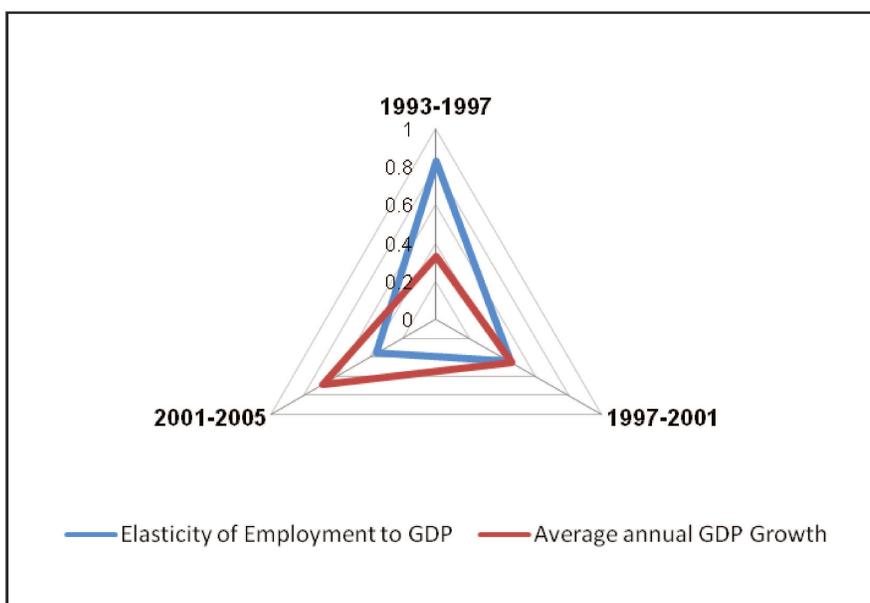
Considerando a relação entre o crescimento econômico e a elasticidade do emprego na Tanzânia, a tabela 19 a dos KILM mostra que existe uma correlação negativa forte entre esses dois aspectos. O coeficiente Pearson de correlação das variáveis é de 0.8 negativo porque a tabela mostra que o período no qual houve o crescimento econômico mais rápido foi em 2001-2005 com o índice de crescimento do PIB de 6.9% e a elasticidade do emprego de 0.36, que é a mais baixa, comparada a outros períodos. O período com o menor crescimento econômico foi entre 1993-1997 com o índice de crescimento do PIB de 3.3%, e é o período com a elasticidade mais alta de emprego, de 0.83%, significando que o aumento de 1 ponto percentual nas saídas econômicas era associado ao aumento no emprego de 0.83 pontos percentuais. Quando o

crescimento econômico estava moderado, durante 1997-2001, com índice de crescimento do PIB de 4.6%, a elasticidade do emprego era de 4.5. A figura 13 simplifica essa observação.

Isso pode coincidir com o fato de que quando um país se torna mais desenvolvido e tem mais emprego, a elasticidade tende a cair gradualmente. No entanto, a elasticidade do trabalho na Tanzânia experimentou uma tendência em queda que ainda pode ser considerada de nível moderado (0.36% em 2005). (Manuscrito KILM, Cap 1, Seção A). Mas porque a Tanzânia tem tido um alto crescimento da força de trabalho (16% entre 2001 e 2006) e uma reserva abundante de trabalho, ela exige uma elasticidade maior.

**Fig: 13**

**Relação entre crescimento econômico e elasticidade do emprego.**



Fonte: Autor baseado na tabela 19 a KILM

A tabela 9 mostra as elasticidades setoriais do emprego na Tanzânia pelo período de 1993-2005.

**Tabela 9:**  
**Emprego setorial na Tanzânia 1993-2005**

Emprego para elasticidade de valor agregado%			Crescimento de valor agregado %		
Agricultura	Industria	Serviços	Agricultura	Industria	Serviços
0.25	1.05	1.46	0.3	0.7	1.5

Fonte: Tabela KILM 19b

creceu 1.46 pontos percentuais). Uma elasticidade de emprego baixa e um crescimento setorial positivo para um dado setor pode sugerir um crescimento de produtividade. A análise mostra que o crescimento da produtividade contribuiu mais para o crescimento nos setores da agricultura e da indústria durante o período. Sem dúvida, mudanças estruturais, por exemplo, movimento da agricultura e da indústria para os setores de serviços, atuou como parte importante desses resultados divergentes.

Se esse cenário continuar e for acompanhado por redução do emprego no dado setor e o crescimento econômico geral for positivo, então esperamos que a mudança estrutural esteja ocorrendo na Tanzânia. Nos estágios iniciais do desenvolvimento, a mudança estrutural é indicadora de um movimento da agricultura para a manufatura, e nos estágios posteriores do desenvolvimento, as baixas elasticidades do emprego e o crescimento setorial positivo sugere um movimento da manufatura para os serviços (Nallari Raj, 2007). Mas, todavia, novos empregos foram criados tanto na agricultura quanto na indústria, e a agricultura permanece como o maior setor de empregos da Tanzânia, significando que as políticas de liberalização não ampliaram o nível desejado de produtividade nesse setor crucial.

### **3.1.6 A produtividade de Trabalho e os retornos econômicos para os trabalhadores**

Como foi mencionado anteriormente nesse capítulo, não é uma boa ideia analisar a situação do mercado de trabalho de um país baseando-se em um ou poucos indicadores. Portanto, é melhor examinar se o crescimento da produtividade foi benéfico para os trabalhadores em termos de uma compensação maior. Embora os salários reais nos serviços e na indústria tenham aumentado levemente (Veja Mkenda 2005), não é correto analisar esses dois setores e generalizar que os trabalhadores da Tanzânia tinham ganhos devido ao fato de que esses dois setores empregam apenas 24.9 por cento do emprego total. Portanto, o quadro real pode ser implantado ao examinar a produtividade de trabalho na agricultura, que emprega 75.1 por cento do emprego total. Apesar do desempenho positivo do crescimento agrícola geral recente da Tanzânia, ele não é suficiente para atingir os ambiciosos objetivos encarnados na estratégia nacional de redução da pobreza. (Ultz Robert e Hoogeveen Johannes, 2007).

O crescimento agrícola da Tanzânia, como o de muitos países africanos, é um resultado da expansão de terras cultivadas, mas os aumentos da produtividade do trabalho foram insuficientes para sustentar o crescimento e a redução da pobreza. Isso é provado pela pobreza balarte, que pode ser percebida entre os Tanzanianos que dependem da agricultura para a sobrevivência. De acordo com Ultz Robert e Hoogeveen Johannes, o crescimento da produtividade de trabalho na Tanzânia era de 1.1 por cento por ano entre 1990 e 2003. Esse aumento foi menor do que os registrados em alguns países que são vizinhos imediatos da Tanzânia, tais como o Malawi (5.5%), Moçambique (2.3%) e Uganda (1.8%). Embora tenha havido algum sucesso na agricultura a Tanzânia ainda precisa de um processo de crescimento mais rápido e altamente qualitativo que assegure que o índice de crescimento de 5 por cento, como almejado pela estratégia nacional de redução da pobreza. Ultz e Hoogeveen propõem um crescimento de produtividade de trabalho de 2.7 por cento por ano para atingir os objetivos de redução da pobreza. Nós podemos, portanto, ver que embora haja algumas melhoras da produtividade de trabalho, a maioria dos

trabalhadores da Tanzânia ainda não é beneficiada com esses ganhos com relação a retornos altos.

### **3.1.7 Trabalho infantil**

Outra questão que tem que ser considerada no Mercado de trabalho da Tanzânia é a incidência do trabalho infantil. A Tanzânia está entre os países com alta porcentagem de trabalho infantil. Há diversas razões para isso, mas como o presidente fundador Sr. Benjamin Mkapa uma vez ressaltou, o fator mais significativo é a pobreza. O Departamento nacional de estatísticas da Tanzânia estimou que 35.4 por cento das crianças entre 5 e 14 anos na Tanzânia estavam trabalhando em 2000-2001. A pesquisa descobriu que a maioria das crianças em atividade eram trabalhadores de família não remunerados que entraram em trabalhos em fazendas agrícolas e não-agrícolas. Uma estimativa de 77.4 por cento de crianças entre 5 e 14 trabalham na agricultura, silvicultura e pesca, enquanto 49.9 por cento das crianças entre 5 e 14 anos entram para atividades domésticas. A pesquisa descobriu que 55.7 por cento das crianças ativas entre 5 e 14 anos freqüentavam a escola. (Departamento nacional de estatísticas). As crianças trabalham em fazendas de chás comerciais, café, cana-de-açúcar, sisal, cravos e tabaco e na produção de trigo e milho (Nchahaga.G, 2002). As crianças também trabalham em minas subterrâneas e perto das minas, em bares e restaurantes. No setor informal, as crianças estão envolvidas com limpeza, pesca, procedimentos de pesca e extrativismo. Outras crianças trabalham como faxineiras, vendedores de ruas, lavadores de carros, carpinteiros, mecânicos de auto-reparo e em garagens. As crianças também trabalham em serviços domésticos remunerados. A pesquisa de 2005/06 não mostrou mudanças significativas nos dados embora tenha havido alguma melhora.

### **3.1.8 Políticas do Mercado de trabalho**

Conhecendo os desafios que são enfrentados pelo Mercado de trabalho, o Governo da República Unida da Tanzânia tem empenhado várias estratégias e algumas medidas políticas para melhorar a situação. Algumas das medidas incluem a formulação da Política Nacional de Emprego (1997), a Lei Nacional de promoção de empregos e

serviços (1999), a Agência de Serviços de emprego da Tanzânia (2003) e a ratificação da Convenção de Serviços do emprego da OIT, 1948 (No. 88). Contudo, a Tanzânia é como muitos países da África Sub-Saara que deram um jeito de obter um crescimento substancial enquanto falhava em criar aumentos grandes correspondentes no emprego e em formar um Mercado saudável, especialmente para os pobres, apesar de um número de políticas e esforços. Ao discutir os mercados de trabalho na era da globalização, o Professor Fraque Grimard identificou diversas restrições em gerar melhores resultados dos mercados de trabalho, e entre eles, estão os modelos de trabalho e o desenvolvimento permaneceu essencialmente inalterado por quase vinte e cinco anos (Rowlands e Rodriguez, 2006).

As visões de Grimard podem estar corretas, mas a causa real da falha dessas políticas está instalada na era de quando a Tanzânia começou a aplicar alguns programas de ajustes estruturais sob o comando de instituições financeiras internacionais. O Banco Mundial e o FMI argumentaram que devido à informação da “Globalização”, bens, tecnologia e capital são movidos ao redor do globo com uma facilidade sem precedentes. Assim, o preço do trabalho deveria ser abaixado para alcançar esse Mercado expandido. (OIT, 1995). A Tanzânia estava entre os países que seguiram a sugestão de desregular o Mercado de trabalho, esperando criar um bom ambiente e atrair investidores. Mas essas visões neoliberais provaram a falha na maioria dos países e a evidência é mostrada em países que seguiram as políticas de descentralização, com os Estados Unidos na liderança. Eles experimentaram aumentos substanciais na desigualdade de renda, segmentação da população ativa e queda nos níveis de salários reais (Tajgman, 1996).

Os criadores de políticas da Tanzânia portanto, tem a tarefa de assegurar que áreas que mostraram falhas sejam clareadas e que algumas mudanças necessárias sejam feitas. Como o Banco Mundial disse “...a escolha para os governos hoje não é simplesmente entre os livre mercados e a intervenção do estado. A tarefa é determinar qual tipo de intervenção pública melhor apoia o funcionamento eficiente dos mercados, a maioria encoraja o investimento produtivo na planta, a tecnologia e as pessoas e pode assistir trabalhadores desassistidos” (Banco Mundial, 1995). Sem fazer isso, a

Tanzânia irá continuar a se ver com uma grande população de trabalhadores não qualificados **eking out** existências de subsistência à mercê do capital estrangeiro, que é muito frágil e pode sair do país mais facilmente devido às políticas de liberalização.

Quais remédios são apropriados para um Mercado de trabalho melhor depende da natureza do país. A teoria de ninguém pode funcionar em todos os países ou por todos os setores em um país. Por exemplo, abordagens neoclássicas irão enfatizar a redução de salários. Uma abordagem estruturalista irá enfatizar a necessidade da educação e do treinamento em qualificações que são exigidas e uma abordagem Keynesiana irá focar a necessidade de expandir a demanda agregada.

Ao resolver o problema da migração rural-urbana, que causa pressão na zona urbana, o governo, através do centro de investimentos da Tanzânia sugere que enfatizar mais a atração de investidores no setor agrícola irá reduzir a migração da zona rural para a urbana. O setor é quase todo dirigido por uma produção primária pequena caracterizada pelo uso de ferramentas de mão, e a confiança nos tradicionais métodos de colheita chuva-fertilização e pecuária. Prova-se extremamente desafiador abrir a torneira do potencial de irrigação, dado que a maior parte da produção é feita por pequenos indivíduos. Enquanto um total de 29.4 milhões de hectares (31% da área terrestre da Tanzânia) são adequados para o desenvolvimento de irrigação, apenas 227,490 de hectares eram irrigados em 2004, aumentando levemente para 275,388 de hectares em 2006. Apenas 3% do número total de domicílios agrícolas tiveram acesso a crédito através de meios formais e informais (Departamento nacional de estatísticas). A modernização e a comercialização do setor agrícola terá que ter prioridade se for para o setor levantar a produtividade e contribuir mais com o crescimento. Deve ser lembrado aqui que mesmo o presidente Nyerere sugeriu que as políticas do Banco Mundial e do FMI na Tanzânia deveriam ser almejadas ao melhorar a agricultura.

Ao melhorar o setor informal o programa de desenvolvimento das Nações Unidas (UNDP) exige que o governo tente mesclar as indústrias de pequena escala e as modernas de longa escala, onde as grande companhias podem subcontratar firmas privadas pequenas para fazer algumas das operações. Essa técnica foi bem sucedida

no Japão. A corporação do desenvolvimento do bem comum usou a mesma tática no projeto Kulai Oil Palm, na Malásia e na autoridade de desenvolvimento do chá no Quênia nos anos 80, onde um estado de núcleo moderno fornece gerenciamento, processamento e marketing, e fornece extensão e serviços de crédito para pequenos fazendeiros (Streeten, 1989). Contudo, essa técnica precisa de aprimoramento das habilidades de gestão. Os problemas de emprego das mulheres e jovens podem ser endereçados através de uma combinação de educação apropriada e expansão de trabalhos públicos.

Fazer os mercados de trabalho funcionarem melhor não irá apenas melhorar os níveis de crescimento e reduzir a pobreza. Outras questões econômicas como o comércio, a tecnologia, investimento e políticas macroeconômicas são importantes para a Tanzânia obter um desenvolvimento sustentável. Também a importância das leis do trabalho decente não deveria ser ignorada, porque elas formam as instituições ou organizações e as intervenções nos mercados de trabalho pelo governo, o que é muito crucial. No entanto, na Tanzânia, com o compromisso do governo de atrair investimentos estrangeiros, foi provado ser muito difícil ter leis de trabalho decentes e ao invés de todo o ambiente parecer ser a favor dos investidores. A Tanzânia, em 2004 habilitou novas leis de trabalho as quais os financiadores afirmam que visam o aprimoramento do ambiente de investimentos e direitos trabalhistas. Essa questão será analisada em detalhes nas seções seguintes desse capítulo.

### **3.2 A situação econômica e suas implicações para o movimento trabalhista da Tanzânia**

A história dos sindicatos na Tanzânia tornou difícil uma rápida reação quanto às mudanças trazidas pela globalização. O fato de que os sindicatos costumavam estar sob as asas do partido governista significa que mesmo quando a TUCTA foi formada com sindicatos independentes, alguns líderes principais na TUCTA e nos sindicatos ainda eram conservadores e não estavam prontos para desafiar o governo. Contudo, depois de começar a sentir as dores das limitações causadas pela globalização, alguns sindicatos começaram a reagir, usando alguns procedimentos legais, mesmo durante a

época da JUWATA. O caso mais famoso é o que preocupa os trabalhadores das autoridades da ferrovia Tanzânia-Zâmbia (TAZARA). Em 1982, apenas sete anos depois que a ferrovia foi entregue para o governo, TAZARA declarou 300 trabalhadores redundantes. Noventa e seis por cento deles eram artesãos qualificados que haviam participado da construção da ferrovia e eram treinados para o trabalho por peritos chineses. A ferrovia Uhuru, como era afeiçãoadamente chamada, foi construída no apogeu do nacionalismo da pós-independência e no meio das políticas da Guerra-fria (Shivji, 2006). Hamisi Ally Ruhondo e seus 115 trabalhadores companheiros procurou uma assistência legal do Comitê de Ajuda Legal da Universidade de Dar es Salaam e completou o caso contra a TAZARA. Depois de 42 meses e um longo processo, os trabalhadores e a justice ordenaram sua reafirmação.

Outro caso semelhante ao TAZARA aconteceu em 1996 e dessa vez envolveu os trabalhadores da corporação de ferrovias da Tanzânia (TRC), que estava na lista de 400 paraestatais que eram para serem privatizadas. Estando ciente de que a privatização está sempre associada com limitações, o sindicato dos ferroviários da Tanzânia (TRAWU) tentou se comunicar com a gerência ou com a Comissão do Setor de Reforma (PSRC) sobre o destino de seus membros, mas a comissão não respondeu. O TRAWU, portanto, viu a única solução possível era vestir um terno, e assim, o fizeram usando um advogado particular.

De acordo com Shivji no caso do *Sindicato dos ferroviários da Tanzânia Vs Corporação das ferrovias da Tanzânia e PSRC*, o sindicato queria que a justice declarasse que os defensores estavam vinculados a consultar as filiais dos sindicatos em locais de trabalho antes que qualquer redundância acontecesse, e que qualquer redundância sem consulta prévia fosse nula e vazia. O sindicato também procurou uma ordem de embargo da justice restringindo os defensores de levar qualquer exercício de redundância. Enquanto aguardava a audiência e a determinação do caso, o sindicato exigiu um embargo interino restringindo o TRC de afetar qualquer redundância. Mas, nesse caso, o sindicato fracassou porque o juiz afirmou que estava resguardando os interesses públicos.

Havia mais casos de redundância, mas os trabalhadores foram derrotados em todas as instâncias, tanto da corte superior quanto da corte de apelação, que mostraram grande impaciência e menos simpatia pelos trabalhadores, procurando bloquear o processo de privatização ou exigindo prêmios como pagamentos redundantes. A questão do TRC ainda é o pivô do conflito entre TRAWU e o governo até agora , quando a linha já está privatizada.

Além dos processos judiciais, os sindicatos na Tanzânia também têm usado greves como formas de pressionar os empregadores a atingir suas demandas, as quais, na maioria dos casos são relacionadas a condições de trabalho deterioradas, salários e inseguranças trabalhistas resultados do processo de reformas econômicas. Entre as greves está aquele organizado pelo Sindicato da indústria e do comércio da Tanzânia e a fábrica têxtil da Amizade chinesa (Urafiki) em 1996 e 1998. Nessas greves, além de serem contra as redundâncias e casualização, os trabalhadores estavam reclamando sobre as condições pobres de trabalho e tratamentos de doenças dos investidores chineses. O governo interveio, mas tudo o que os trabalhadores conseguiram foram meras promessas de que as coisas ficariam bem. Mas até hoje a situação dos trabalhadores nas tecelagens de Urafiki é muito miserável, e os trabalhadores quase perderam a confiança no sindicato.

No começo, o TUCTA e seus membros pareciam se confinar nos papéis tradicionais dos sindicatos, porque devotavam muito tempo na representação de seus membros, na negociação coletiva e na solução de conflitos e não participavam de outras atividades sócio-econômicas. Por exemplo, a Tanzânia agora está implementando a estratégia de redução da pobreza (PRSP), mas foi estabelecido que nenhum sindicato ou centro sindical foi envolvido em objetivos de planejamentos ou em qualquer forma de combinação do desenvolvimento do PRSP em 2000 (Mlawa, Mwisomba e Semkiwa, 2003). Os sindicatos aqui perderam uma oportunidade de participar de um processo bastante crucial que afeta os membros diretamente, porque os PSRPs não são nada

além de uma continuação das reformas neoliberais que começaram nos anos 80, em outras palavras, os mesmos SAP com novo batizado.

No entanto, em 2003, através da assistência do gabinete do vice-presidente (divisão do PRSP), República Unida da Tanzânia e gabinete da UNDP em Dar es salaam, o apoio financeiro da TUCTA conduziu oficinas de consultoria ao coletar as visões dos trabalhadores sobre a implementação da primeira fase do PRSP (2001 – 2003). No fim, a TUCTA surgiu com o relatório que condenou todo o processo do PSRP por tornar os Tanzanianos ainda mais pobres. A TUCTA desde então tentou influenciar a política através da participação de vários encontros econômicos e ao ter representações em vários fóruns, tais como o fórum EPZ. Porém, mais esforços e táticas ainda são necessários para a TUCTA ser bem sucedida em sua missão.

### **3.2.1 As leis de trabalho na Tanzânia**

Em 2004 a Tanzânia passou duas novas leis de trabalho, que são a Lei número 6 das relações de trabalho e do emprego (2004) e a Lei número 7 das instituições de trabalho (2004), e essas leis entraram em operação em 2007. Os objetivos da lei número 6 das relações de trabalho (2004) eram:-

- ❖ Promover o desenvolvimento econômico através da eficiência econômica, da produtividade e da justice social.
- ❖ Fornecer a estrutura legal para o emprego efetivo e relações de emprego Justas e padrões mínimos relacionados às condições de trabalho.
- ❖ Fornecer uma estrutura para a negociação coletiva voluntária.
- ❖ Regular os recursos da ação industrial como forma de resolver disputas.
- ❖ Fornecer uma estrutura para a resolução de disputas por mediação, arbitragem e julgamento.
- ❖ Dar efeito às provisões da Constituição da República Unida da Tanzânia de 1977, na medida em que elas se aplicam ao emprego e às relações de trabalho e condições de trabalho.
- ❖ Geralmente dar efeito às convenções fundamentais da Organização Internacional do Trabalho, bem como outras convenções ratificadas.

(ELRA No 4(2004) (3) (a-g)).

Olhando os motivos da lei, como descrito acima, pode-se concluir que a Tanzânia é um dos países com boas leis trabalhistas. Porém examinando a Lei entre as linhas, pode ser percebido que esta lei foi aprovada para o objetivo de atrair investidores e não pelo interesse dos trabalhadores. A lei concede alguns direitos aos trabalhadores em uma mão e os tira com a outra.

Segundo o Ministério do Trabalho, do Desenvolvimento, da Juventude e dos esportes, o Primeiro relatório do Grupo de Trabalho sobre Reforma do Direito do Trabalho de Junho de 2003, as novas leis foram baseadas na premissa de que a 'lei deve prever um mínimo de proteção do emprego com a máxima flexibilidade. Por conseguinte, estas leis que foram elaboradas por um consultor da África do Sul e financiada pela Dinamarca, revogaram sete leis que foram vistas como ultrapassadas e que não contribuem para a atração de investimentos. Também foi argumentado que havia muitos fragmentos das Leis do Trabalho, o que tornou difícil lidar com questões laborais. Os atos que foram revogados incluem: --

- ❖ Portaria do emprego (Cap. 366).
- ❖ Regulação de salários e termos da portaria do emprego (Cap 300).
- ❖ Salários e vencimentos (Revisão Geral) Lei, 1974 (Ato No. 22 de 1974).
- ❖ Lei do sindicato, 1998 (Lei No. 10 de 1998).
- ❖ Segurança da Lei do emprego (Cap. 574).
- ❖ Lei de indenizações por rescisão (Cap. 487).
- ❖ Lei do tribunal industrial da Tanzânia, 1967 (Ato No. 41 de 1967).

Por conseguinte, para a razão da flexibilidade, em vez de ter um procedimento detalhado de rescisão, como costumava ser pela lei de Segurança do Trabalho, esta nova lei tem um elaborado Código de Boas Práticas sobre a rescisão, que não é legalmente vinculativo, porque o que uma pessoa precisa fazer para não seguir o código ou orientações é apenas justificar as razões para a partida. A Seção 99 (3) de ELRA lê `` Qualquer pessoa, interpretando ou aplicando a presente Lei deverá ter em

conta qualquer código de boas práticas ou diretrizes publicadas nesta seção, e quando essa pessoa se afasta do código ou de orientação, ela deverá justificar os motivos para a partida ``. Com efeito, as restrições impostas por cessação do contrato pela Lei Serviço de Segurança do Trabalho foram removidas. Como disse um comentarista, `` emprego já não é, necessariamente, por tempo integral ou para a vida inteira`` (Mtaki, 2004).

Além disso, as novas leis laborais adotaram o mecanismo colonial, proibindo greves para alguns trabalhadores que estão trabalhando em serviços essenciais. Isso é estipulado na seção 76 (1) (a) (b). Para os trabalhadores que são permitidos por lei a conduzirem greves, eles têm que seguir um procedimento prescrito longo e pesado. Devido a isso, nenhuma greve que aconteceu após o início da operação das leis do Emprego e das Relações de Trabalho nunca foram qualificadas como greves legais. Uma das greves foi organizada pelos trabalhadores do sindicato das minas e da construção da Tanzânia (TAMICO) com a mineradora de ouro Barrick. A greve na mina de Barrick começou em 25 de outubro de 2007, quando a empresa disse que cerca de 1.000 dos seus 1.971 trabalhadores saíram, em o que chamou de uma greve ilegal. Barrick, a maior produtora de ouro do mundo disse que demitiu metade dos trabalhadores da mina. Entre as reivindicações que os trabalhadores tinham estavam as disparidades de salários entre os trabalhadores estrangeiros e locais e o não-pagamento de planos de saúde e subsídios de riscos e bônus para os trabalhadores locais. Graças aos esforços do Sindicato internacional dos Químicos, Energia e Mineração (ICEM), com a campanha de solidariedade, alguns trabalhadores foram reintegrados.

Outra greve foi convocada pelo Sindicato dos trabalhadores da indústria e do comércio (TUICO) em 2008, representando os trabalhadores do Banco Nacional de Microfinanças. Os empregadores, que são os investidores de NMB e ganharam uma liminar, sob o fundamento de que a contagem de 48 horas de aviso ao empregador, conforme prescrito na seção 80 (1) (e) TUICO contou o domingo, que não é o dia de trabalho. entanto, a lei não deixa claro esta questão das 48 horas de antecedência. O

juiz do Tribunal do Trabalho também apontou que havia conflitos entre TUICO e o governo, e não do empregador, que é NMB, por isso era ilegal para eles realizarem uma greve. Após a TUICO, o Sindicato dos Professores também convocou uma greve que envolveria todos os professores empregados pelo governo no país, mas o governo foi capaz de parar a greve através de do tribunal. O mesmo juiz argumentou que a greve dos professores foi contra os interesses públicos, embora eles seguissem todos os procedimentos da realização de uma greve legal.

As leis do Emprego e das Relações de Trabalho dá poderes à Divisão do Trabalho do Tribunal Superior de emitir liminares para impedir qualquer pessoa de participar de uma greve ilegal ou do bloqueio ou da prática de qualquer conduta proibida (art. 84). O Tribunal tem poderes para ordenar a reparação de prejuízos imputáveis a uma greve ilegal ou conduta. Os tribunais também, presumivelmente, têm poderes para seqüestrar o direito comum à propriedade de um sindicato, por violar uma ordem de liminar. Utilizando esta base, NMB, através de seus advogados, vestiu o terno e entrou com uma ação contra o secretário-geral da TUICO e seu adjunto, e o secretário TUICO da filial NMB exigiu uma ordem de penhora do Tribunal de Justiça para vender suas propriedades, a fim de recuperar os prejuízos causados pela greve. Foi a combinação de liminar, danos e ameaças de sequestro de bens usados que Margaret Thatcher, em 1980, usou para quebrar a espinha do sindicato dos mineiros militantes na Grã-Bretanha. Em uma situação na qual os sindicatos não são fortes, ou não têm uma longa história de luta, as consequências tendem a ser piores se o trabalho está sujeito aos caprichos do mercado e aos caprichos do empregador, sem qualquer proteção legal (Shivji , 2006).

Outro desafio que ELRA (2004) apresenta para o movimento operário na Tanzânia é que se tenha mercados legitimizados e flexíveis de trabalho. Práticas como a sub-contratação, a terceirização e a contratação de trabalhadores temporários a tempo parcial, considerado por muito tempo como o emprego atípico, agora irá se tornar mais comum, especialmente em emprego de cadre menor. Este lugar é dado pela ELRA (2004), na seção 14 (1) (a-c) e (2), que fala sobre os tipos de contratos de trabalho. Um

trabalhador informal pode, portanto, ter um contrato de tarefa específica, durante seis dias, em seguida, o contrato é encerrado, e o trabalhador tem que se voltar para um outro contrato de seis dias ou aceitar uma mudança de nome e ser empregado como uma pessoa diferente.

As leis do trabalho, na Tanzânia, portanto, podem ser vistas como um obstáculo para o funcionamento dos sindicatos e, portanto, eles precisam de uma estratégia de sobrevivência clara. Pior o bastante, com a globalização, a Lei torna-se mais difícil, porque até mesmo os advogados que foram escolhidos para ajudar os trabalhadores parecem estar do lado do empregador, perpetuando a implementação de políticas neoliberais. A lei, que está sendo globalizada, é essencialmente americana ou anglo-americano de origem, promovendo os valores da ordem neoliberal de regulamentação ". Central para estes valores é a expansão e a proteção das relações de propriedade e de apropriação privada de maior valor (Cutler, 2002). Assim, a elite jurídica está envolvida como consultores para a elaboração da legislação da privatização, permitindo a criação de quadros institucionais em que o capital das empresas pode funcionar sem impedimentos. Ele está envolvido na elaboração de contratos que permitam que empresas possam explorar minerais no subsolo e mais recursos bioteres. Ele está envolvido na facilitação mercantilização da educação e da saúde, água e energia; terras tradicionais e plantas medicinais tradicionais (Shivji, 2006).

### **3.2.2 Adesão em queda.**

Uma das coisas principais que determinam a força dos Sindicatos em todo o país é a densidade de adesões. Um sindicato com grande percentual de sindicalização significa que ele terá a capacidade de influenciar as políticas para o benefício dos membros e é sempre muito forte no caso de chamadas para uma ação sindical. Um bom exemplo da Tanzânia é dos professores que, além de terem um sindicato que representa os trabalhadores do setor social fundamental, é o sindicato com a maior porcentagem de membros. Quando o Sindicato dos Professores apela para uma greve, o governo está sempre em tensão e se apressa em ouvir suas reivindicações, embora na maioria dos casos acaba apenas com meras promessas.

No entanto, com a implementação das SAP e agora sindicatos ERP na Tanzânia, estão experimentando uma diminuição acentuada na densidade de adesões. Por exemplo, um estudo conduzido por Beatrice Mkenda sob o comando da Fundação de Pesquisas Econômicas e Sociais em 2001 revelou que o número de empresas que comunicam não-adesão de sua força de trabalho a um sindicato aumentou, entre 1992 e 1998. Por exemplo, em 1992, nenhuma empresa indicou que a sua força de trabalho não pertence a um sindicato. No entanto, em 1998, 134 empresas relataram que nenhum dos seus trabalhadores pertenciam ao trabalho sindical. No outro extremo, o número de empresas que relatam uma sindicalização de 100 por cento de sua força de trabalho caiu de 59 para 31 (Mkenda, 2005).

Uma das razões para esta diminuição de adesões é a privatização das paraestatais do Governo no processo de reformas. A vinda de investidores estrangeiros, normalmente muda a situação das paraestatais do Governo anterior, porque eles entram com as novas tecnologias, que exigem poucos trabalhadores, como aconteceu na Tanzânia Breweries Limited (TBL) quando a produção de cerveja altamente computadorizada significou que alguns trabalhadores, especialmente os pouco qualificados tinham que perder o emprego e, conseqüentemente, isso implica na diminuição da adesão da TUICO. Outros investidores apresentam demissões apenas como meio de reduzir os custos de produção nesta época de intensa competição.

Mkenda dá o exemplo da empresa de telecomunicações Tanzânia Company Limited (TTCL) que, em 1998, empregava pouco mais de 4.688 trabalhadores. Mas, entre Junho de 1998 e Outubro de 1999, a TTCL reduziu o número de empregados para 3.720, com atrito, restrições ao emprego novo e com aposentadoria antecipada. Além disso, em 1998, foi recomendado que uma redução de pessoal de 1.659 funcionários fosse realizada. Isso ilustra as perdas de emprego que podem acontecer devido à privatização (Mkenda, 2005).

**Tabela 10:**

**Número de trabalhadores que largaram emprego em indústrias e empresas e seus motivos  
1992-1998**

<b>Categoria</b>	<b>1992</b>	<b>1996</b>	<b>1997</b>	<b>1998</b>
Número de trabalhadores demitidos	1804	60	346	357
Número de trabalhadores Resignados	145			
Número de trabalhadores evadidos	550	8	69	103
Número de trabalhadores aposentados	169	1	45	75
Número de trabalhadores mortos	62	3	8	34
Deixaram emprego por doença		1	3	12

Fonte: Adaptado de Mkenda, 2005

A Tabela 10 mostra que o número de trabalhadores demitidos em 1992 era bastante alto, e, posteriormente, caiu, e então subiu novamente. O número de demissões, em 1992, é um indicativo de empresas em processos de ajustes, devido, digamos, à privatização, a novos proprietários (nacionais ou estrangeiros), que precisam simplificar seus trabalhadores. O número de demissões e de evasão também pode indicar o grau de rotatividade na empresa.

A tabela 8 mostra que em 1992 houve um número significativo de trabalhadores aposentados. Isso foi contribuído pelos tão chamados Voluntários da aposentadoria, o que é na verdade uma forma disfarçada de demissão. É oferecido para os Trabalhadores um pagamento atraente para se demitirem, em vez de esperar para ser julgado. Na maioria dos casos, eles são incentivados a iniciar seu próprio negócio e a criar novos empregos, mas muitas das empresas que eles estabelecem falem. A razão dada para o fracasso é a falta de apoio institucional e da situação econômica desfavorável.

Outra razão para uma Diminuição da Associação é o fato de que a composição de competência dos trabalhadores está mudando e eles estão cada vez mais diferenciados por sua competência. No topo da escala os Trabalhadores tendem a ser mais bem educados e mais bem pagos (ver Mkenda, 2005) voltado para a carreira, individualista e menos motivado pela solidariedade de classe. Por outro lado, há concentração perceptível dos Trabalhadores na Extremidade inferior da escala em Indústrias de serviços ou ocupações (José, 1999). Esta situação torna difícil para um Sindicato como o TUICO, que organiza uma ampla gama de trabalhadores de cinco setores diferentes para convencê-los e trazê-los juntos. Por exemplo, pode-se considerar como é que é difícil convencer um jovem, educado e bem pago bancário a aderir ao Sindicato que também organiza os vendedores ambulantes do setor informal. Este é um problema típico que enfrenta o TUICO. Outro sindicato que enfrenta este desafio é o RAAWU que procura organizar pesquisadores altamente qualificados e acadêmicos, e ao mesmo tempo os trabalhadores normais de Instituições Acadêmicas e de Pesquisa. (Jose, 1999).

A queda de adesões também teve a contribuição da falta de conhecimento sobre sindicatos dos trabalhadores, e os poucos que têm uma compreensão não vêem o desempenho dos sindicatos no passado como impressionante. Além de serem bem sucedido em alguns casos individuais, os sindicatos na Tanzânia não têm bons resultados nas disputas coletivas e muitas das greves organizadas acabaram sendo um fracasso, ou os trabalhadores receberam promessas não cumpridas. Os trabalhadores, na maioria dos casos, preferem usar advogados individuais em vez dos sindicatos. Esta situação cria a impressão negativa dos sindicatos entre os trabalhadores. As mulheres trabalhadoras também são relutantes em aderir aos Sindicatos devido à noção de que o papel dos sindicatos é apenas de organizar greves.

### **3.2.3 Falta de recursos humanos e financeiros**

Devido à queda de adesões muitos Sindicatos na Tanzânia estão enfrentando dificuldades financeiras, uma vez que a principal fonte de renda é o pagamento da anuidade. A maioria dos sindicatos depende do fundo de sindicatos globais para

executar suas atividades. Por exemplo, em quase todos os Sindicatos e no centro nacional, as atividades educacionais são vitais para o desenvolvimento do sindicato, que dependem do apoio dos sindicatos globais em mais de 80 por cento. Portanto, com as reformas econômicas, não só o país vive de ajudas, mas os sindicatos também. A derrota dos governos sócio-democráticos em muitos países ocidentais e especialmente os escandinavos e sua substituição subsequente por regimes neoliberais significou a diminuição das ajudas para a África e os sindicatos também tiveram que enfrentar o desafio.

Sindicatos na Tanzânia, também enfrentam um problema de falta de recursos humanos competentes. Este pode ser um resultado do que pode ser denominado como síndrome de JUWATA / OTTU. A maioria dos líderes sindicais em todos os níveis tem falta de compromisso, agressividade e criatividade (talvez o legado de estar sob a axila do partido no poder e os check-off do sistema sejam os culpados), e como resultado eles continuam a contar com a forma tradicional de execução de um sindicato, sem levar em conta o fato de que a situação mudou. Isso não atrai novos membros (Chambua, 2002). A maioria dos funcionários dos sindicatos não está bem equipada com as novas técnicas de organização e negociação, e as habilidades exigidas em uma economia de livre mercado com um setor privado e informal em expansão.

#### **3.2.4 Conflitos internos e inter-sindicais**

A Relação entre sindicatos geralmente reflete a solidariedade, que é o princípio fundamental da ação sindical. No entanto, existe um certo grau de polarização entre os sindicatos na Tanzânia. Por exemplo, em janeiro de 2008 TUGHE e TALGWU entraram em uma forte concorrência sindical, que é elegível para organizar os trabalhadores do Magu conselho distrital. Também não há bom relacionamento entre TUICO e TPAWU devido ao conflito sobre se o TUICO ou o TPAWU tem mandato para sindicalizar trabalhadores no TPC limitado no Kilimanjaro e na Companhia Morogoro tabaco. O conflito na TPC era único, porque os que estavam tendo conflitos não eram trabalhadores e empregadores e sim, os dois Sindicatos. Outro conflito foi em 2004,

entre COTWU (T) e DOWUTA, relacionado aos trabalhadores da autoridade portuária no Porto Tanga.

Os sindicatos não conseguem trabalhar em conjunto, embora os seus objetivos sejam os mesmos. Com o aprofundamento das reformas em curso de execução e o crescente número de desempregados e de trabalhadores de tempo parcial, o desmembramento do movimento sindical na Tanzânia é provavelmente irreversível. Muitos líderes não conseguiram projetar uma imagem positiva do sindicalismo militante aos trabalhadores e ao público. Além dos conflitos intersindicais dos Sindicatos do Comércio na Tanzânia foram enfrentados muitos conflitos internos. Estes conflitos internos, por vezes, causam divisões em sindicatos, e um bom exemplo é o conflito no COTWU (T), que fez os trabalhadores das telecomunicações decidirem sair e formar o seu próprio sindicato TEWUTA. Ameaças de membros de formar outros sindicatos também têm desafiado o TUICO, onde os bancários por várias vezes ameaçaram partir e formar o seu sindicato. Grandes tensões na Sindicatos ocorrem durante as eleições, onde alguns líderes têm uma percepção de que eles foram escolhidos para governar para sempre e outros não podem comandar os Sindicatos. Várias vezes o tribunal teve de intervir na decisão do curso certo da eleição de um sindicato, como as eleições gerais do TUICO em 2005 e do COTWU (T), em 2006. Outros problemas gerais incluem a inclusão pobre dos jovens nas atividades sindicais e na má comunicação.

## **CAPÍTULO 4**

### **CONCLUSÃO E RECOMENDAÇÕES**

#### **4.1 Conclusão**

Há um espaço e uma necessidade por um novo pensamento, e novas políticas para os sindicatos. É verdade absoluta que, embora operando em uma nova era, os Sindicatos na Tanzânia ainda operam em um estilo antigo da era socialista. Durante o período socialista na Tanzânia os sindicatos estavam operando como uma ala especial do partido no poder e estavam funcionando sob estrito controle. Mesmo a Organização Sindical da Tanzânia (OTTU), que foi formada em 1995 e alegou ser independente das intervenções foi praticamente semi-autônoma, porque ainda havia elementos de intervenção do partido Chama Cha Mapinduzi (Partido revolucionário).

Tendo em conta o fato de o mundo ter mudado em todas as esferas, os Sindicatos na Tanzânia tiveram que construir suas próprias práticas sindicais, com base em estruturas herdadas e dentro de um quadro que está fora do controle do Estado. A lei dos sindicatos de 1998 deu poder autônomo aos sindicatos, mas eles ainda parecem estar aleijados com o sistema antigo. Enquanto as políticas do partido no poder (CCM) tenham praticamente mudado para as de economias neo-liberais que desencorajam os movimentos sindicais e abraçam o investimento estrangeiro e as forças do mercado (na constituição do partido ainda alega-se que se segue a política do socialismo e da auto-suficiência), os sindicatos encontraram-se no dilema e não têm onde se segurar, já que os seus antigos aliados se afastaram deles. Os sindicatos ainda estão operando sob uma burocracia rígida e de cabeça para baixo sem perceberem que o nicho que favoreceu esse tipo de estrutura tem perecido.

Durante o período socialista, a filiação sindical era obrigatória e só havia um sindicato na época. Quase todos os investimentos eram do estado e, portanto, o governo era o empregador mais importante com o pequeno setor privado. Foi um fenômeno comum durante este período para o presidente anunciar o salário mínimo durante as celebrações do Dia de Maio.

Hoje, na época da globalização com os programas de reforma econômica, a situação mudou muito. Os princípios fundamentais da estrutura dos Programas de Ajustamento (SAP `s) incluem o controle da oferta monetária, a desvalorização da moeda local, a redução do endividamento público e das despesas públicas, (particularmente nos setores produtivos da economia) e a introdução de taxas de utilização (custo-divisão) de educação e saúde. Outras medidas incluem a liberalização do comércio, a redução das tarifas, a criação de um ambiente propício para investimentos estrangeiros, a abolição dos controles de preços, privatização de paraestatais, retirada de subsídios, contenção de trabalhadores e, acima de tudo, a democratização, que é geralmente entendida como o pluripartidarismo.

Desde o início de 1980, a maioria dos países da África subsaariana, incluindo a Tanzânia, foi obrigada a aplicar estas medidas como pré-condição para a ajuda e para os empréstimos do FMI, do Banco Mundial e de outras agências doadoras. Esta mudança na política econômica da Tanzânia causou a transformação no mercado de trabalho e na forma como ele funciona. A adesão aos sindicatos não é obrigatória e, portanto, os sindicatos têm de organizar e conduzir programas de recrutamento, a maioria dos trabalhadores é jovem e os empregadores são principalmente investidores privados de grandes empresas multinacionais. Embora os sindicatos na Tanzânia enfrentem muitos desafios trazidos pelas mudanças econômicas, eles ainda tem uma chance para um melhor desempenho e para sua sobrevivência, se eles se adaptarem a novos ambientes através da aplicação de novas estratégias que sejam adequadas no decurso da atual situação. Os sindicatos são muito importantes na sociedade, não apenas para os trabalhadores, mas também para toda a sociedade em geral. Os papéis dos Sindicatos podem ser classificados em primeiro lugar para o da economia, quando facilitam a produção e garantem uma justa distribuição de valor acrescentado através da negociação coletiva e de negociações. Em segundo lugar Sindicatos executar a tarefa de serem representantes e democráticos, ao serem a voz e a identidade no trabalho e na sociedade e, por último, desempenham o papel social, minimizando o risco de exclusão em uma sociedade industrial (José, 1999). Devido a

essa importância, o sindicato na Tanzânia tem que mudar, de modo a garantir o bem-estar econômico e o desenvolvimento sustentável.

## **4.2 Recomendações**

### **4.2.1 Atraindo novos membros**

O grau de sindicalização na Tanzânia é ainda muito baixo, a adesão está diminuindo a cada dia, como mostrado nas seções anteriores. No entanto, o potencial de adesão é muito alto e, especialmente, para sindicatos como TUICO, TPAWU, CHODAWU e TAMICO. Isto é graças ao fato de que, com a natureza das reformas e dos empregos da IDE que estão sendo criado em indústrias, no setor informal, na agricultura, na mineração e nos serviços, especialmente serviços financeiros e do turismo.

Porque o setor informal está crescendo rapidamente na Tanzânia, esforços têm que ser feitos para organizar membros neste setor. Aqui foi recordado que a tarefa de organizar o desorganizado parece ser o mais fácil nas zonas onde os operadores já pertencem a alguma forma de organização, como Anyemedu, e dão o exemplo de Gana, onde a Associação dos cabeleireiros e esteticistas de Gana tem sido organizada e filiada ao sindicato dos trabalhadores da indústria e do comércio (UTI). O sindicato Geral dos Trabalhadores Agrícolas (GAWU) também organizou grupos de trabalhadores rurais autônomos (Anyemedu, 2000). O mesmo esforço pode ser feito na Tanzânia, onde, em áreas rurais, por exemplo, muitos agricultores pertencem a associações e alguns até formaram sociedades cooperativas de Poupança e Crédito (OCCIs), este poderia ser um bom lugar para organizar o TPAWU. Outros incluem a associação de dirigentes fiscais, que embora tenha algumas relações com o COTWU (T), não é filiada a ele. Nas áreas urbanas, esforços podem ser feitos para organizar os vendedores ambulantes, comerciantes e vendedores de jornais na estrada. Na Tanzânia, o único sindicato que foi capaz de organizar o setor informal foi o TUICO, que tem membros no mercado Kariakoo (O mercado principal de alimento, em Dar es Salaam), no mercado de Mchikichini e, em alguns grupos de mulheres. No entanto, alguns esforços além são necessários para serem empregados pelo TUICO, já que há ainda um grande potencial.

Serviços a serem prestados pelo setor informal podem incluir a concessão de créditos limitados e a ajuda em outras formas de créditos institucionais. Por exemplo, agora existe o Fundo de redução da pobreza fixado pelo Presidente Jakaya Kikwete, mas a maioria de empreendedores informais não conseguiram acessá-lo devido à falta de apoio institucional, os sindicatos podem desempenhar o papel de patrões quando estão com estes empresários. Os sindicatos também podem oferecer habilidades educacionais e serviços de desenvolvimento para os membros informais. Por exemplo, o TUICO têm aplicado vários cursos de empreendedorismo e seminários de HIV / AIDS para os membros que pertencem a comunidades de pescadores na área de Ndumbi, na costa oriental do lago Niassa. Outro serviço é que os sindicatos podem atuar como canais para a negociação coletiva com as autoridades públicas sobre assuntos de interesse para os operadores. Isto é muito importante em Dar es Salaam, onde os vendedores de rua da cidade e as milícias do Conselho muitas vezes entram em conflitos abertos, por vezes com resultados piores. O TUICO também tem dado apoio jurídico aos seus membros, sempre que seus interesses estão ameaçados.

Outra atitude importante que os sindicatos da Tanzânia tem que tomar, a fim de atrair novos membros, é o de organizar as equipes sênior. Os altos funcionários são cruciais, porque a globalização favorece o emprego deles, já que na maioria dos casos, eles são educados, qualificados e bem pagos (ver Mkenda, 2005). Este grupo de funcionários também é importante porque, diferente de épocas passadas, porque agora enfrentam o calor da liberalização também, sentem-se inseguros e, portanto, precisam de um acordo vinculativo (Anyemedu, 2000). Este movimento para organizar equipes sênior pode não ser fácil, devido à reação dos empregadores, mas a comissão da OIT sobre a Liberdade de Associação (1963 e 1966) informou que `` É importante que as possibilidades de pessoal administrativo e similares não devem ser definidas de modo amplo a fim de enfraquecer (trabalhador) a organização, privando-a de parte substancial dos seus membros atuais ou potenciais ``. Na Tanzânia, seção 9 (2) (c), do ELRA de 2004 permite ao funcionário de gerência sênior se unir ao sindicato se ele/ela quiser.

## **4.2 .2 Lobbying e advocacia**

Como estratégia de certificar-se que a legislação tenha em conta os interesses dos trabalhadores, o TUCTA pode aplicar a tática de lobby junto ao Parlamento através do estabelecimento de laços estreitos com ele. Às vezes ele pode usar até mesmo alguns membros influentes do parlamento e políticos para canalizar suas exibições para o público. Essa tática foi muito bem sucedida em Gana, onde em 1994 TUC nomeou um oficial de ligação parlamentar como um meio de estabelecer uma relação formal e contínua entre movimento sindical e parlamento. Este oficial foi formalmente apresentado ao Parlamento e reconhecido pela casa. Este oficial, que expôs a dedicação ao trabalho, deu ordens aos líderes TUC sobre a evolução da casa e da legislação iminente. Quando uma lei é publicada, ela é examinada para as disposições relativas aos trabalhadores, o TUC é alertado e se decide fazer representações ao Parlamento, as medidas necessárias são feitas (Anyemedu, 2000). Essa tática pode ser implantada na Tanzânia, bem porque o movimento sindical na Tanzânia compartilha alguns elementos em comum com o de Gana.

Outra tática é os sindicatos diversificarem suas atividades e se envolverem com a redução da pobreza e com trabalhos de desenvolvimento comunitários. Isso irá aumentar a sua popularidade entre os membros da sociedade e aumentar indiretamente a base sindical da sociedade. Por exemplo, um dos sindicatos mais antigas no Médio Oriente, a Histadrut de Israel, cresceu com força até o início de 1990`s, com um registro de adesão impressionante com base na prestação de serviços sociais, nomeadamente de saúde, que abrangia praticamente toda a população (José, 1999). Isso também é possível na Tanzânia e já foi assim antes. JUWATA se tornou mais popular, porque também prestava serviços de saúde através da criação de farmácias na maior parte do centro regional. Por exemplo, o hospital de JUWATA no município de Iringa durante a década de 90 foi o melhor na cidade. Não apenas os serviços de saúde, mas JUWATA também participou de atividades de entretenimento por possuir uma banda de música que foi chamada de JUWATA Jazz Band, então renomeada para OTTU Jazz Band, antes de ser abandonada quando TUCTA foi

formado. Esta banda de música ajudou muito na divulgação de JUWATA, e até hoje, é considerada uma das mais antigas e respeitadas bandas de música na Tanzânia, mas agora, sob o nome msondo Ngoma Music Band. TUCTA ainda pode usar essa banda, uma vez que também pode atuar como projeto de geração de renda.

O TUCTA pode também envolver-se na oferta de educação, através da abertura de vários centros de ensino. Agora, com o fato de que as políticas de liberalização favorecem o emprego de trabalhadores instruídos, muitos trabalhadores do setor público e privado que têm a educação básica estão se esforçando para obter o ensino secundário, para que possam entrar em colégios e universidades. Hoje, em quase todos os centros de cidade da Tanzânia, há proliferação de centros de ensino que oferecem aulas noturnas para os trabalhadores. Esta foi uma oportunidade para os sindicatos estabelecerem seus próprios centros, que podem fazer tarefas duplas de formação dos trabalhadores e ao mesmo tempo doutriná-los com a ideologia sindical. Essa estratégia tem sido bem sucedida no Níger, onde um dos Centros Nacionais USTN possui uma escola e um projeto de agricultura.

#### **4.2.3 Treinamento de oficiais sindicais**

Como foi mencionado anteriormente, um dos problemas desafiando os sindicatos na Tanzânia é a falta de recursos humanos apropriados, o que faz com que a maioria dos sindicatos se organize de forma ultrapassada. A falta de qualificação apropriada faz os sindicatos serem destruídos pelos empregadores, que agora usam oficiais de recursos humanos educados e bem informados, que conhecem os truques do jogo nesse ambiente neoliberal. Os sindicatos aqui têm que decidir se alteram seus procedimentos tradicionais de emprego e começam a empregar em bases de qualificação e de educação, ou se dedicam ao educar os oficiais existentes para se adaptarem ao ambiente modificado.

É muito irritante perceber que mesmo o conhecimento da tecnologia de informação entre os representantes do sindicato na Tanzânia é muito baixo, nesta época onde a tecnologia de comunicação desempenha um grande papel. Só um sindicato em

TEWUTA até agora teve um site, e mesmo o Centro Nacional TUCTA não tem. Isso derruba a reputação dos Sindicatos e desestimula os trabalhadores ocupados que acham mais fácil aderir ao sindicato com o preenchimento do formulário on-line.

No sentido de garantir educação de qualidade para os oficiais e membros dos Sindicatos na Tanzânia é necessário melhorar a faculdade Mbeya, que foi muito importante durante a era JUWATA e OTTU. Esta faculdade pode estabelecer ligações com outras instituições de ensino superior, como o instituto de ação social e oferecer diplomas e certificados de questões trabalhistas. Além de que a faculdade tem que continuar a oferecer cursos de curta duração, mas o conteúdo e seleção dos participantes têm de ser consideradas, porque a experiência mostrou que, em alguns conteúdos de curso tornam-se demasiado complexo para alguns participantes e muito baixos para os outros.

#### **4.2.4 Aliança com outros parceiros**

Muitos sindicatos na Tanzânia estão operando de forma isolada com outros parceiros sociais. No entanto, há um potencial para trabalhar com algumas ONG`s, CGO`s e outros grupos de pressão que podem fortalecer o movimento sindical e social em geral. Por exemplo, há um bom número de organizações que lidam com questões femininas como a TGNP e TAMWA, trabalhar com essas organizações poderiam permitir que sindicatos atraiam as trabalhadoras para participar de Sindicatos e disputar a liderança, uma vez que a participação das mulheres nos sindicatos da Tanzânia ainda é baixa. Há outras organizações e centros que lidam com a pobreza e HIV / SIDA, que também poderiam ser de grande importância para os sindicatos. Por exemplo, em 2008 o TPAWU colaborou com sucesso com outros parceiros para implementar um projeto de luta contra o assédio sexual nas plantações de chá na Tanzânia. A TAMICO também colaborou com o Centro de Boa Esperança para Crianças e Jovens em Mererani para ajudar a afastar as crianças das minas e na escola, ou em formação. O centro, que é uma organização não-governamental, está trabalhando com as Normas Internacionais da OIT sobre o Programa para a Eliminação do Trabalho Infantil (IPEC). Isso mostra que, apesar da relutância, os sindicatos podem colaborar com outros parceiros sociais.

#### **4.2.5 Cooperação Internacional**

Alguns estudiosos como Andrew Herodes, que acreditam que os trabalhadores e os sindicatos têm se adaptado com sucesso aos desafios da globalização, que como o capital se tornou global, os trabalhadores e os sindicatos também se tornaram globais. Em seu ensaio intitulado "Trabalho como agente de globalização e como um agente global", Herode apontou que, ao invés de serem necessariamente vítimas da globalização, os trabalhadores têm muitas vezes contestado com êxito em escala global as ações das corporações transnacionais. Ele apoia o seu argumento de que os trabalhadores, através dos seus sindicatos, têm desenvolvido de Cooperações Internacionais do Trabalho (Sindicatos Globais), como a Federação Internacional dos Trabalhadores Metalúrgicos (FMI), Federação Internacional dos Químicos, das Minas e Energia do Sindicato Geral dos Trabalhadores (ICEM), do Sindicato Internacional de Alimentação, Agricultura , Hotéis, Restaurantes, Catering, Tabaco e Associação dos trabalhadores Aliados (IUF), da Sindicato da Rede Internacional (UNI), Serviços Públicos Internacionais (PSI) e muitos outros. Muitos sindicatos na Tanzânia são afiliados desses Sindicatos Globais. O sindicato dos trabalhadores da Indústria e do comércio da Tanzânia (TUICO), por exemplo, é afiliado à UNI, IUF, FMI, PSI, ICEM e Streenet Internacional. Esta rede internacional tem que ser mantida para que os sindicatos na Tanzânia possam continuar a operar. Há boas histórias em que a solidariedade internacional ajudou Sindicatos da Tanzânia a resolver seus problemas. No entanto, a falta de recursos financeiros ainda é um problema para os Sindicatos da Tanzânia, que necessita de uma atenção adequada e criatividade para lidar com eles.

## **Bibliografia**

ADELMAN, I e VUJOVIC, D. Institutional and policy aspects of transition: An Empirical Analysis, in AMNON, L (Ed) *Handbook of Globalization of World Economy*, Edward Elgar Publishing Limited, Massachusetts, 1978

ADJI, S. *Globalization and Union Strategies in Niger*, ILO, International Institute of Labour Studies, Geneva, 2000

AGYEMAN, O. *The Failure of grassroots Pan-Africanism*, AU, Africa Trade Union Federation, 2002.

AMANI, K, NYANGE, D.A., KWEKA, J.P. e V. LEYARO, *Trade Policies and Agricultural Trade in the SADC Region: Challenges and Implications*. Report for Food, Agriculture and Natural Resources Policy Network. January 2003

ANYEMEDU, K. *Trade Union Response to Globalization: Case Study of Ghana*, ILO, International Institute of Labour Studies, Geneva, 2000.

ASSENS, J e JENSEN, K . *Profile of the Labour Market and Trade Unions in Tanzania*, LO/FTF Council Denmark, 2003

BETCHERMAN, G. Labour markets and public policy. In BOWYER, R and DRACHE, D. *States against markets*. London and New York, Routledge Taylor and Francis group, 1996.

BEVAN, D., BIGSTEN, A., COLLIER P. e GUNNING, J. The Decline in Tanzanian Incomes During the „Nyerere Experiment“ : Evidence from Household Budget Surveys“ in VAN GINNECKEN, W. ed. *Trends in Employment and Labour Incomes: Case Studies on Developing Countries*, ILO, Geneva, 1998.

BIGSTEN, A. e DANIELSON, A. *Is Tanzania an Emerging Economy ?* ,Report to the OECD, mimeo, Gothenburg and Lund, 1999.

BIGSTEN, A., MUTALEMWA, D., TSIKATA, Y. e WANGWE, S. ``Tanzania`` in DEVARAJAN, S., DOLLAR, D. and HOLMGREN T. Eds. *Aid and Reform in Africa: Lessons from Ten Case Studies*, World Bank, Washington, 2001

BIGSTEN A, MUTALEMWA, D et al. *Aid and Reform in Tanzania*. World Bank Report, 1999

BIGSTEN, A. P. Et al. *Exports and Firm Level Efficiency in African Manufacturing*, CSAE Working Paper, WPS/2000.16, 2000.

BRIAN VAN ARKADIE e SAMUEL M. WANGWE (Eds.). *Overcoming Constraints on Tanzanian Growth: Policy Challenges Facing the Third Government Phase*, Dar es salaam, Mkuki na Nyota Publishers, and ESRF, 2000.

BRITISH INFORMATION SERVICE, Library Division C.S. Vol. 7 No. 13, 20th June 1961. and C.S. Vol. 11 No.7, 30th May 1965.

CHACHAGE, Seith. *Globalization and democratic governance in Tanzania*, in Development Policy management forum, Addis Ababa, Ethiopia, 2003 , available at <http://www.dpmf.org>.

CHANG. HA-JOON. *Kicking away the ladder*, London, Anthem Press, 2007.

CHAPELIER, G e TABATABAI, *Development and adjustment, Stabilization , Structural Adjustment and UNDP Policy*, UNDP Publications, New York, 1989.

CHESNAIS, FRANCOIS. *Lecture at Mumbai World Social Forum*, 16 January 2001, available at [www.france.attac.org](http://www.france.attac.org).

CHE-MPONDA, HUMPHREY. *Aspects of Nyerere`s thoughts. A study in the dynamics of African leaders aspirations in directing their county`s economic growth after independence*, Dar es salaam, University of Dar es salaam, 1986.

CLARKE, SIMON R.C. *Post-socialist Trade Unions: China and Russia*. Industrial Relations Journal, Vol. 36, No. 1, pp. 2-18, January 2005, SSRN: <http://ssrn.com/abstract=651599>

COLLIER, P. *Aid and Economic Performance in Tanzania* in LELE,U and, NABI,I (eds.). *Transitions in Development: The Role of Aid and Commercial Flows*, San Francisco ICS Press, 1991.

COULSON, A . *Tanzania: A Political Economy*, Oxford ,Clarendon Press, 1982,

DE LA DEHESA, Guillermo (2006), *Winners and losers in Globalization*, Blackwell Publishing Ltd, Victoria.

DRAIBE, S. *The National Policies Systems in Brazil: Construction and reform*, 2002  
[www.nepp.unicamp.br](http://www.nepp.unicamp.br)

DUMONT, R. *Tanzania After the Arusha Declaration*, Dar-es-salaam, The Government Printer, 1969.

DUNNING, J.H e HAMDANI. H,K . *The New Globalism and developing countries*, New York. United Nations University Press, 1997.

ESPING-ANSENERSEN, GOSTA. *Welfare State in Transition, National Adaptations in Global Economies*, London Sage, 1996.

FLORO, M e DYMSKI, G. *Financial Crisis, Gender and Power; An analytical Framework*, World Development, Vol, 28, No. 7` 2000.

GARCIA, MALITO e JEAN FARES. *Youth in African labour Market*, Washington, World Bank Publications, 2008

GOVERNMENT OF THE UNITED REPUBLIC OF TANZANIA. *National Strategy for Growth and Reduction of Poverty (NSGRP)*, Dar es salaam Vice President's Office, 2005.

GILPIN, R. *The Challenge of Global Capitalism: The World Economy in the 21<sup>st</sup> Century*, London, Sage, 2003.

GREIDER WILLIAM. *One World, Ready or Not: The Manic Logic of Global Capitalism*, New York, Simon & Schuster, 2006.

GURULI, K. The role of NUTA in the struggle for socialism and self reliance, in RUHUMBIKA , G. (ed) *Towards Ujamaa*, East African Literature Bureau, 1974.

HAMMOND, ROSS. *The Impacts of IMF Structural Adjustment Policies on Tanzanian Agriculture. Research conducted in association with the Evangelical Lutheran Church of Tanzania*, 1998

HAONGA MICHAEL. *Tanzania: Unemployment defies poverty alleviation Strategies*, The Guardian, Tuesday 09 May 2006, Tanzania Business Printers.

HEROD, ANDREW. Labour as an Agent of Globalization and as a Global agent. In COX, KEVIN. *Spaces of Globalization, reasserting the power of the local* . New York, Guilford Press. 1997.

HOLTON, ROBERT. *Making Globalization*, Basingstoke, Pallgrave, 2005.

HOOVERT, Ankie (2000) *Industry and Trade in a Global economy with special reference to Sub Saharan Africa*, Industrial Policy and Research Branch, UNIDO.

HYMER, S. (1976) *The Multinational Corporation: A Radical Approach*. Cambridge University Press, Cambridge.

INTERNATIONAL LABOUR ORGANIZATION, *Key Indicators of the Labour Market. (KILM) 5<sup>th</sup> Edition*.

JKJELL, H. *Tanzania Country Study and Norwegian Aid Review*. University of Bergen. Centre for Development Studies, 1988.

JAKOBSEN, K. Unpublished paper `` *Multinational companies and the Brazilian labour Market* `` Sao Paulo, 2006

JOHSTON, DEBORAH e SAAD-FILHO, ALFREDO. *Neoliberalism: A critical reader*, London, Pluto Press, 2005.

JOSE, A.V. *The future of Labour Movement: Some observations on developing countries*, Geneva, I L O, International Institute of Labour Studies, 1999.

KAYENZE GODFREY et al. *The Search for Sustainable Development in Southern Africa*, Harare, ANSA, 2006.

KEYNES, J.M. *The General Theory of Employment, Interest and Money*, 1936a, New York, Harcourt, Brace, reprinted as *The Collected Writings of John Maynard Keynes* , London, Macmillan, 1973.

LALL, S. Ed. *The Technological Response to Import liberalization in Sub Saharan Africa*, London, Macmillan, 1999.

LOXEY, John. *Debt and Disorder, External Financing for Development*, London, West view Press, 1986.

MAHUWI, T.J. Fighting Rural Poverty Through Rural Finance in Tanzania, A case of Wino SACCO, in MSAMBICHAKA L.A et al. *Globalization and Challenges for Development in Tanzania*, Dar es salaam, Dar es salaam University Press, 2006.

MARKEY, RAYMOND. Labour Issues in the formerly central planned economies in Eastern Europe, in AMNON, L (ed). *Handbook of Globalization of World Economy*, Massachusetts, Edward Elgar Publishing Limited, 1998.

MARTEL, LUKE. *The third wave in Globalization theory*, International studies Review, Department of Sociology, University of Sussex, 2007.

MEENA, RUTH. *The Political and Social Economy of Care: Tanzania Research Report*, 1, Geneva, UNRISD, 2008.

MKENDA, BEATRICE. *The Impact of Globalization on Tanzania's Labour Market: Evidence from Manufacturing Sector*, A paper prepared for Policy Dialogue for Accelerating Growth and Poverty Reduction in Tanzania, held at ESRF, on July 28<sup>th</sup> 2005.

MLAWA, H, MWISOMBA, L and SEMKIWA, H. Trade Union and Poverty alleviation in Tanzania, in MWAMADZINGO, M and SALESHANDO, D (Eds) *Trade Unions and Poverty alleviation in Africa*, ILO, 2003.

MOHAMED SERAAJ .Unpublished paper, *Economic policy, Globalization and the Labour Movement: Changes in the global economy from the Golden Age to neoliberal era*, 2006.

MTAKI, C. *Employment and Labour Relations Act, 2004: Employment Standards*, p.11. Paper prepared for the Seminar for NHC's Board of Directors and Management Staff, Livingstone Club, Bagamoyo. 13-15 December 2004.

MTATIFIKOLO F.P. Effects of Globalization on Economic performance in Tanzania` in MSAMBICHAKA L.A et al. *Globalization and Challenges for Development in Tanzania*, Dar es salaam, Dar es salaam University Press, 2006.

MUQTADA M. *Macroeconomic Stability, Growth and Employment: Issues and Considerations beyond the Washington Consensus*, Employment Paper 2003/48, Geneva, ILO, 2002.

NATIONAL BUREAU OF STATISTICS. Child Labour in Tanzania, *in Tanzania Country Report: ILF and Child Labour Survey*, 2001.

NATIONAL BUREAU OF STATISTICS. *Labour Force Survey 2006 Results*, Dar es salaam, Government Printers, 2007.

NCHAHAGA GEORGE. *Children Working in Commercial Agriculture-Coffee: A Rapid assessment*, Geneva, ILO, IPEC, 2002.

NDULU, BENO. Tanzania, in TAYLOR, LANCE (ed). *The Rocky Road to Reforms, Adjustment, Income Distribution and Growth in Developing World*, Cambridge, The MIT Press, 1993.

NORD et al . *Tanzania, the story of African Transition*, Washington D.C, International Monetary, 2009.

NYERERE, J.K . *Socialism and Rural Development*, Oxford , Oxford University Press, 1967.

NYERERE J.K. *Freedom and Unity/Uhuru na Umoja*, Dar es Salaam, Oxford University Press, 1968.

RAJ, NALLARI. *Labour Friendly Growth, Poverty and Growth blog*, Washington, The World Bank Group, 2007.

POTTS, D. Tanzania, Development and Liberalization“ in CARLING, A. ed., *Globalization and Identity: Development and Integration in a Changing World*, London, Tauris, 2006.

POTTS, David (2006) *Policy Reform and Economic Development of Tanzania*, UK, University of Bradford, 2006.

RAMSAY, HARVEY. Know thine enemy: Understanding multinational corporations as a requirement for strategic international labourism, in MICHAEL E. GORDON and LOWELL TURNER (eds.) *Transnational Cooperation among Labour Unions*, New York, Ithaca, 2000.

RODNEY.W. *How Europe Underdeveloped Africa*, Bogle-L'Ouverture Publications, London and Tanzanian Publishing House, Dar-Es-Salaam 1973, Transcript from 6th reprint, 1983.

ROWLANDS DAVE e RODRIGUEZ EDGER, Report on the workshop, ``*Labour Markets and Growth: Better Jobs under Globalization*`` International Development Research Centre, New Delhi, 2006.

SACHS, JEFFREY. *Developing Country Debt and the World economy*, Chicago, University of Chicago Press, 1989.

SHIVJI, I.J. *Class struggle in Tanzania*, Dar es salaam, Tanzania Publishing House, 1976.

SHIVJI, I.J. *Lawyers in Neoliberalism: Authority`s Professional supplicants or Society`s Amateurish Conscience?* Valedictory on the occasion of formal retirement from the University of Dar es salaam, Dar es salaam, Tanzania, 15 July 2006.

SINGH .A e ZAMIT. *A International Capital Flows: Identifying the Gender Dimensions*, World Development, Vol, 28, No 27, 2000.

STEWART, FRANCIS. *Basic Needs in developing countries*, Baltimore, Maryland The John Hopkins University Press, 1985.

STEWART MICHAEL, *Keynes and after*, London, Penguin books, 1987.

STIGLITZ, J. *Globalization and its discontents*, New York, WW. Norton & Co, 2002.

STIGLITZ J. 'Argentina Short-changed: Why the Nation That Followed the Rules Fell to Pieces', Washington Post, May 12, 2002.

STRANGE, SUSAN . *Casino Capitalism*, Manchester, Manchester University Press, 1997.

STREETEN PAUL. *Mobilizing Human Potential, The challenge of Unemployment*, UNDP Policy discussion paper, Washington, UN Publications, 1989.

SZIRMAI, ADAM. *The dynamics of Socio-economic development*, Cambridge, Cambridge University Press, 2005.

TABB, WILLIAM. *Economic Governance in the age of Globalization*. New York: Columbia University Press, 2004.

TAJGMAN DAVID. *Reflections on Labour Market deregulation in South Africa` in International Journal of Social Economics*, Harare, MCB UP Ltd, 1996.

TOYE, J. *Structural Adjustment: Context, Assumptions, Origin and Diversity*, Paper presented at the international seminar of Structural Adjustment and long term development in Sub Saharan Africa: Research and Policy issues, The Hague, 1993.

ULTZ J. ROBERT(2007), *Sustaining and sharing economic growth in Tanzania*, Washington, World Bank Publications, 2007.

UNCTAD: *Investment Policy Review, The United Republic of Tanzania*, UN Publication, Switzerland, 2002.

UNCTAD: *Trade and Development Report 2003, Capital Accumulation and, Growth and Structural Change*, UN Publication, Geneva and New York, 2003.

UNITED REPUBLIC OF TANZANIA, *Employment and Labour Relations Act No 6 (2004)*

UNITED REPUBLIC OF TANZANIA. *Poverty and Human Development Report 2007*, Dar es salaam, Government Printers.

UNITED REPUBLIC OF TANZANIA, *Export Crop Packages: A Framework for Action*, Dar es Salaam: Ministry of Agriculture PPMB, 1984.

WHEEN FRANCIS. *Marx`s Das Kapital*, London, Atlantic books, 2007.

WOLF, MARTIN. *Why Globalization Works*. New Haven and London: Yale University Press, 2005.

WORLD BANK. *World Development Report 1988*, Oxford, Oxford, University Press, 1988.

**ICFTU** – Confederação Internacional dos Sindicatos Livres.

**ILO** – Organização Internacional do Trabalho.

**ILFS** – Pesquisa de força de trabalho Integrada.

**IMF** – Fundo Monetário Internacional.

**IMF** – Federação Internacional dos Metalúrgicos.

**IUF** – Sindicato Internacional da comida, Agricultura, Hotéis, Restaurantes, Catering, Tabaco e Federação dos Trabalhadores aliados

**JUWATA** – Jumuia ya Wafanyakazi Tanzania.

**KILM** – Indicadores-Chave dos mercados de Trabalho.

**LDC`s** – Países menos desenvolvidos.

**MDG`s** – Objetivos de desenvolvimento Do Milênio.

**MNC`s** – Companhias Multinacionais.

**NDC** – Corporação Nacional do Desenvolvimento.

**NESP** – Programa Nacional de Sobrevivência Econômica.

**NGO** – Organização Não-Governamental.

**NMB** – Banco Nacional de Microfinanças.

**NUPTE** – Sindicato Nacional dos Correios e Telecomunicações

**NUTA** – Sindicato Nacional dos Trabalhadores de Tanganyika.

**OTTU** – Organização dos Sindicatos da Tanzânia.

**PHDR** – Relatório de pobreza e do desenvolvimento Humano.

**PSI** – Serviço Público Internacional.

**PSRC** – Comissão de Reformas dos Setores Paraestatais.

**RAAWU** – Sindicato dos Pesquisadores e Acadêmicos.

**SACCO`s** – Sociedades de Cooperativas de Poupança e Crédito.

**SADC** – Comunidade de Desenvolvimento da África do Sul.

## **Apêndice 1: Abreviação de palavras.**

**ABSA** – Banco Amalgamado da África do Sul.

**AIDS** – Síndrome da Imunodeficiência aduirda.

**ASP** – Partido Afro Shirazi.

**BAKWATA** – Baraza Kuu la Waislamu Tanzania (Conselho Muçulmano da Tanzânia)

**BoT** – Banco da Tanzânia.

**CBO** - Organização com base na comunidade.

**CCM** – Chama Cha Mapinduzi. (Partido Revolucionário).

**CCT** – Conselho Cristão da Tanzânia.

**CHODAWU** – Sindicato dos trabalhadores da Conservação, Hotel e domésticos.

**COSATA** – Associação das Cooperativas de Fornecimento da Tanzânia.

**COTWU (T)** – Sindicato dos trabalhadores dos transportes e da comunicação da Tanzânia.

**CPI** – Índice de preços do Consumidor.

**CRDB** – Banco de desenvolvimento Rural e da Comunidade

**CUT** – Central Unica Dos Trabalhadores

**CWT** – Chama Cha Walimu Tanzania ( Sindicato dos Professores da Tanzânia).

**DOWUTA** – Sindiato dos trabalhadores das docas.

**ELRA** – Lei das relações de trabalho e do emprego.

**EPZ** – Zona de Processamento Econômico.

**ESAF** – Melhoramento de Ajustamento Estrutural.

**FDI** – Investimento Estrangeiro Direto.

**GDP** – Produto Interno Bruto.

**HDI** – Índice de desenvolvimento Humano.

**SAP`s** – Programas de Ajustes Estruturais.

**SME`s** – Empresas de pequeno e médio porte.

**TALGWU** – Sindicato dos Trabalhadores do Governo local da Tanzânia.

**TAMICO** – Sindicato das Minas e da Construção e dos Trabalhadores Aliados.

**TAMWA** – Associação das Mulheres da Mídia da Tanzânia.

**TANU** – Sindicato Nacional Africano de Tanganyika.

**TANZAM** – Ferrovia Tanzania – Zambia.

**TASU** – Sindicato dos Marinheiros da Tanzânia.

**TAZARA** – Autoridade das Ferrovias Tanzania- Zambia.

**TBL** – Cervejarias da Tanzânia.

**TEC** – Conferência Episcopal da Tanzânia.

**TEWUTA** – Sindicato dos Trabalhadores das Telecomunicações da Tanzânia.

**TFL** – Federação do Trabalho de Tanganyika.

**TFTU** – Federação de Sindicatos Livres da Tanzânia

**TGNP** – Programa de rede de trabalho do sexo da Tanzânia.

**TLWGU** – Sindicato dos Trabalhadores do Governo Local de Tanganyika.

**TMWU** – Sindicato dos Trabalhadores das Minas de Tanganyika.

**TNUT** – Sindicato Nacional dos Professores de Tanganyika.

**TPAWU** – Sindicato dos Trabalhadores da Agricultura e da Plantação.

**TRA** – Autoridade de Renda da Tanzânia.

**TRAU** – Sindicato das Ferrovias Africanas de Tanganyika.

**TRAWU** – Sindicato dos Trabalhadores das Ferrovias da Tanzânia.

**TRC** – Corporação das Ferrovias da Tanzânia.

**TShs** – Xelins da Tanzânia

**TTCL** – Tanzânia Telecommunication Limited.

**TUC** – Congresso dos Sindicatos.

**TUCTA** – Congresso Sindical da Tanzânia.

**TUGHE** – Sindicato do Governo e dos Trabalhadores da Saúde da Tanzânia.

**TUICO** – Sindicato Tanzaniano dos Trabalhadores da Indústria e do Comércio.

**TUJ** – Sindicato dos Jornalistas da Tanzânia.

**TUPE** – Sindicato dos Funcionários Públicos de Tanganyika.

**UNCTAD** – Centro das Nações Unidas para comércio e Desenvolvimento.

**UNDP** – Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas.

**UNI** – União de Estrutura Internacional.

**UNIDO** – Organização de Desenvolvimento Industrial das Nações Unidas.

**URT** – República Unida da Tanzânia.

**WIR** – Relatório de Investimento Mundial.